Organização
Fabio Shiva e Ivan de Ameida

ESCRITORES PERGUNTAM ESCRITORES RESPONDEM

COGITO

ESCRITORES PERGUNTAM, ESCRITORES RESPONDEM:

ESCREVER PARA QUÊ?

Organização:
Ivan de Almeida e Fabio Shiva

COGITO

SALVADOR
2016

Copyright © by: Autores
Todos os direitos reservados

Organização:
Ivan de Almeida e Fabio Shiva

Imagem da Capa:
Vintage old quill pen with inkwell on wooden table – 297059441
Direito Autoral de Imagem – BrAt82
Usado sob licença da Shutterstock.com

Revisão:
Fabio Shiva

Tratamento de Imagens:
Fabíola Campos

Projeto gráfico, editoração eletrônica e capa:
Ivan de Almeida e Fabio Shiva

Impressão e acabamento:
Letras e Versos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

E74 Escritores perguntam, escritores respondem: escrever para que? / Ivan de Almeida; Fábio Shiva (Orgs.). – Salvador: Cogito, 2016.
112 p.: il.

ISBN 978-85-63037-61-9

1.Escrita literária. 2. Escritores. 3. Leitores. 4. Leitura e escrita. 5. Literatura brasileira. I. Almeida, Ivan (Org.). II. Shiva, Fábio (Org.).

CDD: 808.0469

Ficha Catalográfica elaborada por Iramaia Ferreira Santana CRB-5/1303

Todos os direitos estão reservados. É proibida a reprodução total ou parcial deste trabalho, seja por meio eletrônico ou impresso, inclusive fotocópia sem prévia autorização e consentimento dos autores e da editora.

Eu devia estar entrando na adolescência quando li O Mistério dos MMM*, um romance policial escrito coletivamente pelos maiores autores brasileiros de ficção: Jorge Amado, Guimarães Rosa, Raquel de Queiroz, Antônio Callado e Orígenes Lessa, entre outros. Da história em si não lembro quase nada: foi o fascínio da ideia de um* livro coletivo *que permaneceu aceso em minha imaginação.*

Tempos depois, ao dar meus primeiros passos no penoso e doce ofício de escritor, tive a oportunidade de participar de diversas coletâneas de contos, crônicas, poesias. Todas essas experiências foram maravilhosas e somaram muito, mas em algum nível eu queria algo mais. De modo geral as antologias com vários autores funcionam como uma espécie de casa de cômodos, onde cada um ocupa seu espaço delimitado, sem interagir muito com os outros. Isso é ótimo na medida em que atende ao seu propósito, mas não chega a constituir uma criação coletiva de fato. E assim continuou insatisfeito esse antigo desejo de participar de uma obra escrita a muitas mãos.

Acredito que a vida existe para realizarmos nossos sonhos. E ficou cada vez mais forte esse sonho de um livro realmente coletivo, com vários escritores escrevendo juntos. Não cada um em seu quadrado, mas todos juntos e misturados. Será que daria certo? Só havia um jeito de descobrir.

O primeiro passo foi montar o time. Essa parte até que foi fácil: convidei alguns escritores amigos, cujo trabalho eu admirava. Os amigos convidaram outros amigos, e logo chegamos ao cabalístico número de doze autores (o projeto inicial previa apenas dez). Um momento fundamental na transformação do sonho em realidade foi quando o querido Ivan de Almeida*, grande poeta, ensaísta e editor da* Cogito*, abraçou o projeto e assumiu junto comigo a organização da obra.*

A estrutura do livro, em si, também é bastante simples. São apenas quatro capítulos, cada um deles dedicado a um tipo de perguntas: GERAIS, ESPECÍFICAS, PESSOAIS e INESPERADAS. Cada um dos doze escritores formulou uma pergunta para cada capítulo. Para definir quem iria responder à pergunta de quem, recorremos ao método imparcial do sorteio. Mas esse foi só o começo da história: todos os autores ficaram livres para comentar as perguntas e respostas dos demais. E foi aí que a coisa ficou bem interessante...

O livro é encerrado com um quinto capítulo, intitulado "ESCREVER PARA QUÊ?", onde buscamos levar ao máximo a proposta de compor um texto coletivo. Todos nós, juntos, escrevemos esse capítulo, sem nos preocuparmos em determinar quem escreveu o quê. Acho que não dá para ser mais coletivo que isso: meu sonho foi realizado!

Nem sempre o consenso foi alcançado. Aliás, o mais correto seria dizer que raramente chegamos a algum tipo de consenso. E que bom que foi assim! Quando há apenas uma pessoa escrevendo um texto, seu controle sobre o resultado final é praticamente absoluto (varia apenas de acordo com a técnica e a perícia de cada um). Já em um trabalho coletivo acontece o contrário: o controle é mínimo, para não dizer inexistente. Cada um pode dominar apenas a sua parte no todo, mas não há como prever ou determinar o que os outros vão dizer ou fazer. Essa, se bem me lembro, é uma das características mais deliciosas do Mistério dos MMM*: a sua absoluta imprevisibilidade. Quanto mais nós discutimos e discordamos ao longo do texto, melhor para o leitor e melhor para os próprios autores, pois assim todos têm acesso a mais opiniões e visões diferenciadas.*

Em resumo, esta é a proposta básica de nosso livro coletivo: doze escritores dos mais diversos estilos e tendências, cada um de seu canto do Brasil, reunidos para trocar ideias sobre a arte e o ofício de escrever. O resultado é este livro que está em suas mãos: um bate-papo divertido e muito sério, que instiga o leitor a participar ativamente da reflexão coletiva, investigando junto com os autores os bastidores da literatura moderna. Uma obra única e atual, recomendada a todos os que amam o mundo dos livros.

Então, querido leitor ou leitora, quero agradecer em nome de todos os autores por você ter decidido dedicar seu tempo, inteligência e energia na leitura desta obra. Esperamos que a experiência de ler este livro seja tão enriquecedora e divertida para você como foi, para nós, a experiência de escrevê-lo.

Boa leitura e tudo de bom,

Fabio Shiva

1

Perguntas GERAIS

Alexandre Bhering

Ben Oliveira

Fernando de Abreu Barreto

Ivan de Almeida

Mogg Mester

Sergio Carmach

Anorkinda Neide

Fabio Shiva

Gustavo Araujo

Maurem Kayna

Ricardo Bellissimo

Simone Marques

Você acredita que tem realmente talento como escritor?

Sim! Sou uma pessoa muito crítica e exigente. Se eu não acreditasse em meu talento, seria a primeira a procurar outra coisa para fazer. Tanto confio em meu talento, que deixei a profissão de minha formação para me dedicar única e exclusivamente à escrita; e não me arrependo.

Pode falar um pouco mais sobre essa decisão e suas consequências? Tenho certeza de que interessará aos leitores que procuram neste livro algum tipo de bússola para suas próprias inquietações.

Na verdade eu não tinha inquietações. Não pensava em seguir carreira como escritora. Eu amo lecionar e sempre acreditei que esse era o meu caminho. Meu processo de descoberta como escritora foi quase como um choque. Não, acho que foi *realmente* um choque. Alguma coisa se mobilizou dentro de mim depois de um sonho, o que me fez escrever vinte páginas de inspiração onírica. Quando li o que havia escrito, achei realmente bom; e confesso que me surpreendi com a construção que havia feito. Sabe quando você olha para o texto e diz: "Fui eu quem escreveu isso mesmo?" Então foi como se uma porta se abrisse. E as histórias começaram a pedir passagem, como se estivessem logo ali, aguardando esse meu despertar. Nos oito meses subsequentes, escrevi cinco livros e vários contos; e havia energia e ideias para muito mais. Não houve como eu voltar ao que era. Consequências? Várias, principalmente financeiras, mas eu precisava continuar. Era algo orgânico, um pouco difícil de explicar. E aqui estou há pouco mais de sete anos lutando essa batalha com a paixão dos guerreiros celtas que me inspiraram...

MOGG MESTER

Pergunta essencial para se falar de literatura. Embora básica, tem um peso grande e exige uma sinceridade profunda para ser respondida. Adoraria que ela tivesse sido feita a mim.
A resposta mostra o quanto a autora gosta de fato do que faz, independentemente de ter ou não talento. Para mim sua resposta mostra que tem, sim, talento. Poucos hoje em dia podem se dar o luxo de serem apenas escritores. Desejo a ela cada vez mais sucesso.

MAUREM KAYNA

Que *show*, Simone! E por seu comentário quanto às consequências financeiras, fica a pergunta que certamente interessará aos leitores: o lucro com livros tem peso atualmente na sua renda ou, como ocorre com muitos autores (quase todos), viver de literatura não é encarado como uma meta?

SIMONE MARQUES

Maurem, felizmente eu já passei daquela fase em que pagava mais do que ganhava com meus livros. Ainda estou no meio do caminho e não consigo viver de literatura, ainda preciso muito da ajuda e compreensão do meu patrocinador. Entretanto, hoje os gastos que tenho para produzir meus livros já são suportados pela venda deles; e isso é algo a se comemorar. E, sim! Eu gostaria muito de viver de literatura!

SERGIO CARMACH

Textos conformistas ou reconfortantes costumam ser associados a uma literatura popularesca por alguns. A literatura, artisticamente falando, deve incomodar de alguma forma o leitor, despertando reflexões?

MAUREM KAYNA

Sempre! Ler pode ser apenas diversão ou passatempo – não vejo problema nisso – mas mesmo um texto com essa função pode (e deve) ser construído de modo a oferecer um pouco mais que uma maneira de fazer os ponteiros do relógio avançarem. Literatura, como qualquer arte, deve fazer o sujeito mudar de alguma forma, precisa forçar os limites do conforto, acender a emoção não apenas com a comoção passageira provocada pelas desditas do personagem, mas também como uma forma de obrigar o leitor a se ver no espelho da página e, de preferência, ver aquilo que talvez preferisse não encarar. Isso faz o ser humano se mover. E não quero dizer que a literatura deva assumir um papel doutrinário ou de pregação moral, longe disso. Aliás, cada autor pode fazer o que bem entender com sua escrita; e há chances de encontrar leitores para qualquer abordagem e forma, especialmente com um bom plano de *marketing*.

Literatura serve (embora se possa dizer que, se é arte, não deveria ser utilitária, ter função específica como objetos o têm) para alargar o alcance de nossa visão, para fazer com que possamos perguntar mais e melhor sobre o que está ao redor. Saber que se pode, com os próprios olhos, mente e pés, expandir caminhos e possibilidades não é muito divertido e reconfortante? Eu respondo que sim. Quem mais?

Recentemente li alguns livros que, de certo modo, conversavam entre si – um de Vargas Llosa (*A Civilização do Espetáculo*)* e outro de Calvino (*Um Eremita em Paris*)**. No primeiro, Llosa lamenta e teme que já não haja espaço para grandes obras, porque estaria ocorrendo um fenômeno de "retirada da palavra", referindo-se ao atual predomínio da imagem (via cinema, televisão ou *web series*) na preferência geral. No universo da produção da escrita, segundo ele, o intelectual só interessará se entrar no jogo da moda e se tornar um bufão, cuja obra rapidamente será substituída pelo próximo tópico da moda, dada a volatilidade de tudo o que é (e precisa ser, para fazer a roda girar) consumido. Há muitas abordagens no livro que não endosso, mas ler é também isso, poder fisgar as frações que se julga ter valor das que se pode descartar ou questionar ativamente.

Já Calvino – falando do fenômeno hoje generalizado, na época ainda insipiente, do uso da figura do autor como meio de

divulgação da obra – diz que "quanto mais a figura do autor invade o campo, tanto mais o mundo representado se esvazia". O que extraio disso é que o cenário é propício à produção e venda de conteúdos moldados mais ao desejo do "consumidor" – em geral, usando o autor como embalagem para propaganda, sem importar muito o conteúdo. Porém, assim como ainda há gente interessada em escrever para provocar, acredito que haja gente querendo ler para ser instigada. E encerro também com Calvino:

"O que eu escrevo tenho de justificá-lo até para mim mesmo, como uma coisa não apenas individual. (...) Não foi à toa que passei muitos anos da minha juventude roendo meu fígado naquela quadratura do círculo que era viver as razões da literatura e do comunismo ao mesmo tempo. Um falso problema. Mas sempre melhor do que nenhum problema a ser resolvido".

---

* VARGAS LLOSA, Mario. *A Civilização do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013 (e-book)
** CALVINO, Italo. *Eremita em Paris*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 1a edição.

MOGG MESTER

Pergunta sensacional. Esse tipo de pergunta me inspira a escrever. Poder falar sobre o que se pensa da literatura, como escritor, é algo gostoso e divertido.

SIMONE MARQUES

Gosto de pensar que determinadas leituras não anseiam mais do que a simples fuga de momentos de estresse e diversão. Como leitora e escritora de ficção e fantasia, acredito que a literatura deva provocar a imaginação. E isso também não significa que esse tipo de literatura seja conformista ou reconfortador. Nem sempre estamos dispostos a transcender a história e ir buscar os porquês das ações, tentar compreender nós complexos arquitetados pelo autor e os meandros filosóficos que o fizeram chegar ali. Costumo dizer que há dias em que preciso ler algum livro que não me faça pensar em nada, que apenas me proporcione horas agradáveis de desligamento da realidade.

MAUREM KAYNA

Muitas grandes obras, capazes de provocar reflexões profundas, também podem ser lidas como passatempo, Simone. Mestres da literatura são capazes de produzir obras que têm diversas "camadas", oferecendo uma história que entretém e, nas camadas sutis do subtexto, que pode desacomodar e provocar uma avalanche de reações, dependendo da disposição e bagagem do leitor.

RICARDO BELLISSIMO

A literatura, antes de incomodar, pode ensinar ao leitor algo de muito sublime: dar importância às "insignificâncias" da vida. Desde um gesto ou um choro ignorado pela multidão egocêntrica e apressada das cidades até as vidas esquecidas em campos ermos, que poderiam passar ao largo da percepção emocional do leitor caso ele não pudesse se deter sobre elas pelo viés lírico, ou mesmo sórdido, proporcionado unicamente pela narrativa de um livro. Muitas vezes, só acompanhando as agruras ou deleites de um personagem é possível despertar no leitor sentimentos de empatia e compaixão, que são absolutamente fundamentais para começarmos de fato a falar em educação e respeito numa sociedade.

Que paradigmas a nova literatura nacional precisa romper para que a literatura brasileira se renove e se torne uma referência mundial?

MOGG MESTER

RICARDO BELLISSIMO

O paradigma fundamental a ser rompido está justamente na formação do próprio leitor brasileiro, que, antes de tudo, precisa dispor de livros de qualidade a preços acessíveis para assim poder refinar, por si mesmo, o seu gosto literário.
É necessário, para tanto, o aporte de uma ampla política governamental que fomente tal anseio, com leis que tangenciem

desde a redução de impostos para gráficas que imprimam livros com papel de reflorestamento até incentivos fiscais que favoreçam a operacionalidade necessária ao funcionamento de pequenas e médias editoras. E das grandes também.
Em decorrência desse aprimoramento paulatino, no qual se procuraria estruturar um público mais qualificado, as próprias editoras, por sua vez, estariam mais atentas para guarnecer o mercado editorial com obras que não se preocupassem, necessariamente, apenas com o apelo comercial.
No entanto, como livros mais elaborados ainda são armas poderosas contra eventuais abusos de poder – já que a leitura é responsável por formar cidadãos mais conscientes de seus próprios anseios e direitos – é igualmente necessário um amadurecimento profundo das instituições democráticas para que um projeto sério de incentivo à leitura possa, de fato, ocorrer no Brasil.
Nesse percurso, é igualmente importante o incentivo à formação de excelentes tradutores que possam prover o mercado editorial brasileiro com obras de alta qualidade, sem desvirtuamentos em relação às versões originais.
Também é fundamental desconstruir o mito de que o brasileiro não lê. Quando há ofertas e promoções significativas em livrarias e feiras alternativas, nas mais diversas cidades brasileiras, quase sempre são vendidos todos os exemplares expostos.

SIMONE MARQUES

O paradigma que precisamos romper é aquele que faz os leitores acharem um livro bom por haver uma pilha enorme dele numa livraria ou por estar escrito na capa que vendeu mais de um milhão de cópias; ou, ainda pior, que os faz acharem um livro bom apenas se estiver publicado por uma grande editora. No mercado, há muitos exemplos de livros ruins que vendem muito porque investiram em propaganda e *marketing* pesado; e o leitor brasileiro se rende a esses encantos.

MAUREM KAYNA

Hoje até já existem benefícios fiscais com relação ao papel usado em impressão de livros. Todo papel produzido no Brasil é oriundo de plantações florestais – árvores plantadas para suprir

essa produção e replantadas após cada colheita – e não de florestas nativas.
Quanto ao amadurecimento das instituições, acredito que não se pode pensar na formação de leitores como atribuição do governo, pois isso implicitamente lhe contraria os interesses; as parcelas lúcidas da sociedade é que precisariam tomar o leme desse desafio...

RICARDO BELLISSIMO

Não me refiro em absoluto, Maurem, ao fato de o governo deter em última instância o complexo atributo de gerir o que os alunos devam ou não ler. Isso, obviamente, seria um retrocesso medonho para qualquer instituição democrática, sobretudo educacional. Mas não podemos esquecer que as escolas públicas são sustentadas unicamente com o dinheiro de nossos impostos, gerido apenas pelo governo. Mas, claro, a sociedade civil deve estar bastante atenta aos programas escolares ligados à leitura, seja em escolas públicas ou particulares, nos locais em que os alunos estudam. Da mesma forma, a parcela lúcida da sociedade a que você se refere também precisa pressionar órgãos governamentais responsáveis pela construção de bibliotecas públicas de qualidade em vários bairros de uma cidade, sobretudo em comunidades carentes, ajudando com isso a disseminar o hábito da leitura. E ajudar ainda a promover, nesses mesmos locais, debates e brincadeiras lúdicas que envolvam histórias trazidas pelos livros, fazendo uma importantíssima mescla com as histórias pessoais dos próprios alunos, a fim de estimular a criança e o jovem a se interessarem cada vez mais pelo universo da literatura.
Quanto ao papel do reflorestamento, acompanhei alguns casos de gráficas clandestinas espalhadas por inúmeras regiões do Brasil, sobretudo no interior do Estado do Amazonas, que imprimiam folhetos (muitos de cunho político), sem que, no entanto, possuíssem qualquer preocupação com a aquisição de papel advindo do replantio de árvores. O descaso com o papel de reflorestamento deveria, por isso, tornar-se um crime grave contra o meio ambiente, com punição e multas severas a quem descumprisse a lei. E o infrator deveria ser igualmente impedido de exercer qualquer atividade que viesse a utilizar produtos ou subprodutos florestais.

MAUREM KAYNA

Fecho contigo, totalmente. Mas isso só se rompe, me parece, revolucionando a educação e o valor que a leitura tem na vida cotidiana. Ricardo, absolutamente todo papel produzido no Brasil vem de plantações florestais. Somente o hemisfério norte ainda tem uma produção oriunda de florestas nativas. E me permito insistir nisso, porque sou engenheira florestal e tenho conhecimento desse mercado.

SIMONE MARQUES

A literatura pode influenciar comportamentos e a construção do imaginário popular de diferentes gerações?

MOGG MESTER

Acredito que mais até do que isso. Ela modela e remodela a cada geração esse imaginário, cada obra agindo com mais ou menos força conforme as flutuações, a moda, o estilo e as preferências do momento. Uma obra, a depender de seu tema e da forma como é desenvolvida, pode ativar a imaginação do público e seduzi-lo a criar mais coisas a partir dessa ideia inicial. No século XIX, Mary Shelley, com sua obra *Frankenstein*, mexeu com o imaginário popular de tal forma que até hoje o personagem é explorado pelo cinema, em *animes* ou seriados. Mais adiante, personagens de livros influenciaram comportamentos de jovens assim como personagens de James Dean fizeram a cabeça da juventude de sua época. Mas é preciso ver que o personagem de uma época tem mais influência nela. Sr. Pickwick era um personagem do século XIX, e teve uma maior representatividade naquele período. Não significa, porém, que não possa ter nos tempos modernos algum poder sobre o leitor que por ele se apaixone.

SIMONE MARQUES

E quanto ao imaginário que temos hoje, com o aumento substancial dos gêneros erótico, distópico e fantasia, o que acha que podemos esperar dele?

MOGG MESTER

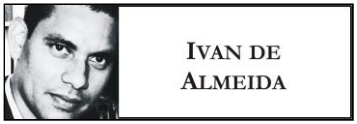
Uma expansão grande. Diria que colossal. Pelo que tenho observado, está cada vez maior. Distopias existem a partir do momento em que o homem repensa a sociedade em que vive. Elas são uma forma de crítica ao que se tem, em busca de se pensar o novo. Daí surgem as utopias na literatura. Mas o homem, na qualidade de ser incompleto, sempre está insatisfeito com o que tem. Nossa época é um dos momentos em que o escritor e a sociedade precisam pensar e repensar mais o que se tem.

Orwell e Huxley, dentre muitos outros, são quase proféticos em suas obras. São quase projetistas de um futuro que a literatura busca retratar, talvez na vã tentativa de evitar o fiasco a que estamos chegando. Em consequência a esse panorama pessimista, talvez realista, surge a força na apelação maior pelo erotismo como meio de compensação. Compensam-se as perdas apontadas pela distopia com erotismo. Huxley, em *Admirável Mundo Novo*, representa o sexo como algo comum, vulgarizado. Freud já falava do princípio do prazer para reduzir as tensões. Todos temos um *voyeur* em nós que busca se realizar com o erotismo no outro, seja por filmes, por outros parceiros reais ou por personagens de livros. Por fim, esse desespero leva o ser humano a procurar suas raízes na fantasia, quem sabe para encontrar possibilidades mais otimistas.

A literatura fantástica, para além do entretenimento, envolve simbolismo relacionado ao inconsciente e uma perspectiva de magia, magia esta que pode alterar a realidade ao redor daqueles que a vivenciam. Não seria isso um desejo, uma maneira de mudar o nosso mundo magicamente, já que não nos é permitido alterá-lo de outras formas? Por isso, acho que podemos aguardar uma maior intensificação no foco sobre essas temáticas.

Livros como *A Casa dos Budas Ditosos*, do mestre João Ubaldo Ribeiro, só a título de exemplo, estão cada vez mais em voga. O cinema nos traz a possibilidade de visualizar a fantasia descrita em livros e quadrinhos. O mercado mundial pede por isso, porque a realidade está cada vez mais insuportável. Cabe aos autores ouvir ou não o pedido de seus leitores. Cabe ao escritor ser o portador da voz do tempo que ele representa.

O que mais incomoda você a respeito da literatura?



A superficialidade é um mal que a modernidade carrega como traça a corroer o belo. Isso se deve muito ao comportamento do homem contemporâneo, pautado nas facilidades promovidas pelas novas tecnologias. Hoje, é raríssimo encontrar grandes autores, o que temos são aqueles promovidos pela indústria editorial, mas sem muita substância. Outro ponto que me irrita imensamente é a falta de apoio aos novos.

Compreendo, mas não creio que esse apoio tenha existido realmente em qualquer tempo. Joyce só foi publicado e alcançou o lugar que alcançou graças a um número pequeno de pessoas que acreditou nele (além dele mesmo), mas isso não estava disponível de modo institucionalizado para qualquer novato que surgisse.

A banalidade também me incomoda muito, Ivan. Sinto que isso afeta não apenas a literatura, como todas as artes e nossa sociedade de modo geral. Vivemos hoje quase que uma ditadura da mediocridade! Uma pessoa já não tem mais o direito de dizer que não gosta do superficial, pois é logo tachada de preconceituosa...

Maurem, achei muito oportuno você ter citado Joyce, que tem muito a ver com o que estamos conversando aqui. *Ulisses* é hoje tido como clássico, obra complexa e profunda – o que é realmente, sem dúvida! Mas depois de ler o livro, fiquei com a impressão de que o grande impacto provocado pelo texto está mais no tanto de sexo que na qualidade literária propriamente... Será impossível fugir de algum tipo de apelação para chamar a atenção do leitor?

SERGIO CARMACH

Não parece provável que o apoio aos novos escritores – feito de maneira genérica – um dia será a regra, pois não é lógico peneirar talentos na massa. Isso dá trabalho e custa caro. Imagino que um autor iniciante e sem acesso à grande mídia só receba apoio de forma eficiente e efetiva em duas circunstâncias: 1) quando ele consegue, tendo competência literária ou não, fazer uma editora comercial considerar seu livro um excelente investimento; 2) quando ele faz seu texto ser enxergado como uma obra de arte por um mecenas ou alguém/um grupo influente, o qual, por puro amor à literatura, passa a patrociná-lo ou a promovê-lo. Um novo autor, por mais talento que tenha, envelhecerá na obscuridade se não cavar uma dessas duas situações. E não adianta reclamar da falta de apoio. É preciso aceitar que a realidade não é fácil ou justa. Cabe citar aqui o italiano Gesualdo Bufalino. Apesar da pena competente, ele só foi reconhecido aos 61 anos, após cair nas graças do amigo e já famoso escritor Leonardo Sciascia. Assim é a vida.

SIMONE MARQUES

Para mim, o que mais incomoda são os autores pretensiosos, que se consideram inventores da pólvora e que muitas vezes se utilizam da literatura para tentar mostrar aos outros como são pensadores melhores e estrelas brilhantes.

Qual o nível de influência das publicações estrangeiras no mercado literário brasileiro atualmente? Existe, ou melhor, persiste a literatura genuinamente brasileira hoje em dia?

GUSTAVO ARAUJO

SERGIO CARMACH

Definir criteriosamente o que é uma "literatura genuinamente brasileira" não é tão simples. Antes de tudo, seria necessário considerar duas questões: a temática (o texto precisaria trazer uma história sob a ótica do

homem brasileiro) e a estilística (a escrita, a despeito do estilo pessoal, deveria seguir uma estética que caracterizasse a nossa literatura). No entanto, como não faz muito sentido exigir do escritor uma redação enquadrada em uma "forma nacional" (seria o mesmo que exigir do músico a utilização exclusiva de ritmos tupiniquins – como o samba ou a bossa-nova – para considerarmos uma composição como "genuinamente brasileira"), apenas a primeira questão – a temática – parece ter alguma relevância em uma discussão sobre o assunto.

Porém, mesmo impondo essa restrição, continua difícil definir o que seria uma escrita nacional genuína. Há muito tempo – em especial nas grandes cidades, onde se concentram os leitores em potencial – as pessoas vêm incorporando estrangeirismos impossíveis de ignorar, trazendo à nossa cultura elementos diferentes das manifestações e mazelas típicas do país e dos tradicionalismos. Algo antes tido como uma conduta americanizada pode, hoje, ser considerado um costume daqui.

Neste mundo globalizado, talvez seja necessário repensar o conceito de "literatura genuinamente brasileira". A um autor que discordasse dessa afirmação, e que quisesse manter-se fiel ao brasileirismo clássico, praticamente só restariam temáticas sociais ou regionais para trabalhar suas obras.

E o que dizer dos autores de ficção científica, que ambientam seus personagens em outros mundos e apresentam tecnologias muito distantes de nossa realidade, ou de aventura, que ousam apresentar criaturas jamais vistas em nosso folclore e cenários povoados por formas de vida bem diferentes das encontradas em nossa fauna e flora? Estariam eles fugindo do "genuinamente brasileiro"? Deveriam os autores se filiar a uma espécie de Movimento Armorial e incorporar o espírito artístico ultranacionalista de Ariano Suassuna? Refletindo bem sobre o assunto, não me parece uma boa ideia os escritores se preocuparem em afirmar sua nacionalidade na literatura, que é algo universal. E, caso algum autor persista nessa linha, deve considerá-la uma ideia pessoal, não uma obrigação coletiva.

Mas considerar a literatura como um ente universal e despojar-se de um brasileirismo xiita não significa se entregar à alienação e à dominação. É nesse ponto que entra a questão da influência das publicações de outros países no mercado literário brasileiro. Não há como negar a invasão dos livros estrangeiros estritamente comerciais às livrarias nacionais. De tempos em tempos, novas

ondas – ou melhor, *tsunamis* – arrebentam por aqui, bombardeando os leitores com tendências literárias duvidosas. Histórias de vampiros, *chick lits*, tramas *hot* e uma infinidade de modismos de outras terras conquistam cada vez mais as massas, influenciando nossos autores – em especial os independentes – ávidos por seguirem a trilha de sucesso dos colegas internacionais. Para quem está começando, parece mais fácil, mais divertido e mais rentável deixar-se dominar, pois dedicar-se a uma fórmula apelativa pronta demanda menos esforço intelectual e criativo, traz ao ato de escrever aquele prazer imediato que só as coisas óbvias podem proporcionar e permite ao autor sonhar com a adesão do grande público. Por que, então, dedicar-se a uma literatura mais trabalhosa, ousada e "chata", principalmente ao se constatar que algumas editoras independentes vêm crescendo a olhos vistos ao explorar novos autores brasileiros focados naquele outro filão do mercado?
Diante desse cenário, é possível dizer que uma (má) influência estrangeira está impregnando paulatinamente a nossa literatura. É também possível concluir que desprezar uma linha "genuinamente brasileira" (algo positivo) não é o mesmo que entregar-se à comodidade das receitas literárias populares estrangeiras (algo negativo).
Discutir a influência crescente da baixa literatura internacional nas mentes de novos escritores nacionais que atuam no mercado literário independente é, conforme visto, importante, mas trata-se apenas de uma das abordagens possíveis para o tema levantado pelo Gustavo, capaz de gerar muitas outras reflexões.

MOGG MESTER

Reflexão importante e repleta de uma preocupação que creio ser a de todos os autores nacionais, mesmo que seja nos sonhos. É uma pergunta provocativa e muito legal. Eu particularmente não acredito mais em uma literatura nacional. Não como a de trinta ou quarenta anos atrás. A globalização está nos tirando isso aos poucos. Espero que consigamos nos definir, em termos de literatura nacional, em um futuro próximo.

O desafio do escritor contemporâneo, para ter uma chance no mercado editorial, é produzir algo que seja comercializável e que, ao mesmo tempo, tenha qualidade. É possível conciliar qualidade literária e valor comercial? Podem a literatura e o mercado editorial andar de mãos dadas?

Sim, podem. O mercado depende menos das editoras e dos escritores que dos leitores. Discute-se muito a influência de grandes editoras sobre o gosto popular, mas na verdade quem orienta as vendas são os leitores. Negar a importância da publicidade nessa discussão é tolice, mas a questão tem raízes mais profundas. O Brasil é um país sem leitores em comparação a outros mercados. Enquanto aqui são lidos quatro livros ao ano em média, na França e na Espanha se leem mais de dez, reflexo claro do nosso sistema de educação, que não prioriza ou incentiva a leitura e não cria mecanismos para divulgar a literatura como lazer. Para o brasileiro, ler é chato. No entanto, o fenômeno é relativo. Na Argentina, país latino com o maior número de livrarias *per capita* e onde a literatura é apresentada com um tanto mais de importância, a média de livros lidos por habitante não é muito superior à do Brasil, o que reforça a tese de que os sistemas de educação menos robustos terminam por influenciar negativamente também a literatura.

A educação de qualidade melhora tudo ao seu redor, desde a saúde e o acesso ao trabalho até a vida cultural de uma sociedade. Daí que podemos medir a qualidade da educação de um povo pela qualidade dos livros que aquele povo lê.

Alie-se a isso a dificuldade do brasileiro residente nos grandes centros em aceitar e se identificar com ícones culturais nacionais e nós entenderemos o panorama atual, em que autores iniciantes contemporâneos adotam uma voz mais palatável e internacional, que chamam comercial, preocupados com cifras e listas de livros mais vendidos. Nesse sentido, César Aira radicaliza. Para esse

escritor argentino, o autor deve se desvencilhar do livro assim que termina de escrevê-lo; venda é coisa de vendedor, escritores apenas escrevem. E quando escrevem, acrescento, devem se preocupar exclusivamente com a qualidade literária. Parece uma visão romântica, mas não é, porque é, sim, possível conciliar alta literatura e valor comercial. Para que um texto tenha força de mercado, ele precisa ser atual, dinâmico e conter alguns ganchos que façam o leitor se identificar com a obra. Para ter valor literário, um livro deve dialogar de forma original com a linguagem, deve modificar algo na literatura. São alguns elementos básicos que não me parecem incompatíveis. Existem muitos exemplos de comunhão entre alta literatura e mercado, mas prefiro terminar com uma provocação, lembrando o inexplicável caso de antagonismo entre Hilda Hilst e E. L. James. Ninguém tratou de sexo com a competência e a elegância da escritora paulista. Hilst apresentou uma obra original que passeou pelo tema com grande contribuição para as Letras. No entanto, fora do meio literário, pouca gente abaixo dos trinta anos ouviu seu nome. A britânica, por seu turno, chegou a vender treze livros por minuto no Brasil, ultrapassando a marca de cem milhões de cópias vendidas pelo mundo. Parece que sua maior influência está no aumento da venda de mercadorias eróticas para donas de casa e no surgimento de uma tropa de escritores de *soft porn*. Não vejo como a melhor das contribuições. O que explicaria esse antagonismo entre Hilda e Erika no que se refere à qualidade das letras e o sucesso comercial? Ninguém saberia dizer, mas não tenho dúvida de que é mais fácil tornar a obra da paulista vendável que premiar a londrina.

MAUREM KAYNA

Acho Hilda Hilst bárbara e adoraria concordar contigo, mas vejo pouca possibilidade de torná-la realmente vendável, pois para ler HH é preciso ter uma base de vocabulário e habilidade de leitura/interpretação que grande parte dos leitores de hoje não dispõe. Ela não tem uma escrita fácil, desde a estrutura das frases até a arquitetura geral da história. São textos bárbaros, contundentes, mas certamente não palatáveis para grande parte dos leitores, especialmente os abaixo de 30. Uma pena, penso eu...

SIMONE MARQUES

A diferença entre as duas é exatamente essa, Maurem. Significa que uma delas quer falar aos leitores, independente de seu vocabulário e formação, enquanto à outra interessa o público maduro, com referências necessárias à compreensão. É uma questão de público-alvo, creio eu.

MAUREM KAYNA

Acho que sim, Simone. São propósitos diferentes no escrever e no diálogo, o que imagino ser sempre a pretensão de um escritor. Cada uma tem um interlocutor diferente no pensamento. Mas realmente acho uma pena não haver um número de interlocutores maior para "dialogar" com obras como a de HH.

ANORKINDA NEIDE

Tenho convicção de que a Arte tem como função curar, seja no âmbito emocional, psicológico ou espiritual. Podemos estabelecer um movimento catártico com a leitura de uma obra literária na medida em que dele necessitemos ao tempo e à hora da referida leitura. Porém, nos dias atuais, vemos crescer uma literatura mais rasa, sem interpretações importantes, com histórias rápidas para serem lidas às pressas por leitores acelerados. Será possível um envolvimento do leitor com a obra nesses termos? Será que as necessidades emocionais, psicológicas e/ou espirituais dessas pessoas estão num nível bem diverso daquelas dos leitores que usufruem da literatura clássica?

FABIO SHIVA

A arte genuína promove sempre algum tipo de transcendência: a expansão de consciência que acompanha o alargamento de horizontes, a descoberta de novas perspectivas e pontos de vista, o intenso sentimento de exultação e arrebatamento que experimentamos quando temos contato com uma verdadeira obra de arte. Nesse sentido, uma das funções primordiais da arte é certamente a cura, em todos os níveis.

É por esse motivo que qualquer manifestação artística que não busque libertar está equivocada de alguma forma. Aquilo que não liberta ajuda a escravizar, deixa de ser arte. Vira apenas mais uma engrenagem na indústria do entretenimento. É daí que vem essa sensação de águas rasas, de pouca profundidade. Uma literatura rasa reflete uma sociedade rasa. E essa também é uma função essencial da arte: ser um reflexo da sociedade.

A diferença maior entre um clássico e um *best-seller* contemporâneo não está, ao contrário do que se poderia supor, em fatores externos, como a linguagem utilizada, a estrutura da trama ou o estilo da narrativa. O abismo que se impõe entre as pífias obras atuais e os colossos do passado reside, antes, em uma diferença intrínseca e essencial: os clássicos da literatura, como todas as obras de arte, são ancorados em valores espirituais que estão obliterados da contemporaneidade, sacrificados que foram no altar da ciência tecnológica mecanicista. Afirmando ou refutando esses princípios espirituais, os clássicos sempre dialogam de alguma forma com a pergunta primordial: qual é o sentido da vida? Para o homem moderno, essa pergunta tornou-se quase um tabu. Os valores espirituais que norteavam a vida foram abolidos, mas até hoje nada realmente válido foi colocado no lugar. Daí essa sensação de vazio, esse "mal-estar na civilização".

Os clássicos estão conectados com o que há de universal em cada homem, com o que há de sagrado e eterno. Já os sucessos do momento atual são embalados unicamente pelo giro da roda do consumo. E por isso a literatura de massa é necessariamente rasa, inócua, efêmera, descartável. É preciso manter a roda girando, com novos produtos a cada dia para substituir a novidade de ontem. Isso diverte até certo ponto: não à toa usa-se a expressão "indústria do entretenimento". Mas ela não sacia. A mente e os sentidos são facilmente ludibriados pela grande

máquina estupefaciente, mas algum recanto no âmago da alma continua insatisfeito. É que a necessidade pela arte nasce no espírito humano, é uma fome profunda, que não pode ser aplacada com placebos.
O homem hoje está entorpecido pela tempestade de informações superficiais que se abate sobre ele a cada dia. Mas sua alma está profundamente enferma, sofrendo ao mesmo tempo de indigestão e anemia. Alguns, os casos mais patológicos, até se consideram perfeitamente felizes e adaptados ao sistema. Mas é evidente que isso não se sustenta por muito tempo. A reviravolta iminente é tão bem-vinda quanto inevitável.

MAUREM KAYNA

Gostaria de ter fé nisso, mas não tenho...

ANORKINDA NEIDE

Sempre há para a humanidade vários caminhos, alguns mais visíveis, outros percebidos somente por olhares atentos ou imersos em determinado movimento. Assim, perpetuam-se os clássicos, mas em todas as esferas da Arte sempre houve movimentos mais popularescos, superficiais, que por sua natureza não chegaram ao nosso conhecimento; efêmeros que eram, extinguiram-se.
Às pessoas que sentem o chamado da alma por aprofundamento, cura e preenchimento, sempre haverá aquele trabalho artístico que as alcançará; e quem não está nessa busca será entretido por modismos. Compreendo a fé de Fabio Shiva numa reviravolta e entendo que todos, em determinado momento, usufruirão da cura promovida pela arte; porém cada alma a seu tempo, não em um movimento de massas, mas em movimentos sutis e individuais.

FABIO SHIVA

Não percebo isso como uma questão de fé. Toda decadência na arte aponta para uma decadência na sociedade. O destino inevitável de uma sociedade decadente é a desintegração, é ser suplantada por um novo modelo, por uma nova forma de

organização social. Foi assim com o Império Romano, foi assim com a Grécia antes dele e com a China antes ainda: as artes sempre mínguam quando algo grande precisa mudar. Vou exemplificar essa questão um pouco mais em detalhes. Durante a Idade Média, as ciências e artes passaram por um longo e tenebroso período de asfixia, pois tudo o que feria os dogmas da Igreja era proibido e punido até com a morte. De modo semelhante, hoje vivemos algo como uma Idade Média às avessas, onde a Ciência desempenha o papel de guardiã dos dogmas que antes cabia à Igreja. Poucas pessoas percebem esse papel retrógado desempenhado pela Ciência nos dias de hoje: só é considerado verdadeiro aquilo que foi comprovado por ela; por extensão, só existe aquilo que ela já comprovou. Essa postura dogmática (e totalmente anticientífica em sua essência) bane como superstição e crendice todo tipo de experiência espiritual. É esse esvaziamento, em minha opinião, o grande responsável pela decadência nas artes. Contudo, assim como o Iluminismo e o Renascimento suplantaram a Idade das Trevas, nós também experimentaremos alguma revolução semelhante, que restituirá ao homem o direito ao conhecimento pleno, pois não deveria existir contradição entre ciência e espiritualidade. Já estamos chegando a esse inevitável ponto de mutação, sinalizado justamente pelo atual estado de inanição das artes em geral e da literatura em particular. Será assim que a nova arte surgirá: através do iminente fim do mundo como nós o conhecemos.

Essa discussão me faz lembrar uma cena do filme *O Sorriso de Monalisa*, na qual a professora de Artes apresenta a foto de uma pintura, que não é clássica e, tampouco, conhecida das alunas. A professora acaba por revelar que aquela pintura foi ela quem fez quando criança. Então uma das alunas diz "Isso não é arte!", ao que a professora responde com uma nova pergunta: "Por quê?" A aluna, desdenhando do desenho, diz: "Porque alguém precisa dizer que é!" A professora afirma: "É arte!" E a aluna responde com arrogância: "As pessoas 'certas' têm que dizer..." Há muitas obras excelentes que falam ao público jovem contemporâneo com uma linguagem acessível, que alcança as novas gerações, para quem olhar para um clássico da literatura é como olhar uma máscara mortuária de Tutancâmon...

RICARDO BELLISSIMO

Não creio que apenas um texto elaborado, ao que se convencionou enquadrar como alta literatura, possa promover, por assim dizer, expurgos da alma. É preciso igualmente reconhecer que um texto breve, elaborado às vezes com ingenuidade ou até mesmo por meio de estruturas dramáticas despojadas dos cânones mais sofisticados ou intelectualizados, pode gerar, sim, arrebatamentos profundos nas emoções do leitor; e que este talvez não os tivesse caso lesse o que se convencionou qualificar como um clássico.

Clássico, para mim, é tudo aquilo que não cai facilmente no esquecimento, pois marcou de maneira única e vertiginosa o seu receptor, independentemente da época e do estilo em que foi produzido. Textos sem um mínimo de honestidade e significância – ou seja, textos que não se intimidam a ponto de se deixarem corromper só para agradar aos outros – caem por si mesmos no esquecimento. A título de exemplo, cito a leitura de um simples haicai. Esse tipo rápido e minimalista de texto pode, em alguns casos, mexer profundamente com toda a estrutura psicológica de um leitor, mesmo que ele já seja bastante escolado em textos mais cultos e refinados. Também já me deparei com poesias e livros escritos por presidiários e moradores de rua semianalfabetos, que, mesmo longe de possuírem uma estrutura narrativa mais elaborada, pareceram-me conter infinitamente mais sentimentos e críticas sociais do que dúzias de livros que acadêmicos mundo afora teimam impor por seu eruditismo.

E justamente por trabalhar com a ferramenta mais dinâmica de uma sociedade, que não é outra coisa senão a própria palavra, a literatura precisa continuamente se atualizar para assim se disseminar, tal qual ocorre com as gírias. A linguagem narrativa precisa, por conta disso, ser naturalmente renovada sem se preocupar com esteios e estilos do passado, padrões estabelecidos por regras gramaticais ou algo semelhante. A arte literária deve incorporar sabiamente o espírito de seu tempo, de sua época, mesmo que deseje falar de idos remotos, pois até um leitor que se debruce sobre um romance histórico acaba, inevitavelmente, por traçar inúmeros paralelos com o mundo em que vive, buscando de alguma forma respostas, inconscientes que sejam, para as aflições, dúvidas e angústias de seu próprio tempo.

Como é possível produzir uma literatura contra-hegemônica em uma contemporaneidade pragmática, tecnicista e refém do capitalismo?

BEN OLIVEIRA

Uma literatura contra-hegemônica, nos dias atuais, pode ser viabilizada através de projetos de financiamento coletivo (*crowdfunding*), da autopublicação e até mesmo da produção em formato digital (*e-book*), de forma gratuita ou a valores acessíveis. Se o maior impedimento atual são a lógica do mercado editorial e a mídia, ambas extremamente ligadas ao capitalismo, com a Internet inúmeras opções estão disponíveis para driblar essas limitações e mostrar que o ciberespaço é um terreno fértil para a democratização das informações e do conhecimento, podendo levar essas discussões para as esferas sociais. Já a produção literária viria da transformação da visão do autor, ao se questionar: a prioridade em sua literatura seria a mensagem e as reflexões proporcionadas ao longo da leitura ou o mero entretenimento, com elementos que possam emocionar o leitor e fazer sucesso? Ao apresentar um ponto de vista conflitante com os privilegiados pela mídia e pelo mercado editorial, o autor entra no terreno da crítica, abre os olhos do leitor para questões antes evitadas, dá vozes aos personagens silenciados e, através dessa transformação, possibilita a identificação, questiona conflitos, pensa soluções e mostra tudo aquilo que era ocultado. A literatura pode debater assuntos deixando de lado as hipocrisias sociais; como diria o colega escritor Ricardo Bellissimo: "É preciso saborear a margarina putrefata que os comerciais sempre dão um jeitinho de esconder".*

---

* BELLISSIMO, Ricardo. Disponível em: http://www.benoliveira.com/2014/07/entrevista-escritor-ricardo-bellissimo-fala-sobre-romances-acidos-processo-criativo.html Acesso em: 15 fev. 2016.

MOGG MESTER

Concordo com o Ben Oliveira. Recursos para se resistir a esse mercado existem.
A autopublicação (falo de quem

a buscou, pelo menos, por uma leitura crítica) é outra saída que se assoma como uma proposta sedutora a autores que podem se bancar. O problema é que o mercado de distribuidores, por exemplo, é limitado em alguns lugares, além de muitas editoras que realizam esse trabalho serem desonestas com o autor, que está sempre sujeito a golpes, mesmo pesquisando muito. Contudo, acredito em um futuro melhor para esses aventureiros. Se não acreditasse, não seria um.

A literatura enquanto um exercício de opção para o Real: seria então o imaginário o lugar onde os possíveis oferecem alternativas ao bruto da vida? Ou na verdade é o consentimento tido como secundário às regras invioláveis das censuras que glossam o que não interessa ao que é dominante?

O ato de ler (e de escrever ficção) pode ser considerado uma válvula de escape, um abrandamento de dores causadas pela brutalidade da vida em pessoas sensíveis. Estamos falando aqui de uma literatura leve, fantasiosa, "água com açúcar". Os finais felizes produzem no leitor (e, porventura, no autor) uma sensação de realização, de ordem no caos, fazem bem e libertam de um peso, provocado pelo enredo até seu desfecho, ou mesmo um peso provocado pelo cotidiano real. Misturam-se as emoções, pois elas independem de razões e não precisam diferir entre o real e o imaginário.

Essa é uma das possibilidades, sem dúvida, mas há tantas outras.
E há tantas obras com finais não felizes, tão ou mais duros que a realidade ao redor e que, ainda assim, alimentam a alma pelas reflexões ou desacomodações que promovem.

ANORKINDA NEIDE

Sim, e complemento com a menção que o Alexandre faz sobre as censuras sociais... Na literatura permite-se a incursão em acontecimentos desagradáveis, tragédias e crimes, com os quais não coadunamos na vida real, mas que passam a ser possíveis na qualidade de imaginação, causando-nos satisfação porque aqueles fatos jamais serão vivenciados em plenitude (ou assim grita nosso desejo por paz e equilíbrio).

Todo autor é um personagem?

FERNANDO DE ABREU BARRETO

ALEXANDRE BHERING

Eis que a pergunta institui o dois já de pronto, como a caracterizar uma dupla onde o tempo inicial inclui a ideia de parto, ou seja, quem pariu quem?

Convém, no entanto, situar que duas lógicas se estabelecem, a saber:

– A de que o autor antecede à construção, que por sua vez, o toma como ponto de partida.

– Que o depois, enquanto fenômeno de desdobramento, se dá como ação criativa com o compromisso de dar vida, uma partenogênese cuja cria terá um pertencimento híbrido.

Essas duas lógicas irão reger nossa elaboração, uma vez que a questão do tempo mítico, não cronológico, exige que pensemos ou situemos o autor, esse cuja intenção criativa o faz sofrer de uma exigência, a princípio nebulosa, de ter que descobrir como dar vida a um enredo que existe ou inexiste em forma de reticências, onde os rostos ainda se indefinem, com uma linguagem que deverá ter o poder de atingir o leitor.

Esse leitor será então um suposto fim, que comparece desde o início e que instaura a questão, em se tratando de literatura, de que o drama ou trama surgido como uma articulação imaginária num país distante haverá de se aproximar, enquanto apelo de conexão, e de se tornar um signo coletivo, onde a linguagem é o elo privilegiado dessa conexão.

Isso quer dizer que, embora haja toda liberdade de criação, o enredo há de ser escrito de modo a poder ser lido, mesmo que a inventiva genial de Joyce crie todas as formas de neologismos como marca incisiva de sua singularidade. É no repassamento ao outro da linguagem, esse que fará o esforço de compreender, que irá se perguntar tantas vezes quantas necessárias: "O que isso quer dizer?"

Nesse caso, então, se estamos nos acompanhando, é que o autor é o cenário experimental, onde muitos ensaios serão feitos, muitas combinatórias ricas e fracas, onde todos os senões, poréns, todavias e contudos irão comparecer, ora como gozo tipo "Bingo, é isso!", ora como agonia "de que não é nada disso", fugacidade que irá exigir retomadas heróicas, sempre rondadas pelo fantasma da desistência.

Essa protagonização, essa sensitividade que possui o autor, não lhe deixa mais em paz e se caracteriza como uma obsessão, não-alucinatória a princípio, que exige forma, como um incorpóreo que buscasse se encarnar e que toma o autor como seu médium, um intérprete cúmplice de seu incessante desejo de viver.

Uma vez prenhe, só lhe resta levar adiante a gravidez onde todas ficções concorrem pelo direito de nascer, o que lhe obriga inclusive a ingrata tarefa de decidir o que irá viver ou morrer, luta-luto difícil, pois em cada segmento esboçado uma nova possibilidade sorri, sedução irrecusável, já que tudo é possível quando a alma é gulosa. Mas esse parto, esse processo extraordinário, é um modo diferencial que se estabelece, pois, uma vez que há um outro em andamento lutando por visibilidade, o autor então sente o dois, e o dois é um tipo de verso e reverso de algo que se transformou, que ganhou vida e que pede reconhecimento. Se o *daimon* grego é falante e se põe como autoridade transpessoal diante da criação enquanto uma junção diferenciada, também faz com que o autor entre num tipo de desdobramento, onde suas criaturas lhe reconhecem e lhe apontam, como no velho "teatro para loucos" de Hermann Hesse.

Ora, é esse fazer viver de forma licenciosa, esses possíveis desfechos ou envolvimentos que suspendem ou afrouxam as imposições do real e permitem que o inconsciente veja aí uma possível linguagem de retorno, ou seja, através dos personagens que agora vivem, o personagem visado é o autor, enquanto aquele que produz emoção ao sofrer dela.

O *pathos*, a afecção, é sempre autobiográfico. É a matriz de todas as nuances, onde a criação encontra o substrato de sua corporificação e, ao mesmo tempo que se incorpora nos limites de uma biografia qualquer, lhe ultrapassa. É esse ultrapassamento que faz surgir a arte, enquanto aquela que não se reduz, pois se dá como abertura para o que está por se dizer, não para o que já foi dito, e nesse novo lugar da palavra é difícil estabelecer um limiar entre autor e personagem, pois é ali que o laboratório funde um terceiro, que não é nenhum nem outro.
Escrever é amar o que há, o *amor fati* de Nietzsche, é o que vem, a inocência do devir, diz o filósofo. E logo há de dizer depois: ama-se primeiro sem saber exatamente o que, condição fundamental para magia da criação, apaixona-se pelas silhuetas e perfis quase de modo alucinatório, com a convicção de que o parto, ao ser feito, será um golpe na alucinação, enfim, a escrita salva e evita a Psiquiatria.
Esse terceiro, então, é uma nova fundição que passa ter existência própria, um apelo diuturno, o que dura bastante e de forma insistente, até sair das sombras e vir à luz, enquanto obra a ser lida e digerida, antropofagia consciente e consentida para um público que, em tese, deverá ser outro após a leitura. A literatura é antes de mais nada uma afronta aos bons modos, um choque ao narcisismo ocioso que vive da ignorância consensual, uma militância que questiona quem escreve, logo o personagem será a fricção do autor com seu *alter ego* que procura sua diferença. É assim que a identidade do autor sofre abalos nessa tarefa de criação, pois o personagem o questiona, o ameaça, jura amor ou ódio e luta pela vida, que é tirada de onde o autor talvez já não estivesse tão vivo, da dor anestesiada e oculta, do sonho ou da liberdade mais prometidos do que cumpridos. Enfim, o personagem exige um surto de vida, que faz reviver o autor ou o mata, abortando a obra.
Esse *alter ego* é profundo, é a loucura ou a *hybris* da desmesura, já que é preciso viajar no im-preciso, buscar inspirações no vento, na terra e no mar, frequentar o invisível com olhos alertas, principalmente, aos detalhes que ocultam grandes revelações. Mas é, além disso, uma prática de liberdade, onde os avessos ganham direitos, e onde Carrol declara seu amor a uma Alice inocente.
É por essa inocência que a escrita pode adquirir seu passaporte para territórios proibidos, místicos ou pagãos, santificados ou

prostituídos, enfim, é onde a vida pede registro para opções que o real recusa, já que é a arte que nos salva da vida em seu estado bruto.

Mediante isso, não é fácil a tarefa do autor. Seu personagem, por constituição artística, é seu salvador, é a opção buscada pelas marcas do que foi real, e por vezes real demais. Daí que o personagem é também uma resposta ao real, pois é, mais ou menos, o que restou.

É nessa sobra que se busca reedições do que não foi possível no real, sóbrio demais para alternativas ébrias que a literatura permite após um leve toque de alteração de consciência, e é por isso que muitos personagens espreitam tal hora para se impor e adquirir cidadania, mesmo que provisória.

Essa fenda ilógica é a liberdade da criação que recusa o Senhor como aquele que dá o parecer, pois isso seria o fim do começo, já que é o momento de ir sem perguntar pelo certo ou errado, pelo bom ou mau, é preciso *forcluir*, diz-se na Psicanálise: um tipo de juízo sem julgamento, onde não é hora de avaliar, nem de concluir, mais de tirar a roupa do que por.

O autor fica nu e declara-se ao personagem, um coito de amor e dependência mútua, mas revela para aquele, em seus segredos, que será detentor de poder confessional, e só a sua existência como personagem já é expressão codificada desses segredos.

É por isso que no teatro para loucos, já citado, Hermann Hesse faz correr o autor perseguido pelos leitores, que por sua vez criaram personagens próprios em suas ficções narcísicas, mas, antes de tudo, cobrando pelo fato de terem se tornado cúmplices desses segredos perigosos, tal como Goethe com seu *Werther*, que acabou tendo a morte, mesmo como destino suicida, compartilhada por muitos leitores, que preferiram Werther a Goethe.

GUSTAVO ARAUJO

Gosto de pensar que o autor é tudo o que escreve. Não é só o personagem, mas todos os personagens. Tudo o que se cria é fruto da mente de quem escreve. Não raro, quanto mais perturbada, melhor. É por intermédio de suas criações que o escritor dá vazão aos seus desejos mais recônditos, libera medos, entrega-se a prazeres proibidos, enfim, atira-se a uma vida que jamais poderia protagonizar. É um ator de si mesmo.

Acredita que a catarse é um processo que ocorre naturalmente na psique do leitor ou este precisa se esforçar, de alguma maneira, para subtrair qualquer significado mais profundo durante a leitura? Nesse sentido, em que medida a leitura pode ser um bálsamo para as feridas da alma?

RICARDO BELLISSIMO

GUSTAVO ARAUJO

Creio que a ocorrência da catarse propriamente dita depende muito do escritor. O leitor, na medida em que extrai a informação do texto – ou se preferir, a emoção – é refém direto da habilidade de quem o produziu. Há autores que detêm maior perícia ao carregar uma narrativa com aspectos que produzem ora compaixão, ora tristeza, ora alegria. Outros, não. Vejamos o exemplo de Paulo Coelho. Sim, são diversos os críticos quanto à sua maneira de escrever, no sentido puramente gramatical ou ortográfico, mas deve-se admitir que o escritor carioca sabe cativar o leitor como poucos – independentemente de gênero, idade, condição social, credo ou religião – revelando uma perícia que vai muito além dos métodos tradicionais de escrita, fugindo, arrisco dizer, de todos os manuais do gênero. Na outra ponta temos escritores que possuem habilidade sem igual quanto à metodologia, mas que naufragam na conquista do leitor. Exemplos não faltam, mas arrisco dizer que, pelo menos sob o meu ponto de vista, o imortal José de Alencar reflete bem esse aspecto. Com efeito, é inegável seu talento com a letra, mas, convenhamos, *Iracema* não é exatamente algo emocionante. Evidentemente, receberei pedras por ousar comparar Paulo Coelho a José de Alencar. Em termos técnicos, de fato, não há como colocá-los lado a lado. Mas quando o assunto é a habilidade-em-atingir-a-medula-do-leitor, receio que o mestre do Romantismo naufraga fragorosamente, enquanto o autor de *O Alquimista* navega como um marinheiro experimentado.
Isso significa que a catarse ocorre naturalmente na psique do leitor, desde que o autor do texto detenha a habilidade de liberá-la. Do contrário, será necessário um *habeas corpus* literário ou uma espécie de lubrificante emocional.

Claro, casos há em que o leitor está mais propenso a aceitar, a entender o que o escritor tenta passar. Isso dependerá da idade, da experiência de vida e da maturidade. Dependerá, principalmente, de já ter experimentado algo semelhante ao que se descreve. E, de acordo com alguns estudiosos, como Hélio Schwartsman, da *Folha de S. Paulo*, essa absorção estaria ligada a fatores ainda mais mundanos, como a noite de sono anterior, o que o leitor almoçou ou se vem passando por momentos estressantes no trabalho ou junto à família.
Dessa forma, havendo uma conjunção de fatores favoráveis, é possível, sim, que a leitura funcione como um bálsamo. Creio, aliás, que isso não seja difícil de conseguir: eis que o leitor, ao procurar um livro, naturalmente vai em busca de alguém cuja prosa lhe é familiar, o que causa uma propensão natural, criando uma identidade autor-leitor que tem tudo para funcionar, uma transferência emocional que torna a experiência de ler algo inigualável.

MAUREM KAYNA

Pedras eu não me atrevo a atirar, mas me arrisco a uma discordância parcial. Li Paulo Coelho na juventude e – ao comparar o efeito provocado por sua narrativa com a que senti lendo, por exemplo, Adolo Bioy Casares – havia um abismo. Ele certamente tem habilidade para despertar emoções mais facilmente em grande parte dos leitores, mas não em qualquer leitor. Corro o risco do preconceito, mas acho que um leitor acostumado a textos melhor trabalhados talvez não caia em graças e até se entedie com o enredo previsível (meio *Sessão da Tarde*) do PC. Mas, admito, achei *Iracema* chato. Entre um e outro, confesso que pegaria um café e iria exercitar a escrita. (risos)

SERGIO CARMACH

Entre um medíocre empático e um talentoso enfadonho, é provável que eu fique com o segundo em vez de ir tomar café. Tempos atrás, li um artigo de certo figurão televisivo defendendo que a arte passa obrigatoriamente pelo tedioso e que as pessoas – hoje em dia muito ligadas ao imediatismo e ao prazer fácil – precisam entender que as boas obras demandam

algum sacrifício para serem apreciadas (concordo!). Talvez a ausência dessa percepção seja em parte culpada pelo esforço dos autores atuais – realidade, aliás, vislumbrada na pergunta do Ricardo – para fazer o leitor se sentir bem ao final de suas histórias, alçadas à condição de "bálsamos às feridas da alma".
No canal *Arte 1*, o escritor Lourenço Cazarré fez duas afirmações enfáticas que se contrapõem a tal conceito: "se é autoajuda, não é literatura" e "literatura é autodestruição", disse ele. E, mais uma vez, concordo! A leitura não deveria ser – via de regra – instrumento de consolo para as pessoas em suas vidas de merda. Isso seria o mesmo que admitir como norma plausível uma alimentação regular à base de *fast food* – capaz de proporcionar uma felicidade fácil e até o esquecimento de problemas cotidianos – em detrimento dos pratos ricos em nutrientes. Quem está acostumado à comida de qualidade – que em geral é ruim a princípio – extrai verdadeiro prazer dela e considera nojentas as porcarias que se come em lanchonetes (lembrando que "porcarias" não são nocivas – fazem até bem! – quando usadas em certas receitas com sensatez e quando consumidas na hora e na quantidade certas). Tal raciocínio também vale para a literatura.
Falando de Paulo Coelho, mencionado pelo Gustavo, é indubitável sua capacidade de provocar catarse nos leitores. Mas duvido que isso seja algo trabalhado de forma planejada e inteligente – ou até mesmo consciente – pelo autor. A essência dele simplesmente se coaduna à da massa, que não prima pela elevação intelectual. É aquela coisa: macaquices atraem macacos; boçalidades atraem boçais; erudições atraem eruditos... Conforme o número de macacos, boçais, eruditos etc. no mundo, quem interage bem com um ou outro vai se dar melhor ou pior. É questão de quantidade, não de qualidade. Hitler, um louco, convenceu os cidadãos de um país inteiro, enlouquecidos pela miséria crescente, que ele era um líder competente, a salvação da pátria. Isso não significa que ele era um talento da oratória, mas, sim, que sua oratória louca se coadunava com os anseios de um povo enlouquecido. Se ele utilizasse o mesmo discurso em outra circunstância, seria visto como realmente era: um imbecil, e não um cara com habilidades excepcionais. Sei que a questão pode ser analisada sob outras óticas e com mais amplitude, mas em linhas gerais é assim que vejo.

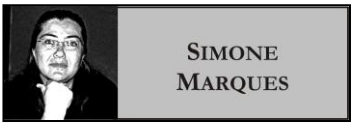
FABIO SHIVA

Concordo que a habilidade do autor é fundamental no efeito obtido, Gustavo, mas – como você mesmo salientou – a atuação do leitor não é menos importante. Na mesma medida em que a responsabilidade pela comunicação é do emissor (autor), é o receptor (leitor) quem define o significado final da mensagem. Por exemplo, eu como leitor fiquei totalmente encantado pela prosa do José de Alencar desde que li *O Guarani* aos onze anos de idade. Tanto que, aos catorze, eu já havia lido quase tudo dele. Não gostei de *Iracema* da primeira vez, não pelo texto em si, mas por ter lido no colégio, com a obrigação de decorar coisas idiotas para fazer uma prova... Aliás, detestei todos os livros que precisei ler na escola! Li novamente *Iracema* há pouco tempo e gostei bastante! Já Paulo Coelho me fez refletir muito. Li alguns livros dele e não gostei de nenhum, pois achei o texto muito duro e até grosseiro. Isso me intrigava, já que o Paulo Coelho como letrista era sensacional! Então não devia ser por falta de habilidade aquela dureza do texto... Por outro lado, de cada livro dele que li retirei algum aprendizado valioso, que me acompanha até hoje. Comecei a perceber que, não à toa, os livros de Paulo Coelho agradam a tanta gente. O sucesso dele no exterior foi a chave para, penso eu, desvendar o enigma. Hoje creio que o grande sucesso de Paulo Coelho se deve ao fato de ele ter conteúdos interessantes para transmitir ao leitor, e fazer isso da forma mais direta e menos rebuscada possível. Para quem está acostumado com maiores sutilezas, o texto parece duro e grosso; mas isso é um grande trunfo quando a obra é vertida em outros idiomas, pois essa estranheza acaba se diluindo na tradução, o texto deixa de ser rude para se tornar exótico... E o conteúdo continua valioso da mesma forma!

SERGIO CARMACH

Discussões sobre Paulo Coelho acabam sempre girando em torno do tema "forma e conteúdo". Mas – como ninguém em sã consciência, nem o mais ardoroso fã do autor, parece defender que ele domine a forma – os debates terminam restritos à questão do conteúdo de seus textos, que o Fabio qualifica de "interessante". Bem, um livro sobre bulas é

interessante para quem deseja saber tudo sobre remédios e seus efeitos no organismo, um livro sobre menininhas que reconquistaram seus namorados é interessante para adolescentes com dificuldades no relacionamento amoroso, um livro de Stephen Hawking com arrojadas teorias astrofísicas é interessante para quem deseja conhecer um pouco mais sobre o funcionamento do universo e a matéria como um todo. E por aí vai. Mas o fato de esses livros serem interessantes para públicos com anseios específicos não significa que eles sejam interessantes para a literatura. Uma coisa é um texto ser relevante para um grupo de leitores (por maior que ele seja); outra é ser relevante para a Arte. E é essa a questão. Os livros de Paulo Coelho têm um conteúdo atraente para quem busca "luz e harmonia espirituais" ou (pseudo)ensinamentos sobre a alma. Como a massa humana é composta em grande parte de indivíduos supersticiosos, limitados filosoficamente e com concepções metafísicas pouco avançadas, carentes, incapazes de resolverem sozinhos seus tormentos interiores e sensíveis a mensagens de autoajuda, o conteúdo de Paulo Coelho acaba se tornando simpático para muita gente, o que faz suas obras venderem como água. No entanto – assim como os livros que mencionei mais acima – a Arte não ganha nada com elas. Por isso costumo frisar que existe uma grande diferença entre livro e literatura. Um livro de conteúdo interessante não traz necessariamente um conteúdo literário interessante. Ocorre que, quando um conteúdo irrelevante para a Arte atrai muitos leitores, há uma impressão de que ele, em virtude da quantidade, tem força literária. Mas isso, claro, é ilusão.



O que mais me choca nisso tudo é que muitos não consideram a possibilidade da existência do talentoso empático e do medíocre enfadonho. Será que são adjetivos incompatíveis? Será que quanto menos o leitor compreender a escrita, melhor será a história e mais talentoso seu escritor? E quanto mais acessível e prazerosa a leitura, mais medíocre e raso quem o escreveu? Não defendo nem Paulo Coelho, nem José de Alencar, mas sim o escritor sensível e inteligente que consegue sobrepujar seu ego e chegar ao leitor oferecendo-lhe ótimas histórias. O talento do

escritor está em falar a quem interessa, ou seja, o leitor, senão é melhor que se delicie nas cadeiras acolchoadas das academias, onde todos irão admirá-lo e se inclinar reverentemente quando passar.

Simone, um autor talentoso até pode ter uma empatia que transcenda seu público-alvo, mas sua obra jamais deixará de ter passagens enfadonhas para o leitor comum e despreparado. O elemento tedioso é inerente à arte. Façamos uma analogia... Se uma pessoa deseja ter bem-estar, ela pode seguir dois caminhos: o tedioso – que exige, entre outras "chatices", boa alimentação e exercício físico regular (para quem não está acostumado, isso é um inferno) – ou o não tedioso, que pode ser, por exemplo, pela via das drogas, que propicia um "estimulante", "interessante" e instantâneo bem-estar (para observadores externos, essa escolha é lamentável e a alegria resultante é vazia e ridícula). Podemos concluir, então, que a arte do bem-estar é enfadonha e careta para os despreparados e para os preguiçosos, mas prazerosa e moderna para os iniciados; por sua vez, a forma estúpida de se conseguir bem-estar é fácil, rápida e "atual" para seus adeptos, mas desprezível para quem enxerga o verdadeiro prazer no "tédio" das boas práticas. Em resumo: a arte é exigente ao conceder prazer e, de início, enfadonha, mas saudável; o entretenimento fácil é indulgente ao conceder prazer e instantaneamente estimulante, mas nocivo. Aplique todo esse raciocínio à literatura e entenderá com clareza a mensagem que desejo passar, incluindo a afirmação de que o talentoso é, a princípio, visto como enfadonho. E isso (no contexto em que exponho tal ideia) é bom, não ruim!

Quanto aos medíocres enfadonhos, é claro que existem. Às pencas. O problema é que eles são enfadonhos pela imbecilidade, não pela genialidade. De qualquer forma, não fazem mal à literatura, pois ninguém lê suas obras. E quem lê termina por desprezá-los. E como são inofensivos e invisíveis, não merecem ser citados em debate algum.

2

Perguntas ESPECÍFICAS

SIMONE MARQUES

RICARDO BELLISSIMO

MAUREM KAYNA

GUSTAVO ARAUJO

FABIO SHIVA

ANORKINDA NEIDE

SERGIO CARMACH

MOGG MESTER

IVAN DE ALMEIDA

FERNANDO DE ABREU BARRETO

BEN OLIVEIRA

ALEXANDRE BHERING

O que vale mais para o autor: emocionar e entreter ou obter um padrão de excelência na escrita? Em outras palavras, é melhor ser um Paulo Coelho ou um Chico Buarque? Vender (mesmo com uma escrita sofrível, mas que emociona) ou ser reconhecido academicamente (porém não emocionando)?

GUSTAVO ARAUJO

IVAN DE ALMEIDA

Sempre defenderei a excelência, a profundidade, a amplitude. Infelizmente, cada vez mais a literatura atual está a serviço de uma cultura de massa imunda, vazia e pequena. De todo modo, não vejo isso como desastroso, embora seja um desperdício leitores se debruçarem em subliteraturas.

MAUREM KAYNA

Será, Ivan? Acho que os leitores, quando contaminados pelo amor à palavra e seu poder, vão naturalmente buscando textos melhor estruturados e mais fundos. Eu comecei lendo a coleção *Vaga-lume* (talvez muitos de nós, aliás) e com o tempo e o volume de leitura fui me interessando por outras coisas e aprendendo a filtrar. As trocas com outros leitores – coisa comum nos tempos de universidade, mesmo sem as redes sociais que hoje temos à mão – também eram um mecanismo propulsor de novas e melhores leituras. Acho que também é possível emocionar (e muito) com excelência. Tchekov pode ser melhor exemplo que Chico (este, aliás, me parece muito melhor criador de letras que de romances).

BEN OLIVEIRA

Esse debate sobre *literatura de qualidade x literatura de entretenimento* não é novo. É interessante notar que, com o passar dos anos, autores rejeitados pela crítica literária conseguiram ser respeitados por suas produções, como o Stephen King. Antes de tudo, é preciso

se perguntar: quem é o seu público-alvo (leitor)? A boa escrita (algo subjetivo) pode emocionar, entreter, provocar, transformar; enfim, não precisa ser limitada. É importante lembrar que escritores que sobreviviam da escrita publicavam nos folhetins (um ou dois capítulos a cada edição) e, assim como acontece com as novelas televisivas, alteravam o rumo das histórias à medida que interagiam com o público.
Posteriormente, muitos desses livros foram publicados na íntegra, ou seja, até que as narrativas fizessem sucesso entre os leitores a ponto de existir um interesse em comprar o romance na íntegra, os escritores lucravam vendendo partes de suas histórias. Tocar o leitor não significa necessariamente escrever de forma medíocre, mas abordar conflitos e situações com os quais ele possa se identificar. Talvez seja um pouco nostálgico imaginar que as obras do passado serão sempre melhores do que as contemporâneas. No Brasil também tivemos escritores que publicaram em jornais e tiveram que conquistar seus espaços gradualmente. Pergunto: eles escreviam para a crítica, pelo prazer de contar histórias ou para entreter o público?

SIMONE MARQUES

Eu realmente me sinto numa *guerra santa* quando vejo que literatura de entretenimento é colocada como oposto de literatura de excelência, como se o fato de ser uma a afastasse definitivamente da outra...

A poesia brasileira atravessa hoje uma crise com a "enxurrada de informações", o que dificultaria separar o joio do trigo?

IVAN DE ALMEIDA

SERGIO CARMACH

Certo dia, alguns versos compostos por um amigo escritor que admiro, César Costa, chamaram a minha atenção. Eis o texto, originalmente publicado em uma rede social:

*Hoje em dia / Não é preciso nada / Para se escrever poesia // Não é preciso rima / Não é preciso métrica / Estética? Pode esquecer / Estilo não existe mais / Qualquer coisa é arte // É uma arte tão esquecida / Uma forma obsoleta de expressão / Basta escrever qualquer coisa / Pulando linhas // Não importa se a frase não faz sentido / Ou que o mesmo se complete na estrofe abaixo / Aliás, pra que estrofes? / É melhor escrever tudo seguido, tudo colado // Antes que alguém critique / Achando que tentei escrever uma poesia / Não, não tentei / Mas quero mostrar / Que muito do que tenho visto por aí sendo chamado de poesia / É praticamente igual / Ou pior / Do que eu acabei de escrever... // Moderno? / Moderno é escrever qualquer coisa sem nenhuma regra? / Sem seguir nenhum estilo? / Sem nada? // Muito do que tenho visto por aí é menos poético do que este meu texto / Mas é aplaudido como se poesia fosse... // Poético? / Patético...**

Diante desse sarcasmo, cuja intenção foi pisar na arte de forma inteligente para criticar aqueles que a estariam pisando de forma parva e não intencional, resolvi também brincar. E respondi com uma "poesia", a qual intitulei *Bacana ou bacanal*:

Foda-se / o foda / que fode / minha foda // Foda / é foder / os que fodem / os fodidos // Então, foda-se?

Em determinadas situações, lançar ideias ambíguas ou "confusas" pode suscitar reflexões. Foi o que fiz ao responder ao César, pois esse tema dá pano para as mangas. Confrontando uma das possibilidades interpretativas dos versos que joguei, pergunto: seria mesmo certo desprezar as críticas dos poetas tarimbados, já que a expressão supostamente tosca dos menos escolados estaria atrapalhando os bons autores e confundindo os leitores? Por outro lado, aqueles que elaboram composições em desarmonia com os modelos clássicos teriam o direito de fazer caso dos críticos e até de tentar confrontá-los? E agora, com a pergunta do Ivan, eu me vejo mais uma vez diante da reflexão provocada pelos versos debochados do César: a atual profusão de "poetas" (será mesmo justo o uso das aspas?) torna ainda mais difícil – em especial para o público leigo – a arte de detectar arte no terreno da poesia?
Observar o Movimento Aldravista, fundado por poetas mineiros em Mariana no ano 2000, pode ajudar na busca por uma resposta. Já tendo participado de importantes eventos no Brasil e

no exterior – onde seus representantes, em 2013, foram homenageados pela Academia Internacional de Heráldica de Portugal e pela Câmara Municipal do Funchal – ele prega uma nova forma de fazer poesia. A aldravia se caracteriza pela síntese. Os poemas que seguem esse movimento usam apenas seis palavras-verso para transmitir mensagens, que permitem livres interpretações. Alguns exemplos:

aldravias / buscam / continentes / em / longínquas / porções (Andreia Donandon Leal)**

com / quantas / borboletas / reinvento / a / primavera? (Gabriel Bicalho)***

voo / parado / asas / encantamento / milagre: / colibri (José Luiz Foureaux de Souza Júnior)****

sigo / cigano / em / busca / da / poesia (J. S. Ferreira)*****

Tais poemas são arte? Eles remetem àquelas composições criticadas pelo César, nas quais as pessoas escrevem uma frase normal e a dividem em pedaços, sobrepondo-os para que possam ser chamados de poesia? Eles fazem parte da "enxurrada de informações" mencionada na pergunta do Ivan? Eu não me arriscaria em uma resposta taxativa... Anos atrás, eu também procurei – como mero exercício criativo – novas formas de expressão em versos. E compus estranhezas, como poesias geométricas, cuja significação não está apenas nas palavras, mas também na aparência tomada pelos versos, como o triângulo invertido:

Ó, Senhora do Crepúsculo
No alvorecer da vida
Tememos tua lâmina
Mas o dia é curto
E no pôr do sol
Rogamos a ti
Imploramos
A foice
O fim

Concluo dizendo que, ao menos para mim, é difícil definir o que é arte quando se fala em poesia. Tenho raízes fincadas na prosa e só em relação a esta tenho posições firmes sobre o que é ou não qualidade. Sendo assim, deixo aqui apenas este texto aberto, próprio para reflexões; e deixo aos colegas mais experientes na arte dos versos a tarefa de elaborar opiniões mais concretas sobre o assunto.

---

* COSTA, César. *Sem título*. Disponível em: https://www.facebook.com/CesarCostaPensante/posts/741326909311238?__mref=message_bubble Acesso em: 30 abr. 2015.
** LEAL, Andreia Donandon apud ABN. *Nova forma de poesia criada por poetas de Minas será lançada em Portugal*. Disponível em: http://www.abn.com.br/editorias1.php?id=73678 Acesso em: 30 abr. 2015.
*** BICALHO, Gabriel apud ABN. Op. cit.
**** SOUZA JÚNIOR, José Luiz Foureaux de apud ABN. Op. cit.
***** FERREIRA, J. S. apud ABN. Op. cit.

As distopias norte-americanas têm dominado as listas de livros mais vendidos e contribuído para conquistar novos leitores jovens. Podem essas obras de entretenimento, febres do momento, contribuir para a difusão da leitura de outras temáticas literárias? Se você fosse entrar na onda, que elementos não deixaria faltar numa distopia brasileira?

SIMONE MARQUES

Eu acredito que qualquer obra que ganhe destaque no meio literário contribui para a difusão da literatura como um todo. Vimos recentemente explosões de alguns gêneros, como ficção com vampiros e, mais recentemente, eróticos, que acabaram por levar os leitores às livrarias e impulsionaram a venda de um ou outro livro de gênero diverso. Desperte o prazer e a ânsia pela leitura e os leitores desejarão sempre mais...
Eu não entrei na onda, mas já tenho uma série de ficção distópica que se passa no Brasil e que foi escrita em 2009, antes do *boom* do gênero. A coisa mais importante é a verossimilhança, pois – se queremos que os leitores se identifiquem com

personagens e elementos da história – precisamos manter aquele fio conectado à realidade, fazê-los pensar que isso poderia acontecer com eles, com seus amigos e familiares, em lugares conhecidos. É importante que os personagens tenham o perfil do brasileiro, que a trama traga elementos da cultura nacional como um todo, referentes a sistema de ensino, a relações interpessoais, a crenças... Afinal, quando se cria uma fantasia distópica, é nisso que se vai mexer; e, de certa forma, desconstruir e destruir.

GUSTAVO ARAUJO

Creio que distopias sempre estiveram na moda. Em maior ou menor grau, ouvimos falar delas desde os primeiros contatos com literatura. *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, foi escrito em 1931. *Nós*, de Zamiatyn, foi concebido nos anos 1920. E o que falar da distopia mais célebre de todas, *1984*, de George Orwell, um dos livros dentre todos os gêneros que mais chamam a atenção em qualquer época? Foi escrito em 1948. Por isso não creio que seja um modismo. Talvez a safra esteja mais numerosa. Mas, infelizmente, quantidade quase nunca é sinônimo de qualidade. Isso, porém, é assunto para outra hora. De qualquer maneira, mesmo com essa profusão distópica, quase sempre rasa e para consumo (e esquecimento) imediato – não vamos, por favor, comparar *1984* a *Divergente*, que, de qualquer modo, acredito servir, sim, como porta de entrada para uma literatura mais profunda. Não atiro pedras. Eu mesmo li muitos livros que seriam tachados de subliteratura, a depender da época considerada. Livros policiais, por exemplo. Raymond Chandler era considerado um subautor, escritor de livros *pulp* baratos para operários. O fato é que mesmo a rasa literatura tem o poder de atrair o leitor para algo mais interessante. Ninguém que goste de ler se contenta com os mesmos enredos. Buscamos novidades, buscamos responder questões que surgem à luz de indagações filosóficas. Só há "barato" na leitura no momento em que somos surpreendidos por aquela sensação de que algo no texto nos tocou a alma, no momento em que alguém parece ter descoberto um segredo, no momento em que nos vemos desnudados. Livros de consumo rápido não têm esse condão, essa magia que nos enreda para todo o sempre. O ser humano evolui e, no campo literário, isso significa buscar novas sensações.

Quanto a uma distopia brasileira, creio, sinceramente, que já vivemos numa, com manipulações de opinião, controle velado dos meios de comunicação e daí por diante. Falar sobre isso geraria um debate político que, talvez, não fosse adequado ao propósito deste livro. Por isso, vou me abster de fazer maiores comentários.

Como você imagina a literatura em um futuro próximo e distante? Existirá literatura? Como será? Que propósitos e características terá? E quem será o seu público? Como você imagina o leitor do futuro?

FABIO SHIVA

MOGG MESTER

Imagino a literatura gradativamente mais focada em atender às necessidades e exigências de um público cada vez mais integrado a meios de comunicação diversos, como as redes sociais, a televisão, o cinema e o rádio. A literatura se adaptará a esse novo universo inter-relacionado, com novas *interfaces* de interação com a informação, a exemplo do *e-Reader*, onde se lê livros digitalizados. Penso, então, em uma literatura com linguagem mais voltada a atender uma demanda focada na sensação visual, que é o canal perceptivo mais estimulado pela mídia em nossa sociedade. A arte gráfica atingirá seu ápice com novos materiais que utilizem princípios holográficos e de interação com cinemáticas e inteligências artificiais, que conduzirão o leitor para além do escrito. Creio que, em nossa civilização imediatista, os escritores precisarão ser mais sintéticos, inclusive na forma de pensar, pois cada vez menos interessará a opinião de quem escreve o fato e o evento do romance em si. Penso em um mundo em que serão vendidas partes de livros, não como tomos, mas com o que realmente importa ser lido (isso já é feito, mas creio que se tornará o *modus operandi* convencional). O que não importar o leitor banirá, porque ele não vai prestar atenção no que o escritor pensa, mas

apenas na história em si. É uma perspectiva negativista, mas nossa modernidade líquida me leva a pensar dessa maneira.

MAUREM KAYNA

Concordo e acho triste, mas também penso que restarão alguns resistentes que ainda nutrirão apreço à palavra e às suas possibilidades.

BEN OLIVEIRA

Pode ser que a forma de se consumir literatura se torne diferente, mas a essência desta será sempre a mesma: contar histórias. O diálogo entre diferentes expressões artísticas talvez se torne mais presente, como a utilização de trilhas sonoras para o livro, de ilustrações e da *transmedia storytelling* (contar uma história através de diferentes formatos). Porém, só a boa técnica não será suficiente para seduzir os leitores. Recentemente, uma reportagem do *Financial Times* sobre o mercado editorial surpreendeu os profissionais da área. Mesmo com o aumento do número de usuários que possuem leitores de *e-books*, a venda de livros impressos superou a de livros eletrônicos em 2014.

GUSTAVO ARAUJO

Não sou muito otimista. Num mundo cada vez mais acelerado – onde a literatura precisa competir com mídias eletrônicas, redes sociais, cinema, música – creio que o futuro do livro em papel está ameaçado. Não desaparecerá por completo, mas cederá bastante espaço a mídias de consumo rápido e, por vezes, instantâneo. Em um planeta que se move cada vez mais rápido, não haverá, em regra, tempo para que um livro de 300 páginas seja devorado paulatinamente. Muito mais provável será o consumo rápido, certamente por meio de áudio. Pessoas entrarão em casa ou em seus automóveis e pressionarão *play*. A isso se seguirá uma voz – que poderá ser escolhida pelo usuário – para iniciar a leitura. Às pessoas só restará ouvir enquanto se dedicam a outras atividades. No futuro entrarei em casa e escutarei Scarlett Johansson lendo Jorge Amado. Sim, ela é americana, mas a tecnologia se encarregará de reproduzir sua voz

sem sotaques – ou, de preferência, com um leve acento baiano – enquanto declama os parágrafos de *Capitães da Areia*. Livros serão artigos raros, como discos de vinil em 78 rotações. Artigos de decoração, talvez, mas sem a presença que têm hoje.

RICARDO BELLISSIMO

Para responder a essa pergunta, não quero me ater precisamente ao futuro do livro, muito menos ao do leitor. Tampouco sair pela tangente em relação ao que a pergunta traz de precioso como potencial reflexivo. No entanto, acredito que no futuro da literatura, da mesma forma que no das artes como um todo, independentemente do formato que um livro, um quadro ou um filme venha ou não a assumir, jamais será afetada a necessidade com que o ser humano deles procura continuamente se alimentar. Isso porque o homem possui uma urgência quase congênita de sonhar e de imaginar; e, quando aguçado pela arte, consegue apartar-se por alguns momentos de uma realidade que aos mais sensíveis sempre pareceu hostil e pouco respeitosa para com seus semelhantes, bem como à natureza.

Não é à toa que a arte encontra seu verdadeiro eco no coração, jamais na razão. Esse sentimento também está intimamente ligado ao fato de que o homem sempre almejou buscar respostas, por meio de alguma expressão artística, àquilo que ele sente como uma barreira a seus próprios limites ou dúvidas. E como o homem é fatidicamente um ser social, a literatura – bem como as demais artes (independentemente, mais uma vez, de seus futuros formatos) – continuará sendo esse meio louvável para a união do indivíduo com o coletivo. E através dessa comunhão ele seguirá aprendendo a conhecer e a intuir o mundo por si só. Sem esse tipo de estímulo, o ser humano dificilmente evoluiria a fim de conviver melhor em sociedade, sobretudo consigo mesmo.

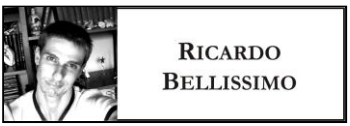
Da mesma forma, é importante também ressaltar que o homem já recorreu, em várias épocas, aos mais diversos volteios e formatos de criação artística como arma de protesto, intervenção ou mesmo defesa de seus valores morais e culturais. A título de exemplo, gostaria de citar apenas um caso que muito explicita esse poder que só a criação artística afinal carrega consigo. Em 2011, o artista chinês Ai Weiwei foi preso por conta de uma "simples" intervenção artística. Ao criar um painel na fachada da Tate Gallery, em Londres, com mais de cinco mil mochilas de

crianças mortas pelo desabamento do teto de uma escola construída com material superfaturado e de má qualidade, Weiwei mirou o holofote nos meandros mais obscuros da burocracia chinesa, pondo logo todo o comitê do partido comunista em polvorosa. Com esse exemplo, quis apenas ilustrar o quanto o potencial desestabilizador proporcionado por uma obra de arte, independente de seu formato, serviu de crítica avassaladora contra um poder intolerante, e armado até os dentes, manipulado por todo um aparato estatal. Foi, portanto, a força de um contra milhões. Ou melhor, a força *de um artista*, e não a de um guerrilheiro ou sanguinário de plantão.

Nessa mesma seara, há inúmeros outros casos de artistas com obras contestatórias: do escritor Salman Rushdie ao cineasta iraniano Jafah Panahi, que já foram inclusive presos e ameaçados de morte, mas continuam a se expressar magnanimamente. Esses são alguns exemplos que demonstram um avanço enorme para a democracia global por meio exclusivo da arte, que independe de suporte para dar seu recado.

A meu ver, o que realmente importa ao futuro de uma sociedade é permitir-se educar plenamente pela arte, sem esteios e censuras ao seu conteúdo ou formato. Essa é uma tarefa tão fundamental quanto educar um filho. Um filho jamais pode ser criado para ser materialmente rico, mas antes para ser compassivo e amável, e assim um dia aprender o verdadeiro valor das coisas e das pessoas, e não o seu preço. Acredito que uma sociedade estruturada sob tais valores saberá conceber, por si mesma, o melhor formato para suas futuras criações artísticas.

Que elementos devem ser considerados na criação de uma história de romance, fantasia ou aventura para levar à superação de clichês tão comuns nesses tipos de construções?



É preciso que o escritor tenha muito bem estruturada em sua mente a profundidade psicológica do caráter dos

personagens que ele pretende criar. Quanto mais o escritor debruçar-se sobre seu texto a fim de analisar qualquer detalhe ou situação da trama por inúmeros ângulos, tão mais convincente o personagem será. Isso, consequentemente, evita uma literatura rasa, mas sobretudo tendenciosa ou moralista, ainda que o personagem central se configure como um conservador inveterado. Mas é justamente aí que se abre ao escritor a possibilidade de criar algum outro personagem, ou muitos outros, e com eles fazer dialogarem valores completamente opostos apresentados ao longo de sua narrativa. A literatura permite, por meio desse mecanismo imaginativo, oferecer a sadia convivência dos opostos. O que também é extremamente rico para a pluralidade de opiniões e o aprendizado que se pode obter com a leitura de um livro. E que, no mais, responde muito bem aos anseios do caráter notoriamente instável do ser humano, com seus desejos múltiplos e muitas vezes contrários a seus próprios instintos e objetivos.

ANORKINDA NEIDE

O autor, ao criar personagens, aplica seu prévio conhecimento da psicologia humana e de todas as suas variantes, obtendo assim farto material para construir histórias tanto mais interessantes quanto criativas. Aliás, criatividade é tudo para se fugir dos clichês. A vida é tão criativa por si mesma, que ao autor cabe observá-la para transcrevê-la em junções de situações as mais ricas possíveis.

Há um método definitivo ou universal?

FERNANDO DE ABREU BARRETO

FABIO SHIVA

Penso que não. Muito pelo contrário: há uma infinidade de métodos pessoais. Qualquer método mostra apenas até onde uma determinada pessoa chegou. Mas não tem como mostrar onde somente cada um de nós pode chegar. Agora, se tivesse um método que pudesse ser considerado definitivo e universal, só

poderia ser o do Sinclair Lewis: "escrever é a arte de sentar-se numa cadeira"!*

* Sinclair Lewis apud Dad Squarisi, (6 de agosto de 2006 – "Dicas de português - Escrever é...". Correio Braziliense, Caderno C, p. 4.)

Concordo com o Fabio! Não existem receitas para escrever um livro. Aliás, existem técnicas difundidas e que são aceitas comercialmente, porém devemos nos lembrar de que um resultado bem-sucedido para um autor pode ser desastroso para o outro. A jornada do escritor é pessoal. Cada um tem sua rotina, sua maneira de construir suas histórias, de planejar, criar personagens e explorar a linguagem. O método universal ainda é o mesmo: escrever. Além de ampliar a percepção e a bagagem cultural, através da escrita e reescrita, o escritor passa a conhecer melhor a própria narrativa e pode aperfeiçoá-la.

Há alguns dias me notei fazendo a seguinte reflexão: a literatura infantil que consumimos teria moldado a sociedade moderna? Os vilões das histórias infantis que eu lia eram quase sempre velhos e feios, enquanto os mocinhos e as mocinhas e os heróis e as heroínas eram jovens e lindos. Reparei que a sociedade ocidental exalta a beleza e a juventude, abandonando e desprezando por completo a velhice, o "feio" e o diferente. A literatura molda – se sim, até que ponto – ou ela apenas reflete o pensamento coletivo?

Acredito que a arte de estereotipar é inerente ao ser humano. É como se buscássemos algum tipo de controle dos nossos próprios destinos, como se isso pudesse fazer com que nos sentíssemos seguros. Penso que o ato de

emprestar características marcantes a personagens literários segue pelo mesmo caminho. É como se houvesse um consenso, um acordo comum de que, por exemplo, mocinhos são jovens, idealistas e bonitos; velhos são sempre maus, feios e amargurados. Isso torna a aceitação de nossos desígnios muito mais fácil, até porque quando nos deparamos com livros – e por consequência com esses estereótipos – somos também jovens e idealistas. O reflexo e a identificação são imediatos, o que nos leva a imergir na história e, logicamente, a gostar dela.

Dito isso, é possível inferir que a literatura tanto molda o pensamento coletivo como se deixa influenciar por ele. Molda quando o autor encontra uma maneira de expor novas ideias que, por um ou outro motivo, acabam influenciando a sociedade para o bem ou para o mal. Podemos citar como exemplo o conhecido livro que Adolf Hitler escreveu nos anos em que esteve encarcerado: *Mein Kampf* estabeleceu a base doutrinária (e depois prática) de toda a política nazista que, todos sabem, se espalhou pela Alemanha. O mesmo aconteceu com *O Capital* de Marx, que, embora não contivesse acepções xenófobas, terminou por influenciar diversos países na busca pelo socialismo, alguns de forma mais radical que outros. A própria *Bíblia* – por que não? – se encarregou de alterar significativamente a vida das pessoas; não falo aqui de fé (até porque isso é algo muito pessoal), mas das consequências práticas que, por exemplo, as epístolas de Paulo de Tarso provocaram ao difundir o cristianismo.

Entretanto, o contrário também é verdadeiro. Por vezes o pensamento coletivo é que molda a literatura; ou alguém duvida que os livros dedicados ao público jovem-adulto, mais conhecido pela sigla "YA", não são precisamente o reflexo dos anseios de gente que se aproxima perigosamente dos trinta anos de idade, mas que secretamente deseja permanecer envolta naquela atmosfera indolente, inocente e simplista, onde o mundo é dividido claramente entre bons e maus e o que mais importa é conquistar o coração da garota-linda-que-não-te-dá-bola?

O que eu quero dizer é que a sociedade atual – essa bombardeada com informações inúteis, vagas, imprecisas e tendenciosas, que busca simplicidade, mas que não abre mão de interação, de TV e cinema, que adora relatos de coragem, de gente que desafia o sistema (nem que seja por meio de alegorias fantásticas passadas em universo medieval) – é um prato cheio para escritores que a entendem.

Em suma, a sociedade e a literatura vivem em simbiose, alterando-se mutuamente, não necessariamente nessa ordem.

Simbiose. Pode ser essa a palavra que responde à minha pergunta... Associação recíproca entre literatura e sociedade. Tanto o autor pode transmitir em seu trabalho o conceito coletivo sobre a vida e tudo o mais, como pode ele abordar questões que transgridam as normas. É o inusitado no enredo que mexe com o leitor, porque isso confronta seus conceitos próprios e individuais. Considero, assim, que o escritor tem muita responsabilidade ao levar qualquer tema a público.

Qual livro deixou você mais angustiada por tê-lo achado incrível e por saber-se incapaz de produzir algo tão bom quanto?

Eu, na qualidade de leitora, "invejo" os escritores de romances, livros com centenas de páginas, todas preenchidas com deliciosas letrinhas... Eu tenho plena consciência de que não consigo me embrenhar nesse tipo de empreendimento. Adoro lê-los, mas sou incapaz de escrever tanto.

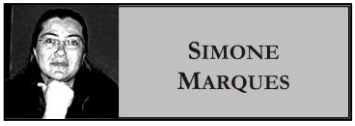
Meu pensamento sempre condensa informações – não sei se foi condicionado a isso (tenho um histórico familiar que indica que sim) ou se é de nascença esse defeito. Sei que a poesia flui facilmente e com poucas palavras que dizem muito (ou até mais do que eu saberia que diriam...). Mas a prosa... Mesmo esta resposta é um exercício penoso (embora prazeroso), é como abrir à faca uma cabeça dura acostumada a versos.

Leio as obras grandes e verborrágicas com imenso deleite, mas é melhor, sempre melhor, eu não pensar no processo de escrita, ou a angústia de saber-se incapaz pode nublar o céu dos prazeres da leitura.

Ah, cita algum título, vai!

Bem, o livro que me salta à mente por ser uma obra maravilhosa – grande, mas jamais cansativa – é *O Cidadão*, de Pearl S. Buck. Não sei quantas vezes já o reli e posso dizer que invejo a capacidade da autora de me fazer viajar a um mundo tão perfeito, sensível e detalhista como o que ela descreveu nessa obra de ficção, que poderia ser real dada a eficiência em retratar a realidade que a autora possuía.

Dois livros que me fizeram sentir assim foram *Poderes Terrenos*, do Anthony Burgess, e *O Pêndulo de Foucault*, do Umberto Eco.



Para mim há alguns romances históricos (gênero que também escrevo) que me deixam com essa sensação. Não porque eu não possa produzir uma história tão boa quanto, mas porque os autores têm uma equipe inteira para realizar suas pesquisas, que os ajudam a colocar em suas obras um nível de detalhamento e descrições que só um bom investimento poderia prover. Eu admiro demais as séries *Pilares da Terra* (Ken Follet) e *Crônicas Saxônicas* (Bernard Cornwell).

O mercado editorial exige, para sua própria sobrevivência, uma divisão por gêneros. Mas não seria essa divisão uma limitação aos inúmeros volteios inerentes à própria criação literária?

Afinal, um livro pode conter altas doses de suspense e, ao mesmo tempo, de drama, bem como de humor, fantasia e até mesmo terror. Como você percebe essa exigência editorial, que pode até soar como uma categorização por vezes reducionista?

FERNANDO DE ABREU BARRETO

A primeira divisão é feita pelo mercado, por quem vende. Não por quem escreve. Dividir livros por gênero ajuda a encontrar o público-alvo, o que incrementa as vendas. Não há qualquer relevância literária, negativa ou positiva, nesse procedimento.
Há uma segunda divisão (entre alta literatura e obras comerciais), essa relevante do ponto de vista acadêmico, talvez; do ideológico, certamente. Os que consideram essa divisão não tomam conhecimento de gênero literário. Nesse campo, a obra tem valor literário ou não, seja ela romance, policial, fantasia, terror...
Na visão do editor comum, das grandes casas editoriais, ambas são irrelevantes. A grande pergunta que se faz todos os dias ao acordar é: será que o próximo livro da pilha é o novo *O Código Da Vinci*? Ninguém, além do tempo, tem essa resposta. Mesmo um livro aparentemente pouco comercial pode se transformar num sucesso de vendas. O mercado depende mais do leitor que das editoras e do escritor.
O panorama pode ser diferente se fixarmos a visão em médias e pequenas editoras. Nesse nicho a divisão pode ser relevante, visto que muitas delas se dedicam a gêneros literários e narrativos específicos. Algumas publicam apenas poesia, outras se dedicam a contos, literatura fantástica, terror. Atualmente essas editoras de menor importância mercadológica têm sido as grandes responsáveis pelo lançamento de autores de maior qualidade, ainda que iniciantes, talvez por se preocuparem menos em encontrar o próximo *best-seller*, buscando obras de maior relevância literária.
O autor deve se dar conta de que – enquanto está na sua cabeça ou em seu computador, protegido em um arquivo que só pode ser acessado e lido por ele – o livro é seu e pode tomar qualquer rumo, misturando gêneros, personagens e narradores, desde que

se mantenha a coerência e a verossimilhança. Depois de publicado, o livro é do leitor, o responsável pela única divisão importante: a que separa os livros que ele gosta dos que não gosta.

Que marcas distintivas a literatura fantástica nacional precisa desenvolver para se destacar com originalidade frente ao mercado mundial?

Sendo honesta, não tenho a menor ideia, porque não costumo ler literatura fantástica há algum tempo. A última obra nessa linha que degustei foi a seleção *Contos Fantásticos do Século XIX*, e lembro de ter feito isso em um período de férias e de ter sido obrigada a interromper a leitura, porque a tamanha influência dos textos estava começando a me dar pesadelos. Depois retomei a leitura e guardo trechos impressionantes de contos como *A Mão Encantada* ou *O Nariz*. Mas acredito que, independente de gênero, o que qualquer literatura precisa ter para se destacar como obra é qualidade. Se o destaque de que se fala é apenas focado em vendas e público, acho que só precisamos de ótimos planos de divulgação e *marketing*.
Se falamos em marcas, em personalidade, em distinguir-se da massa, é fundamental escapar do óbvio, dos modismos (agora parece que são os zumbis, como até há pouco foram os vampiros), das receitas gastas. Mas eu realmente não posso me aprofundar em nenhum caso específico, porque precisaria ter lido a literatura fantástica nacional de agora para opinar. E falando em fantástico nacional, lembrei-me de Murilo Rubião, que li quando era ainda bem nova (*O Pirotécnico Zacarias*) e que me deixou algumas páginas marcadas. Não sei precisar que impressão me deixaria caso o relesse hoje, mas é certo que não passou em branco e que trazia para além do tema da superfície (um possível morto-vivo) um bocado de possibilidades de reflexão. Intuitivamente posso dizer que o fantástico aborda

questões universais do ser humano – o desejo de descobrir mundos outros, a existência de seres distintos daquilo que conhecemos na biologia, talvez apocalipses simbólicos – e esses temas podem ser "vestidos" com as cores de cada espaço geográfico, ser tingidos de hábitos locais sem perder a essência. Nesse sentido, talvez (e isso é pura suposição, especulação minha) nos falte a ousadia de criar com os materiais humanos e cenográficos que temos ao redor, ao invés de nos prendermos a referências de cenários que nos chegam do Hemisfério Norte.

Concordo com a Maurem. Qualidade é fundamental. Hoje há inúmeros títulos no gênero, mas poucos que realmente tenham qualidade. Muitos ainda são inspirados demais em obras estrangeiras de sucesso. O escritor brasileiro de fantasia precisa, antes de tudo, se soltar um pouco de *Harry Potter*, *Crepúsculo*, *Senhor dos Anéis*...

Infelizmente, o mercado editorial brasileiro não é ágil o suficiente para lançar títulos com temáticas que acabam virando moda. Fica a impressão de que aguarda os grandes campeões de vendas chegarem ao Brasil para, assim, ganhar dinheiro sem apostar em nada de novo. Há algum problema com essa antecipação, sem dúvida, o que faz com que tudo o que é lançado aqui pareça ser motivado ou inspirado no que vem do exterior. Falo isso por experiência própria. Tenho uma série de vampiros que foi escrita em 2008, antes que *Crepúsculo* virasse moda e até chegasse ao Brasil. Muitos leitores se surpreenderam com a originalidade da história partindo de um tema tão "batido", mas o que mais aconteceu em todas as bienais das quais participei, desde o lançamento do livro em 2010, foi eu ter que explicar que o livro não foi inspirado em *Crepúsculo* (que, por sinal, eu nem conhecia), que foi escrito antes e blá-blá-blá. Corroboro a afirmação da Maurem de que precisamos de um bom plano de *marketing* e, completo, da ousadia e coragem das editoras para investir em novos autores do gênero.

Uma das questões que atualmente nos instiga é sobre a ética, não só na arte como no mundo.

É possível traçar algum limite na literatura, de forma a se manter algum apelo ético, ou isso criaria uma vigilância que não cabe do ponto de vista artístico?

BEN OLIVEIRA

A ética poderia limitar a literatura. Cada autor tem uma intenção com sua obra. Mesmo que isso nem sempre esteja visível em um nível consciente, mergulhado em seu subconsciente, é possível ler nas entrelinhas. Da mesma maneira que não existem valores éticos universais que sirvam para a vida humana, a literatura, sendo um emaranhado do homem, da transcendência de suas impressões, daquilo que é sentido nas entranhas, da existência pulsante, delimitar o que pode ou não ser escrito atrapalharia a produção literária. A ética pode ser avaliada individualmente pelo próprio autor e por seu respectivo editor, levando em conta que, mesmo diante da liberdade, estamos sempre sendo observados pelos outros, como diria o filósofo francês Sartre. Um dos livros de Stephen King, por exemplo, contava a história de um adolescente que ia armado ao colégio e matava os outros alunos. O próprio escritor pediu para que os livros fossem removidos da livraria quando assassinatos parecidos com os de sua história começaram a acontecer pelos Estados Unidos. Foi um ato de autorregulamentação, no qual Stephen King percebeu os efeitos de sua obra em alguns adolescentes – possivelmente perturbados mentalmente, a ponto de tentarem reproduzir na vida real o que leram no livro. O caráter transgressor da literatura e o seu realismo são elementos que fazem o leitor sair da sua zona de conforto e refletir. Só para lembrar, Flaubert foi julgado por causa do livro *Madame Bovary* na época de seu lançamento, pois abordava a insatisfação da protagonista em seu casamento e o adultério – em oposição ao amor romântico (utópico) e ao papel da mulher esperado pela sociedade – ironizava a burguesia, entre outras críticas à sociedade da época. Portanto, as limitações éticas poderiam, sim, limitar a escrita literária, não aquela preocupada simplesmente com o entretenimento e o lucro (comercial), mas aquela que procura retratar os problemas para os quais fechamos nossos olhos durante o dia a dia, seja porque não conseguimos ou não queremos enxergar.

ANORKINDA NEIDE

A questão ética é sempre complicada, mas também defendo que em uma obra ficcional não deva haver vigilância. Os personagens se impõem ao autor e, façam o que fizerem, devem sempre ser considerados como ficção, por mais que influenciem quem se identifica com eles.
Como abordou o Ben, o escritor também pode utilizar-se de sua história para levantar questões éticas através de seus personagens, numa intenção dirigida a isso, provocando a sociedade. E quanto mais atacada for a sua obra, mais eficiente ele terá sido em tocar as feridas.

SERGIO CARMACH

Lançamentos com forte apelo para o público jovem vêm tornando a leitura um hábito entre os adolescentes, fenômeno desconhecido pelas gerações passadas. Em uma análise geral, quais seriam os prós e contras da literatura juvenil recente? Para um jovem e incipiente leitor qualitativo, iniciar a caminhada literária com livros assim podaria suas asas ou, ao contrário, permitiria a sua correta e tempestiva maturação ao evitar o trauma advindo de um contato precoce com os clássicos?

ALEXANDRE BHERING

Primeiramente parabenizo a pergunta, pois me parece uma boa oportunidade de refletir sobre esse fenômeno interessante, que é, quantitativamente falando, uma maior ida aos livros. Tendo-se em conta que o livro funda um território próprio, define um modo de se estar ali, é possível pensar então que, se estamos indo mais nesses territórios juvenis, é porque as operações que o livro põe em ação despertam interesses, além de seus conteúdos, sobre os quais já falaremos.

Essas operações, operações de captura que seduzem, que enquanto atratores têm a função de estimular a continuidade, que permitem pensar que enquanto um pôr para dentro, um levar o leitor ao desejo de quero mais, visam como pretensão maior inseri-lo numa fantasia de posse.
Sim, é preciso e impreciso que o leitor se aproprie do texto, o devore com gula, de forma egoísta, exclusivista, que o tome como uma paixão não compartilhada durante o ato de ler, pois não há ali uma regra de boa educação, e sim a vontade de potência Nietzscheana. Mas se ler o texto é ler o mundo, então de imediato, já com vistas ao próximo passo da pergunta, é importante termos em conta que o que se lê nessa fase alegre e curiosa corresponde a um modo de identificação de quem está chegando, descobrindo, contestando, um tipo de visceralidade não tão dramática, pois a vida aconteceu pouco ainda, mais como um desejo do diferente.
E esse diferente é um significante destacado no próprio mundo no qual o livro revela, já que aí temos uma busca por uma singularidade ainda chamuscada nas teias de um corpo, que ocupa um lugar, mas ainda não pode se definir. Um corpo que se indefine e por isso busca algo que o afirme.
É por isso que nesse momento o coletivo tem força de sustentação como nunca, pois é o grupo que detém a autoridade já subtraída de pai e mãe, e assim esses territórios fundados são lugares de ensaios corporais, sexuais, afetivos, masturbatórios, enfim, de simulações repetitivas de um outro que se quer alcançar.
Mas o que contêm esses livros híbridos de infância e juventude voltados para o mundo sério dos adultos? Essa antessala onde o lúdico procura desfazer a rigidez e garantir um novo sopro que contenha o que essa geração tenha de mais original?
Ora, em menos de trinta anos acumulamos mais informações do que em toda a história prévia da humanidade, estamos em plena vigência de uma inteligência abstrata, cuja relação com objeto prescinde como nunca de sua presença. Estabelecemos relações virtuais onde o rosto é coadjuvante, e por isso pode-se mentir à vontade, acrescido de que essa abstração tem destroçado a literaridade em equações complexas, que o adulto apresenta altas dificuldades para apreender.
Quanto mais funções no aparelho, mais alegria para uns e sofrimento para outros, uma alternância subversiva onde o

mundo adulto se mostra curiosamente despreparado para sua nova iniciação, enquanto para os mais jovens o êxtase é todo, pois um novo *ipad* ou *iphone* a ser lançado já produz compradores em filas, que esgotam um produto que sequer existe ainda.
A lógica, então, em mundo com aceleração consumista e voraz, é que tudo dure de forma rápida e dispensável, sortilégios de um encanto competitivo cujo prazer é ser o primeiro... a ter. Assim parte-se para escritas rápidas, nada complexas, tipo jogos competitivos, ou ressuscita-se um medievalismo mágico, onde os poderes mundanos e dos deuses voltam a se enfrentar sob novas narrativas, e onde o desconhecido é posto como o próximo passo a ser conquistado.
Esse território, com suas simbologias próprias, com seus signos e brasões, é quase que totalmente sustentado pela onda coletiva, uma linguagem de penetração global, onde é importante estar atualizado com ela, ao risco da própria exclusão.
Tira-se então daí as temáticas que irão constituir o material sobre o qual se escreve, uma iniciação nos tempos pós-modernos, onde não se está interessado em dramaticidades ou tragicidades sobre a condição humana, como nos clássicos.
Eis o que diz Ítalo Calvino em seu ensaio sobre os clássicos*:
"De fato, as leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência das instruções para o uso, inexperiência da vida. Podem ser (talvez ao mesmo tempo) formativas no sentido de que dão uma forma as experiências futuras, fornecendo modelos, recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza: todas, coisas que continuam a valer mesmo que nos recordemos pouco ou nada do livro lido na juventude. Relendo o livro na idade madura, acontece reencontrar aquelas constantes que já fazem parte de nossos mecanismos interiores e cuja origem havíamos esquecido".
Observe-se então que Calvino não desfaz o valor de ler os clássicos nessa fase, mas relativiza seu aproveitamento a modos didáticos e disciplinares, indicando que é necessário tempo, um só depois, como diz Lacan, para que se possa sorvê-los.
É num depois que o antes pode acender, ao ser reincorporado em outra ordem de grandeza, que só o tempo vivencial pode oferecer, tal como a boa conversa regada ao vinho moderado, como diz o filósofo inglês, Roger Scruton, em seu livro *Bebo, Logo Existo*.

Sem dúvida, é preciso beber e sorver a vida para ler os clássicos, aqueles que "nunca se lê, pois estão sendo sempre lidos", um sofrer de espera enquanto se vive, uma senha para o espelho da linguagem de todas emoções percorridas e onde o sujeito era o protagonista de uma angústia, num mundo que supunha verdade como fundamento, o esteio platônico de um Ocidente que se cristianizava.

A questão instigante colocada pela pergunta, talvez como suposição, é se haveria uma ponte entre esse transitório situado no tempo juvenil e os clássicos como um depois mais perene?

E confesso que não vejo necessariamente essa ponte, tanto quanto já me pergunto se os clássicos já não pertencem a outro mundo arqueológico, a uma outra temporalidade, onde a noção formativa do homem, ainda da Grécia, essa *Paideia* com *Aretê*, esse homem letrado voltado para a excelência, para a qualidade, talvez já seja outra.

Um ultrapassamento para outra noção de homem, menos voltado para hierarquias, menos afeito a autoridades constituídas, menos interessado em chegar aos céus, ou mesmo em desvendar sentidos ocultos para existir.

É possível que esse novo homem nem tenha tantas questões profundas por examinar, pois lhe bastará viver na superfície sedutora de uma nova programação, ou de uma nova viagem extraordinária sem sair do lugar, e onde os clássicos serão possivelmente um belo tema para um novo vídeo game, onde as emoções serão escolhidas pelo jogador.

Vou terminando então com Calvino novamente, quando diz "Naturalmente isso funciona quando um clássico funciona como tal, isto é, estabelece uma relação pessoal com quem o lê. Se a centelha não se dá, nada feito: os clássicos não são lidos por dever ou por respeito, mas só por amor."

É aí que talvez a sabedoria seja salva, pois onde há amor há desejo pelo que falta e, assim, tudo possa interessar, já que o amor está lá no cerne do que nos move.

Tomara que não seja nada disso e que essa reflexão seja apenas um delírio a ser curado pela droga mais moderna do mercado psi.

---

* CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Cultrix, 1993.

SIMONE MARQUES

Falo como pedagoga e mestre em educação. A escola precisa aprender como atrair o jovem leitor na direção dos livros e, certamente, não é obrigando-o a leituras clássicas que fogem à realidade atual e ao contexto em que ele vive. Que fique claro: não se deve abolir os clássicos, mas apresentá-los junto com aquilo que os jovens leitores leem, com os livros que eles escolhem nas livrarias, que viram filmes e sobre os quais conversam com os amigos. A escola precisa incorporar as experiências com esse tipo de leitura, e não tratá-las como menos importantes e marginais. Os professores precisam deixar seus preconceitos de lado e ler aquilo que seus alunos estão lendo, tirando dali oportunidades de apresentar os clássicos e entrelaçá-los às novas produções. Isso é possível, viável e delicioso de fazer se houver boa vontade por parte das instituições de ensino e dos professores. É colocar os pés no universo dos adolescentes e jovens, é transitar por diferentes obras sem o ônus do vestibular... O que eles leem hoje lhes fala mais à alma. Então, que não digam ser algo inferior, de menor valor e até desprezível; deem-lhes incentivo para conhecer as várias nuances e apreciar o que há de bom e ruim em cada livro...

RICARDO BELLISSIMO

Essa história de atingir um público-alvo é mais um reflexo da pobreza espiritual a que as artes foram condenadas, um ato de submissão aos desmandos do mercado. Se, desde cedo, as escolas disponibilizassem e incentivassem os mais variados temas e estilos literários, sem hipocrisias e excessos muitas vezes estúpidos com o politicamente correto, deixando a criança por ela mesma aprender a definir o que a interessa, isso seria um favor imenso ao seu processo natural e instintivo de amadurecimento. A própria liberdade e a noção de se identificar com algo que ela mesma escolheu já a estimula a criar identidade própria e, consequentemente, a desenvolver sua autonomia no mundo. Vale notar, ainda, que palavras como *identificar* e *identidade* possuem a mesma raiz gramatical e, não à toa, são termos aos quais as escolas precisam estar profundamente atentas. Do mesmo modo, deveriam deixar de se preocupar com tabuadas e outras inúteis decorebas, que visam um objetivo

ancorado ao vestibular sem, antes, proporcionar bases morais que consolidem um caráter mais digno.
Tudo isso, porém, exige um planejamento pedagógico profundo, que muitas escolas no Brasil ainda sequer estão preparadas para instaurar por inúmeros fatores. A escola, tal como a literatura, não pode jamais se submeter às leis do mercado, seja o editorial ou o empregatício. O processo de formação da identidade começa a ganhar importância de verdade na vida de uma criança quando ela deixa naturalmente suas emoções mais íntimas se entrechocarem com a diversidade cultural do mundo que a cerca. E, sem dúvida, a leitura é essencial para lhe ampliar tais horizontes. De outra maneira, estaremos apenas contribuindo para o fim de uma civilização embasada em princípios humanos e instalando a ditadura da imbecilidade e indiferença robótica.

3

Perguntas PESSOAIS

Ivan de Almeida

Mogg Mester

Sergio Carmach

Alexandre Bhering

Ben Oliveira

Fernando de Abreu Barreto

Maurem Kayna

Ricardo Bellissimo

Simone Marques

Anorkinda Neide

Fabio Shiva

Gustavo Araujo

Qual foi o texto mais difícil que você já escreveu, em termos emocionais?

FABIO SHIVA

GUSTAVO ARAUJO

Sem qualquer dúvida, o conto *Clair de Lune*. O texto foi criado para ser lido ao som da música de Debussy, ou melhor, para que o tempo de leitura equivalesse à duração da música. É um conto pequeno, sobre o destino de um fantasma que habita a casa de Anne Frank em Amsterdã, na Holanda. Bem, quase todo mundo conhece a história da menina judia e sua família, que se refugiaram em um anexo secreto durante a ocupação nazista de seu país.

O conto mostra a rotina das pessoas escondidas pelos olhos do nosso fantasma, testemunhando a melancolia, a resignação e o medo de ter esperança. É um texto de forte carga emocional, sobretudo para aqueles que têm familiaridade com o destino de Anne Frank, que conhecem, de antemão, o terrível fim que tragaria todos os habitantes do esconderijo.

O conto não chega a esse ponto. Por se tratar de um recorte da rotina do anexo secreto, deixa a incômoda impressão de que talvez o desfecho daquelas pessoas pudesse ser diferente. Uma impressão amarga, é verdade, que faz o leitor, mesmo sabendo como tudo termina, levar a leitura adiante com o desejo secreto de que algo possa ser mudado. Que todos se salvem e que vivam felizes.

Você já parou para se perguntar por que escreve? Por que gosta de ler, por que necessita ser ouvido, por que quer revolucionar o mundo, por que quer fama imediata, por que quer posteridade?

MAUREM KAYNA

RICARDO BELLISSIMO

O ato da escrita, antes de tudo, deve estar concatenado com a percepção emocional mais genuína e sincera que o escritor tem do mundo e das pessoas. E, através desse alicerce afetivo, o escritor deve procurar dividir seus mais velados sentimentos com os leitores, para que estes também possam, de alguma maneira, aprender a enxergar, em si mesmos, seus desejos mais ocultos. Ao iluminar melhor os seus pântanos interiores, o ser humano sente-se capaz de perceber aquilo que ele verdadeiramente anseia na vida.

Essa troca efetiva entre escritor e leitor muito me estimula no trabalho da escrita. A troca constante de vivências, afinal, é um hábito que as pessoas nunca podem deixar de cultivar. E a literatura pode ser uma ferramenta extremamente útil para se ensinar isso. Sem essa troca, as pessoas definhariam em suas próprias melancolias. E esse diálogo é tão mais intenso quanto mais o próprio escritor se dispõe a se alimentar com a leitura de outros tantos livros.

Nesse processo, que gira num produtivo moto-perpétuo, ler e escrever torna-se um ato vital para quem precisa saciar continuamente a sua fome pelos outros.

Interessante essa forma de resumir sua motivação, Ricardo.

MAUREM KAYNA

MOGG MESTER

Que fonte de inspiração é comum a todos os autores e como ela interfere em seu processo criativo?

SERGIO CARMACH

Uma fonte de inspiração comum a todo autor é certamente ele mesmo, o que inclui as características de sua personalidade, sua vivência e suas ideias sobre o mundo. Na qualidade de leitor, costumo imaginar que certos cenários, determinadas posturas dos personagens ou conceitos defendidos

por eles, entre outros elementos de uma obra, são a tradução de seu criador, o que, claro, nem sempre procede. Se os escritores realmente colocam muito de si em seus textos, é preciso não só entender como essa interferência da realidade age no processo criativo de uma ficção, mas também refletir se tal influência é positiva ou negativa.

É interessante ponderar, em primeiro lugar, sobre a interferência inspiradora de uma tal "personalidade coletiva", o que pode ser feito usando-se o exemplo dos jovens autores da atualidade. Não sei se a visão a seguir é preconceituosa ou errada, mas me parece que, ao contrário das gerações anteriores – mais rebeldes, ideologicamente mais engajadas, menos avessas a imediatismos e menos focada nas conquistas materiais (essas características, claro, devem ser lidas com cautela – sem generalização e de forma relativizada) – a juventude de hoje em dia é pouco contestadora e mais suscetível aos apelos do senso comum (vale aqui novamente a observação anterior entre parênteses). Isso que talvez possamos chamar de "caráter de uma geração" eu vejo evidenciado em grande parte dos textos criados por novos autores. Como os jovens atuais preferem positividade em vez de negatividade, cotidiano leve e aventura fantasiosa em vez de metáforas sombrias de um mundo injusto, tirar proveito do sistema em vez de combatê-lo..., sinto que o mercado foi dominado por uma literatura "pra cima" e menos ambiciosa (artisticamente falando). Talvez seja possível concluir que a influência da personalidade coletiva sobre o "eu" de um escritor – e, consequentemente, em sua obra – seja positiva em termos mercadológicos, pois faz surgir histórias mais palatáveis para o público em geral; mas, por outro lado, essa interferência pode impor certa homogeneidade, nada benéfica, à literatura.

Para falar especificamente sobre a influência da vida individual de um escritor em sua obra, Charles Dickens – um dos mais famosos romancistas do século XIX – é um exemplo formidável. A obra e a vida do autor estão interligadas de forma inegável. Wilkins Micawber, personagem de *David Copperfield* – livro flagrantemente autobiográfico – reproduz o pai de Dickens: ambos foram presos por dívidas e ambos nutriam forte esperança por um futuro melhor. O livro *A Pequena Dorrit*, por sua vez, critica esse sistema que permitia o encarceramento de devedores. Nessa mesma obra, a personagem Flora parece encarnar Maria Beadnell, primeira paixão de Dickens, que

ressurgiu em sua vida anos mais tarde completamente mudada, decrépita e desinteressante. A venerada cunhada do autor, Mary Hogarth, vitimada fatalmente por uma doença aos 17 anos, tornou-se referência constante para Dickens na elaboração de personagens femininas, sendo Nell, também falecida precocemente em *Loja de Antiguidades*, uma das mais conhecidas. A lista seria imensa se alguém se propusesse a relacionar todas as semelhanças entre a vida de Dickens e sua obra. Mas... Como a realidade interferiu de fato na escrita desse famoso escritor? Isso não é muito fácil de responder. Talvez dando maior vivacidade aos personagens, cujos dramas inspirados nos de seu criador – um homem de carne e osso – estariam mais próximos dos leitores. Quando Dickens passou a fazer leituras públicas de seus livros, atraindo uma grande audiência, era comum autor e plateia compartilharem as emoções vividas pelos personagens. Tragédias e sentimentos fictícios podem parecer tão profundos quanto os reais quando se originam mais da alma do autor que de seu cérebro.

Admito que também deixo parte de mim vazar para as histórias que crio, algo facilmente percebido por quem me conhece além da superfície. Empresto manias, ideias, dores, filosofias, lembranças, alegrias e muito mais a mundos e personagens imaginários. Contudo, faço isso tentando evitar a influência da "personalidade coletiva", sobre a qual falei mais acima, e procurando evitar que meu lado autor seja dominado pelo que sou. Um trecho do livro *Paz Guerreira*, de Talal Husseini, diz: "A personalidade é como um cavalo que deve ser domado, ora com carícias, ora com chibatadas. Mas pobre do cavaleiro que se deixa conduzir pelo cavalo ao invés de conduzi-lo. Perder-se-á do caminho ou será jogado ao chão onde perecerá."* Embora pareça uma odiosa autoajuda, considero bem sábio esse pensamento, que pode ser adaptado para servir à presente discussão. Eu diria que o "eu" de um autor pode conduzi-lo a ótimas histórias, desde que o autor o controle, e não o contrário. Quem sabe alguns possam considerar um grande feito o escritor finalizar sua obra sem deixar nela qualquer rastro de si mesmo. Mas uma trama sem nenhum elemento vindo diretamente das cicatrizes da carne e da alma de um autor pode perder um pouco de nitidez, profundidade e beleza.

---

* HUSSEINI, Talal. *Paz Guerreira: o caminho das dezesseis pétalas*. 4. ed. Curitiba: Nova Acrópole, 2011. p. 128.

A aparente necessidade atual de universalizar a obra para alcançar mercado externo (uma tendência que começa a ficar explícita em determinados nichos da literatura brasileira) impede a utilização, ou afasta as referências culturais brasileiras (marca muito forte da literatura nacional até o final do século XX)?

SIMONE MARQUES

Uma coisa não pode se opor à outra. Esses "bairrismos" e "nacionalismos" são obstáculos que acabam por isolar trabalhos. É perfeitamente possível conciliar cultura nacional, internacional e – por que não? – universal em uma obra. O que no final vai realmente importar é uma história bem contada.

MAUREM KAYNA

Você pode dar algum exemplo, Simone?

SIMONE MARQUES

Eu uso a cultura nacional em todas as minhas obras. Tenho livros em gêneros como romance histórico, fantasia, distopia... E em todos eles meus personagens são brasileiros. Quando falo em conciliar diferentes culturas me refiro à maioria das minhas obras. Por exemplo, em *Paganus* (romance histórico) eu conto a história de gerações de mulheres celtas perseguidas pela Inquisição desde Portugal até o Brasil. Sim, há muito da cultura celta entrelaçada à nossa; e, sim, o braço da Inquisição chegou ao nosso país... Tenho leitores portugueses também, que simplesmente adoraram essa fusão. Meu livro de fantasia distópica se passa em Goiás e utiliza mitologia celta e lendas que existem na região da Chapada dos Veadeiros. No caso dos vampiros, a história se passa em Santa Catarina, mas eu lhes dei algumas características peculiares que tornam perfeitamente possível a existência desses seres no Brasil, mesmo se tratando

de mitologia europeia. Minha preocupação em todas essas obras é contar uma boa história, cuidando para que os diferentes elementos se entrecruzem de maneira natural, e não forçada. E garanto que os resultados junto aos leitores são surpreendentes.

O espaço ofertado pela literatura sempre me pareceu generoso, pois se oferece como descrição mais livre aos imperativos dos ideais, já que não há *a priori* esse compromisso. Diria então que seria um lugar inexato, onde autor e leitor se prometem e se cumprem no possível. Esse encontro cordial ou passional, vibrante ou entediante se dá na inserção do leitor, que no caso é quem tem o poder de apreciação. Como vive esse des-possuir-se o autor?

ALEXANDRE BHERING

MOGG MESTER

O autor, ao se doar para o leitor por meio de sua obra, entrega-se ao mais cruel dos algozes e, ao mesmo tempo, ao mais justo dos juízes. Ser autor é oferecer-se ao leitor e deixar que este o explore e tire dessa experiência aquilo que lhe convier. Enquanto o autor está voltado apenas para si, sua obra, sua existência literária, é mera possibilidade. É o entregar-se a esse algoz/justo juiz que possibilita ao autor existir, assim como ocorre com a criança, que ao nascer precisa perder a sensação de totalidade para amadurecer como indivíduo independente.

Jung já havia dito que um encontro ocorre quando o paciente e o terapeuta se modificam dentro do *setting* terapêutico, um trabalho mútuo de mudança e evolução. Isso, de alguma forma, é aplicável ao escritor e seu leitor. Ambos se modificam; é um *feedback* constante, uma troca útil.

Vivo esse entregar-se como um processo necessário ao ofício de escrever. Tenho o leitor como um espelho da obra, um espelho que refletirá de uma forma ou de outra aquilo que ela representa,

a sua qualidade, a sua mensagem. Ele é o *feedback*, a resposta do universo à ação do autor. É o *Karma*, a consequência do ato de escrever. E, como *Karma*, será equivalente ao que a obra se propõe. Por isso, o leitor é essencial ao crescimento do escritor, já que ele, enfim, é também nosso cobaio, amado cobaio.

Todos temos nossos autores favoritos. Até que ponto é válida a influência que suas obras exercem sobre nós? Qual o limite entre a inspiração, ou melhor, entre a adoção de um estilo que admiramos e o plágio?

GUSTAVO ARAUJO

FERNANDO DE ABREU BARRETO

Não se pode medir a influência que o autor sofre das obras de sua preferência, de sua formação cultural e religiosa, das peças musicais de seu agrado. Nem sempre essa ascendência é clara; e não seria mais marcante se fosse explícita. Não se podem impor limites, menos ainda impedir o escritor de beber em fontes de inspiração, por ser justamente essa a essência do seu trabalho, o que não retira a originalidade de sua obra. É um contrassenso pensar de forma diferente.

Há uma relação entre o surgimento do estilo e as influências literárias do autor, mas não é a única. O estilo, ou voz do autor (não confundir com voz dos personagens), é característica maturada com esforço e tempo – exceto nos talentos precoces, em que é percebida desde as primeiras palavras. Essa voz sofre óbvia influência de todas as informações percebidas pelo escritor, e não apenas as literárias. Há influência da comunicação oral e escrita. Há influência social, política, religiosa, filosófica, que podem ser até mais marcantes que a vinda dos livros.

O plágio é cópia pura e simples. Não há influência na contrafação, mas apenas a reprodução da obra de outro autor, com finalidade notadamente financeira. Dessa forma, não considero que exista um limite entre a inspiração em um estilo literário específico e o plágio; eles ocupam planos diferentes.

FABIO SHIVA

Lembrei aqui de uma frase do Picasso, que sempre foi meu norte nessas questões: "Imitar os outros é necessário; imitar a si mesmo é que é ridículo".*

* SIMÕES JR., José Geraldo. *O Pensamento Vivo de Picasso*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.

Sobreviver de literatura no Brasil é algo alcançado por poucos escritores em um mercado editorial que ainda prioriza a tradução de autores internacionais. Os incentivos são poucos, embora o amor ao ofício seja o que dá sentido à Jornada do Escritor. Quando nem sempre as condições de produção são as ideais e nem sempre o universo parece conspirar a favor, como fazer para não desistir da escrita?

BEN OLIVEIRA

IVAN DE ALMEIDA

Esse contrassenso é a marca do nosso país de corruptos, de uma elite perversa. São heranças do maldito colonialismo, da exploração portuguesa. No Brasil, não se melhora a educação e a cultura porque essa mentalidade atrasada persiste. Quem deseja fazer literatura tem de ultrapassar verdadeiras muralhas para prosseguir. Tudo isso é uma triste realidade.

MAUREM KAYNA

Essa realidade se repete mesmo em países com menor nível de corrupção e muito melhor nível educacional. Penso que a dificuldade para novos escritores sempre existirá e é preciso ter noção de que nesse ramo o "sol" sempre será para poucos. Não são poucos os exemplos de grandes autores que nunca viveram da escrita e, assim, tinham outras profissões. Muitos, aliás, jamais lamentaram isso e até consideravam o exercício da profissão como um necessário sustentáculo de sua criação, não no sentido

monetário, mas de bagagem mesmo. Por exemplo, Scliar e Tchekov, que eram médicos.

GUSTAVO ARAUJO

Escrever deve ser, antes de tudo, um prazer. Viver de literatura é uma utopia. Certa vez li que nem mesmo Luis Fernando Verissimo conseguia tal proeza. Por isso, tenho para mim que – se o aspirante a escritor busca o sucesso comercial, lucro – é melhor partir para outra. Sim, o mundo é perverso e o capitalismo faz com que se busque, sempre, o lucro. Novatos raramente terão alguma chance no circuito editorial que está consolidado. E, mesmo aqueles que conseguem quebrar essa barreira, digo, mesmo aqueles que se veem publicados por grandes editoras, têm nada mais que um falso vislumbre de sucesso. Embora publicados e com livros em *megastores*, a verba para publicidade é próxima do zero. Ou seja, ainda que publicado por uma grande casa, o escritor novato ficará restrito a uma prateleira nos fundos das livrarias de *shopping centers*. Cientes disso, as editoras de renome preferem, por óbvio, jogar suas fichas em nomes consagrados e em sucessos comerciais no além-mar. Não há como perder dinheiro e, no fim, mais do que qualidade literária, é isso o que importa. Não há, assim, como desejar o sucesso comercial simplesmente, porque não se tem as ferramentas para tanto. Nesse contexto, creio que a maneira para não desistir da escrita repousa no compartilhamento do seu trabalho. Escritores gostam de dinheiro (não me entendam mal), mas gostam também de ouvir o que os outros pensam de seus trabalhos. A sensação de ouvir alguém dizendo "gostei muito do que você escreveu", "aquele seu conto é ótimo", "chorei com a sua história" é quase tão bom – para alguns é, na verdade, até melhor – quanto receber 10% do valor de capa. Cada vez que escuta um comentário, que recebe um *feedback*, ou mesmo uma crítica, o escritor desconhecido do grande público reúne forças para seguir em frente. Não que abandone o sonho de ter um livro publicado, mas pelo menos passa a entender que não deve ser esse o principal objetivo na vida de quem escreve. Redes sociais estão aí para isso. É possível atingir um público que há vinte anos nem se cogitava. É possível chegar até pessoas que jamais conheceriam seu trabalho. Sem intermediários, sem falsas esperanças e sem decepções com editoras ou livrarias.

Como vê o processo intuitivo para a criação literária? A intuição estaria de algum modo ligada ao que se convencionou chamar de inspiração?

Sou um bocado cética com a tal inspiração. E, como acredito que qualquer criação vem de um misto de atenção e disciplina, a palavra *intuição* calha bem, sim. Entendendo-se a intuição como uma forma de perceber as coisas sem a intervenção do raciocínio, ela pode ser o tipo de atenção necessária para iniciar a escrita – que é uma forma de traduzir uma parcela do mundo (mesmo os que não existem). Porém, a atenção (ou intuição) sozinha não produz arte. É preciso, penso eu, trabalho árduo sobre o que essa forma de atenção nos faz registrar, para então, com a presença implacável do raciocínio, moldar a palavra até se obter o efeito pretendido.

O momento que determina em mim o início da vontade ou a urgência de escrever uma história é mesmo captada de modo intuitivo – pode ser o gesto de alguém na rua, o clima entre um casal no restaurante, a desatenção sofrida por uma criança no *shopping* – sem que necessariamente eu saiba como aquilo vai se desenvolver; mas é sempre um *flash* que incomoda. Então escrevo a cena e a rumino até que os personagens vão saindo de trás da cortina daquele momento que foi capturado e voltam no tempo até a causa ou avançam em direção a alguma consequência. Depois vem a gaveta (em geral digital, mas também na forma física, porque carrego bloquinhos onde esboço histórias que ficam soterradas por um bom tempo até serem desenvolvidas via teclado).

Depois vem a revisão, a análise, a dissecação e, algumas vezes, o assassinato. Há coisas das quais desisto, mas isso só recentemente, pois logo que comecei a escrever tinha excessivo apego às frases, como se descartar uma história pudesse me fazer perder algum órgão não vital do qual viesse a necessitar em alguma ocasião. Agora não sinto mais isso, corto, rasgo e deleto

sem maiores dores, tranquila com o fato de que intuições (assim como a atenção racional) falham.
O teste é sempre reler depois de alguns meses e, se conseguir olhar para o texto com a mesma consideração que teria ao ler algo de um escritor que me agrade, concluo que o texto merece mais trabalho. E se me fizer torcer o nariz, *trash folder*.

Como você se sente quando consideram sua obra inspirada ou copiada de alguma outra posterior à sua, porém mais conhecida do público?

FABIO SHIVA

Lembro nitidamente da primeira vez que vivi algo parecido. Eu tinha dezesseis anos e meu irmão Fabrício Barretto tinha doze, e já fazíamos muitas músicas juntos. A média na época era de uma por semana. De algumas gostávamos mais que de outras, é claro. Uma de nossas favoritas chamava-se *Hipocondria*. Era mórbida e inovava ao apresentar o tema da doença e da morte em uma canção romântica:

Meu bem, talvez eu morra de edema pulmonar.
Um câncer na laringe talvez venha me pegar.
Tuberculose, úlcera péptica,
infecção hospitalar.

Mas não fica bem, meu bem,
se uma doença venérea vier me ferrar.
É bem melhor que seja
uma coisa menos vulgar!

Espinhela caída não faz meu estilo!
Tumor cerebral bem que tem seu status!
Aerofagia, apendicite, estafilococos!
Só não quero é me acabar com um bacilo!

Meu bem, são tantas maravilhas que nem sei...
Se quero esta, é bem melhor aquela...
E entre tantas quero todas, todas, todas elas!
Que talvez, meu bem,
talvez me jogue da janela!

Pois então. Alguns meses depois de compormos *Hipocondria*, as rádios do Brasil inteiro tocavam *O Pulso*, dos Titãs. O sentimento no início foi bem agridoce mesmo! Por um lado, foi um sentimento de perda: a música *Hipocondria* havia morrido ali – para ser aqui enfim exumada! – uma vez que a novidade que ela trazia deixou de existir depois de *O Pulso*. Por outro lado, o sentimento de ganho não foi menor: dois moleques como eu e meu irmão – que mal haviam começado a tocar e compor – já acessando ideias parecidas com as dos Titãs! Foi esse o sentimento que venceu no final. Eu e Fabrício ficamos exultantes. Vimos nesse episódio uma confirmação de nosso chamado, de nossa vocação para a música.
De lá para cá, esse tipo de sincronicidade aconteceu outras vezes, com diversas nuances, tanto na música quanto na escrita. Imagino que seja um fenômeno bastante comum. A última vez em que isso ocorreu também foi marcante. Eu havia acabado de publicar *O Sincronicídio* pela Caligo Editora quando iniciamos a fase de pesquisas do projeto musical *ANUNNAKI – Mensageiros do Vento*, uma ópera-rock em desenho animado, inspirada nas histórias contadas nas antigas tabuletas sumérias. Nessas pesquisas travei contato com diversas teorias de conspiração, e foi então que descobri algo que me deixou de boca aberta. Alguns detalhes da trama de *O Sincronicídio*, que eu acreditava serem frutos exclusivos de minha imaginação mais delirante, não somente já eram de conhecimento público, como havia até testemunhas jurando ser tudo verdade!
Essas e outras experiências foram confirmando na prática a máxima de Ezra Pound: "o artista é a antena da raça".* O artista não cria: ele simplesmente capta. Ele é uma antena que se conecta com o *Zeitgeist*, o *Campo Akáshico* ou o que for. E esta é, realmente, uma percepção muito libertadora: *nada do que faço sou eu quem faz*!

---

* REZENDE, Lucinea Aparecida de. *Leitura e Visão de Mundo: peças de um quebra-cabeça*. Londrina: EDUEL, 2007. p. 27.

O artista é aquele que encontra, na sua obra, uma espécie de catarse e extrai dela a transpiração para tratar seus conflitos existenciais?

O artista tem em sua obra um material de autoestudo. Nela, reflete-se o que lhe vai à alma, e não há maneiras de evitar essa exposição quando a arte sai de seu autor, em qualquer expressão. Por isso, o artista pode valer-se de sua obra pronta para orientá-lo em sua busca existencial. Ao criar, do Nada se faz a forma. Nosso baú do inconsciente é o espaço onde Nada aparentemente havia, mas que gerou a expressão do que nos sustenta a vida. É um material preciosíssimo, que não auxilia apenas o artista, mas também quem se identifica com a obra.

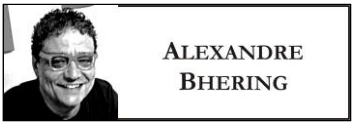
A meu ver, a função primeira de toda expressão artística é transmitir uma mensagem ao mundo. Abraçando esse conceito, costumo não colocar o que produzo em uma redoma. Não me incomoda enviar meus textos gratuitamente em formato eletrônico; permito, inclusive, que eles sejam passados adiante pelos destinatários originais (desde que igualmente sem ônus para quem receber). Mas essa ideia, de certa forma, afronta a visão tradicional sobre direitos autorais, que julga certo conceder a plena apreciação de uma obra apenas àqueles que pagaram o preço estipulado. Eu – seja na qualidade de autor ou de leitor – defendo a necessidade de uma nova forma de se remunerar o artista, de maneira que ele possa viver de seu trabalho sem transformá-lo em mera mercadoria, em um artigo exclusivo para pagantes. Falando-se especificamente de livros, pergunto: isso seria uma utopia, uma loucura, uma desnecessidade, uma desvalorização do escritor, um obstáculo à publicação ou algo do gênero? Se não, como seria possível implementar um conceito menos mercenário de se vender literatura, tornando-a de fato para todos?

BEN OLIVEIRA

Sua pergunta é bastante complexa. Uma literatura acessível a todos não necessariamente significaria que ela seria consumida por todos. Tome como exemplo as bibliotecas. Atualmente, muitas bibliotecas investem pouco em livros físicos, não porque falte interesse por parte delas, mas porque falta público para usufruí-los. Então, em tempos onde muitos materiais – principalmente os que perderam os direitos autorais, como os clássicos da literatura – estão disponíveis na Internet, devemos nos perguntar se a principal questão é realmente o preço do livro (produto) ou a falta de interesse pela leitura do brasileiro. Por que alguns livros são mais baratos que outros? Por que as traduções de livros internacionais costumam ser mais acessíveis ao bolso do brasileiro que os próprios livros nacionais? Por causa do mercado editorial. Quanto maior a tiragem e sua demanda, mais barato fica o livro!

Tornar gratuito o livro de um autor que sobrevive da escrita é desvalorizar o seu trabalho, pois ela é – no caso – a sua principal fonte de renda. Não se trata somente do custo do livro, mas dos hábitos e da cultura do brasileiro. Afinal, o que é de graça? Um *e-book* gratuito pode não ter custo, mas – para ter acesso a ele – o leitor precisará de um dispositivo para acessar o material (leitor de *e-book*, computador, *smartphone*) e deverá custear a Internet. Enquanto a profissão de escritor continuar sendo desvalorizada pelo mercado editorial – considerando-se que, sendo otimista, recebe-se em média somente 10% do preço de capa, e que só uma minoria consegue ganhar o suficiente para pagar suas contas – os direitos autorais devem ser respeitados. Como driblar essa questão? Não é tirando do autor, que é o menos favorecido da cadeia, mas criando políticas de incentivo à leitura, financiadas pelo Governo e patrocinadores. Os custos de leitura no país ainda são altos, não por falta de interesse das editoras, mas por fatores educacionais – o brasileiro, em sua maioria, não tem o hábito de ler. A média de leitura do brasileiro, segundo uma pesquisa de 2008, é de 3,7 livros por ano. Talvez uma boa solução para compensar uma eventual gratuidade das obras fosse a criação de bolsas para escritores, a realização por eles de palestras etc. Enquanto tudo isso não acontece, é possível afirmar que ainda é utópico o cenário onde o autor é remunerado e o público-leitor tem acesso livre a suas obras.

A minha experiência com a literatura é a de ser ávida leitora, desde muito pequenininha. Tudo o que surgia à minha frente eu traçava. Era uma traça de livros. Eu tive a sorte de meu pai ler muito e comprar muitos livros, em sua maioria romance e ficção. Mas havia um tipo de leitura que eu me recusava a consumir: poesia. Eu, simplesmente, não entendia nada. As poesias infantis eu julgava bobas. Os poemas adultos, incompreensíveis. E, no entanto, hoje eu me considero poeta. É minha praia, onde eu me sinto bem. E hoje eu leio poesia, leio muito, avidamente. E me questiono, será que escrevemos o que gostamos de ler ou gostamos de ler porque escrevemos?



Eis então uma traça que se tornou poeta, que belo destino de uma traça: rompeu-se o traçado e chegou-se à poesia. A partir de agora as traças serão outras, pois irão apreciar a leitura poética, ao invés de ficar roendo o papel e fazendo sumir no invisível o que nós queremos manter sob nossos olhos. É tão bonito ver os livros, né?
Imaginar o esforço para fazer nascer, essa partenogênese que nos subtrai o imediato da corporeidade e nos lança no universo simbólico da palavra, que no caso da poesia é inspirada pela ausência. É o que não existe que provoca saudades, seja porque passou, seja porque passará ou porque passarinho, parodiando nosso poeta Quintana.
Por onde se começa? Por aqui ou por ali? Pela escrita ou pela leitura? Sem dúvida são duas experiências diferentes, mas um tipo de dobradinha complementar, onde a preponderância dos sentidos sofre nuances de concentração. A leitura começa antes, bem antes, leitura sem letras, visualizações livres, sonoridades sem sentido, lemos antes do alfabeto, caso em que toda leitura será dirigida. Surgem os fonemas, as letras e sílabas, pares que juntarão consoantes e vogais, primeiro contato com a eternidade gramatical, que nos fará adquirir uma identidade social, uma linguagem de um universo estabelecido com suas normas e regras, que nos dirá sempre como deve ser.

Uma vez nas sílabas, já aprendendo a ler de forma codificada, buscando ensaiar as primeiras letras no papel, temos a alegria de poder olhar novamente: eis que ainda sequer sabemos soletrar e lá está ela, a sílaba bem juntinha, pares simpáticos que parecem jurar que ficarão ali até aprendermos. Abrimos e reabrimos o livro virginal, e eis que lá estão elas, meigas, fixas, nos dando o não-movimento, quando tudo em nós parece sair do lugar. Voltamos a elas quantas vezes necessárias e elas sequer reclamam de nossos olhares repetitivos.

Essa coreografia titubeante, esse vai-e-vem até fixar, que antes era em separado, de forma silábica, e que hoje tem variações pela prioridade do conjunto para partes, se torna ainda mais extraordinária quando, por operações mágicas e abstratas, temos que colocá-las no papel por uma ação própria. Talvez aí, suspeito eu, algo se defina como um ensaio de sujeito, pois esse replicar fenomenal é um ato de poder. É como pegar algo pela abstração e devolvê-lo ao papel, num tipo de operação onde o ressurgimento, seja igual ou parecido, delineia uma potência, em que a capacidade de tirar de lá e trazer para cá é absolutamente mágica.

Nesse sentido, diria que a escrita é uma inveja e uma singularidade, pois coloca em pauta a questão do sujeito com sua capacidade, a princípio de replicar, para depois aí mesmo exigir algo de sua singularidade, que será utilizada pelos grafólogos posteriormente.

Herdeira não grata de uma época onde só a Memória era soberana e os aedos, os poetas falantes, tinham nas Musas palavras cantadas, todo segredo de uma tradição transmitida oralmente, a escrita, filha do aparecimento do alfabeto, situa a palavra como conceito abstrato e abre a leitura como recorrência, como repetição.

Esse salto, resumido aqui, instaura então o mundo gramatical com regras e referências fixas, onde a escrita e a leitura são duas chaves iniciáticas para sua iniciação, e a questão da identidade cultural se destaca tanto no plano social como político, pois uma vez territorializado, o mundo se reproduz por nacionalismos situados.

Vemos então que aprender a ler e escrever é um ato territorial e fundamental para que se estabeleça com ele uma familiaridade, ensaios importantes de reconhecimentos protegidos, onde, no incentivo dos reforços, vamos galgando aos poucos uma

construção que é um patrimônio definitivo para nossa ação no mundo.
Se precisamos fazer da leitura um ato mais universal para ler o mundo, como diz Paulo Freire, então toda inocência do aprendizado é também a produção de uma subjetividade, que irá consistindo ao longo de suas aquisições.
A leitura, então, é anterior, é um situar-se nos limites da percepção. A escuta enquanto fonema já nos indica diretrizes e ordenações que iremos reconhecer ao conhecer, ou seja, conhecer é re-conhecer, um retomar que irá nos familiarizando ou nos domesticando para o que está dito e autorizado. Mas, na medida em que vamos lendo, e isso nos dá toda questão das multiplicidades, começamos dentro dessa heterogeneidade a ter um leque mais amplo de identificações e de leituras diferenciadas, condição de salvação cultural, já que nessa produção subjetiva a diferenciação é a condição de transcendência do *status quo*.
O pensamento começa alçar seu voo e o enriquecimento, não só cumulativo, mas também do confronto desses múltiplos, vai fazendo surgir então a questão do singular, ou seja, do que é o singular. E o singular é a escrita.
Diria então que a escrita não é o desdobramento exato da leitura rica e desejosa, mas uma demanda que vai surgindo aos poucos de um singular experimental, onde o escrever é uma subversão ao excesso da antropofagia. Ou seja, muita gente foi comida nas frases, estrofes, capítulos e, não para todos, claro, há um desejo tímido e corajoso de oferecer-se ao banquete de retorno ao que se comeu.
Seja por des-saturação, por desejo de autoria ou pelos dois, a escrita elabora e aponta o nascimento de um recorte territorial, onde a questão da assinatura aponta o desejo de algo próprio, inexistente até então, a ser tomado como desafio de existir como requisição única.
Portanto lemos e escrevemos como condição do próprio pertencimento, de inclusão social no mundo que nos obriga a aprender seus aparelhos para nos inserirmos e também para nos deslocarmos nele com alguma eficácia.
Mas essa outra escrita, essa que surge da outra cena, como diz Freud, é diferente, vem da acuidade conquistada por todos os caminhos que percorremos e das significâncias que nele

identificamos como importantes para nossa velha alma peregrina.
É o momento de dizer "se dizendo", uma devolução a tudo que aprendemos e ao que ficamos de aprender, só que essa subversão é ao contrário, um ato de des-prender, desprendimento necessário à criação, ultrapassamento de todo bom senso comportado, para uma escrita que tenha alguma virulência de penetração, seja grotesca ou sublime. Ela é quem indicia o autor, sendo uma invenção que se esculpe como desejo de trazer como ruptura algo diferente, algo que não existe *a priori* e que pede para nascer nesse mundo onde as leituras seduzem os leitores e lhe prometem alguma diferença ao serem lidas.
Nesse universo de aquisições e com tantas inspirações de raras belezas, a escrita parece surgir para dar conta da singularidade do autor, seja em seu excesso pela leitura ou por uma inspiração visceral, cuja brecha se abre com força no tecido literário estabelecido, pois garante que há ainda muito por se dizer. É essa região do indizível que vai sendo sensitivizada pelo autor, na medida em que cada leitura que é incorporada vai despertando a vontade de dizer. Caso em que esse indizível pode propor uma parceria que, dependendo do alcance do autor e do teor revolucionário da mensagem, poder ir da leveza quase psicográfica do texto, até uma sangria que empuxa sua alma ao limite de sua suportabilidade.
Gostamos de escrever o que gostamos de ler? Ou gostamos de ler porque escrevemos?
Diria então que escrevemos para dizer o que estava nas entrelinhas ou nas sombras das palavras, ali onde a nossa leitura ficou desconfiada de que algo poderia ser dito pela diferença, e onde nossa instigação resolveu testemunhar uma singularidade, cuja expressão é um estilo do próprio delírio.

4

Perguntas INESPERADAS

GUSTAVO ARAUJO

FABIO SHIVA

ANORKINDA NEIDE

SIMONE MARQUES

RICARDO BELLISSIMO

MAUREM KAYNA

FERNANDO DE ABREU BARRETO

BEN OLIVEIRA

ALEXANDRE BHERING

SERGIO CARMACH

MOGG MESTER

IVAN DE ALMEIDA

O que você diria a alguém que quisesse ser escritor e lhe pedisse uma opinião?

MOGG MESTER

BEN OLIVEIRA

Eu diria que, em primeiro lugar, é preciso ter muita paciência. A jornada do escritor iniciante nem sempre é fácil e são muitos aqueles que desistem, seja pela falta de apoio, pelas inseguranças ou pela dificuldade de entrar no mercado editorial. Em seguida, eu diria que é possível aprender a escrever. Porém, sem amor ao ofício, dificilmente as histórias terão aquele sopro de vida, aquela mágica que torna os personagens palpáveis e as tramas envolventes e transporta o leitor para outro universo, fazendo-o entrar na pele do protagonista e dando-lhe a chance de viver outra realidade. Em terceiro lugar, eu ressaltaria que é importante praticar constantemente, ler muito, aprender mais sobre a criação literária e pesquisar os temas que se deseja abordar. Eu lembraria que o sucesso é bem-vindo, mas não deve ser o propósito maior de uma produção. Ser escritor é um ofício em tempo integral, embora nem sempre seja valorizado. Estamos sempre atentos às leituras, conversas, filmes, enfim, nossas escritas são alimentadas por nossas memórias, por nossos subconscientes, pelos produtos culturais que consumimos. Escrever acaba sendo mais que uma necessidade, um hábito, uma obsessão, tornando-se aquilo que nos impede de enlouquecer e que nos permite entender melhor a nós mesmos e aos outros seres humanos. Ser escritor, muitas vezes, também é ser visto com respeito e loucura. Se for o que você ama fazer, seja bem-vindo ao Universo das Letras.

FABIO SHIVA

Não pude deixar de me lembrar do conto *Você aconselharia alguém a ser escritor?*, do Charles Bukowski, que responde essa pergunta com um enfático "Escritor já nasce feito, não é conselho que vai resolver."

---

* Bukowski, Charles. *A mulher mais linda da cidade*. Porto Alegre, RS: L&PM: 2012.

Se há mortes em seus livros... Qual a sua relação com as mortes ou assassinatos em suas histórias? Eles são simplesmente eventos isolados ou refletem algum momento pessoal do escritor? Qual a sensação quando mata algum personagem?

Não há palavra ou fato vão em uma obra literária. Portanto, a morte em um livro de ficção jamais será um evento isolado. Ela pode ser o centro da narrativa, mas – quando penso em obras referenciais que tratam do assunto – lembro-me de peças em que a morte serve como catarse, um ponto de revolução de um personagem ou da própria trama. *O Estrangeiro*, de Albert Camus, tem início com a notícia da morte da mãe de Mersault, evento fundamental para que a segunda morte, o assassinato na praia, tenha a importância que tem no desenvolvimento da tese do autor. Note, porém, que o cerne da obra não está nem na morte da mãe, nem no assassinato, mas na lógica do absurdo tão profundamente enfrentada pelo autor a partir desses acontecimentos.

Em *A Morte de Ivan Ilitch*, de Liev Tolstoi, o tema morte caminha mais para o centro. No entanto, o mais importante ali não é a morte em si, mas a transformação do personagem diante de sua inevitabilidade.

Lido com a morte da mesma forma na obra que venho construindo. Serve como evento modificador. Seu caráter inevitável, sua condição irreversível, a transformação que provoca no mundo – ao redor ou mais amplo – são instrumentos de grande força narrativa.

Noutro sentido – investigando elementos do porte da morte, da doença, da traição, da dor, do medo – o autor pode explorar potencialidades que não explora voluntariamente em sua vida comum. Pode vasculhar campos que fazem emergir na ficção reflexões as mais profundas. Nenhum homem comum busca a morte por querer. Ela surge súbita em nossas vidas por ocasião da perda de um parente, de um amigo, ou pela iminência do nosso próprio fim. Lutamos contra isso, negamos sua existência até que ela se apresente, definitiva como é. O escritor faz o

movimento contrário. Enfrenta, explora, cria, recria, pensa a morte em múltiplas possibilidades sem o risco e as implicações da vida real, e busca com isso vasculhar os tais campos de reflexão mais abrangentes para, no fim, atingir um único objetivo, dar qualidade à peça literária.
Daí que o tema não reflete um momento pessoal do escritor. Na minha literatura a morte não é uma metáfora para acontecimentos da vida real, é um recurso narrativo. Tanto que, ao matar um personagem, minhas preocupações se restringem à qualidade do texto, à verossimilhança e à coerência narrativa. Não sou como Lygia Fagundes Telles, que declarou em recente entrevista sentir grande pesar pelas mortes que criou em seus livros. Na ficção não sinto, penso.

SERGIO CARMACH

Difícil determinar se a pergunta trata a morte como algo proibido, sagrado – quase um tabu – ou se simplesmente tenta averiguar como a questão é vista pelos escritores. De qualquer forma, foi admirável a lucidez na resposta do Fernando. Um autor ousado sobrepuja medos, preconceitos e todo tipo de perturbação que aflija a mente das pessoas e os manipula com coragem e atrevimento. Um escritor é tão humano quanto seu leitor, mas quem trabalha com as palavras acaba ultrapassando de alguma forma essa condição, superando o senso comum e até – quando necessário – transcendendo as abordagens usuais ao ser confrontado por questões delicadas. A morte, tema específico da pergunta, ameaça tirar de nosso convívio pessoas amadas e nos levar para lugares desconhecidos (talvez para o vazio infinito) e, assim, é receada. Escritores, contudo, não se rendem a não me toques e temores, triviais ou não, ao construírem seus mundos. Matar personagens não lhes afeta o coração; despojar a Morte de sua funesta majestade (quem sabe passando a honra ao príncipe Sofrimento) e fazer dela um anjo abençoado não lhes corrói a alma. A insensibilidade/sensibilidade do autor deve chegar ao ponto de fazê-lo matar a própria Morte, conforme acontece de certa forma no ainda inacabado *O Estranho Inferno da Felicidade*, e mostrar como sua ausência poderia ser mais lamentada que a de filhos, pais, esposas, maridos, amigos... Abordar – sem melindre,

escrúpulo, reverência, temor... – a morte, a crueldade e todo tipo de mazelas deveria ser um dever de todo escritor. Ou não? Cabe aí uma reflexão...

FABIO SHIVA

Eu senti um luto profundo ao matar determinado personagem em *O Sincronicídio*. Fiquei até muito surpreso com minha própria reação, e ao averiguar meus sentimentos percebi o quanto havia de projeção no que eu havia escrito, foi um aprendizado muito rico. E enquanto estava escrevendo o livro seguinte, de contos, descobri que havia escritores que matavam desafetos em seus livros. Fiquei me sentindo muito ingênuo por nunca haver pensado nisso, e resolvi experimentar: matei com requintes de ironia umas duas ou três pessoas que estavam me incomodando na época... Foi divertido, mas considero esse recurso um tanto quanto imaturo. A melhor morte é a que decorre unicamente da necessidade da história.

Muitos escritores aclamados nos dias atuais passaram por situações difíceis até o final de suas vidas. Doenças, vícios e a falta de reconhecimento de suas obras literárias e seus ofícios enquanto vivos. Se pudesse voltar no tempo, o que diria a eles se tivesse oportunidade? Ou você acredita que alguns desses fatos negativos de suas existências, caso fossem resolvidos, alterariam as relações deles com a criação literária?

BEN OLIVEIRA

ALEXANDRE BHERING

Começo com uma passagem de Rubem Alves, quando um aluno que era seu fã, e esse fato não tinha passado despercebido ao escritor, lhe perguntou como havia feito para chegar onde estava. Alves tinha se dado conta de que o aluno lhe perguntava sobre

sua fama e se haveria algum caminho a ser seguido. Pensou um pouco e disse "Só cheguei até aqui porque tudo que eu pensei em fazer na minha vida deu errado". É difícil supor alguma comoção mais profunda, quando a escrita não é capilarizada com certo sangue, suor e cerveja ou substitutos. É como se nosso olhar reivindicasse a autoria pelo vivido, pela afecção, pelo modo como somos atingidos pela experiência, e tendo aí uma marca original daquilo que nos pertencerá.

Esse registro será sempre uma provocação do que nos inscreveu num excesso ou numa debilidade, numa sangria exacerbada ou numa exaltação para extrapolação, onde há necessidade do maldito, aquilo que nunca é bem recebido, e que só se vive por imposição.

Nesse sentido escrever é um recurso do homem contra o destino, suas imposições sem diálogo, sua corporificação nos nervos, tanto de forma autônoma como vegetativa, lembrando que tanto Nietzsche como Emil Cioran* defendiam arduamente a insônia como fonte de inspiração. Ei-lo: "A insônia é uma lucidez vertiginosa que poderia converter o paraíso num centro de tortura. Qualquer coisa é preferível à vigília permanente, essa ausência criminosa do esquecimento".

Observe-se que Cioran propõe uma inversão do tempo e da ordenação da vida, afirmando que é na noite com seus tormentos que a Filosofia busca dizer o que a vigília cala. Belíssimo escritor niilista, questionador do sentido da vida, tal como promulgada pelos homens que dormem, ainda diz: "Ontem mesmo tive sonhos e tive pesadelos. Ambos alimentam minha imaginação, possibilitando novas ideias que provavelmente darão em novos textos, ou desaparecerão como que se nunca tivessem existido".

Logo, como constatamos em Cioran, se dá o mesmo em Nietzsche, ao se revoltar contra o discurso médico oficial que buscava enquadrá-lo com diagnósticos: "Um incriminava o estômago, outro o fígado, um terceiro o sistema nervoso. Esforços perdidos, é tudo isso junto que estava doente. Era seu próprio ser, o ser que não existia ainda, que se agitava nele, reclamando a vida. Tinha necessidade não de ser curado dos males, mas de ser assistido nos espasmos do seu parto", diz um biógrafo.**

Dostoiévski*** também, em sua experiência de prisão e fuzilamento simulado pelo Czar, dá sinais de seu martírio: "No verão, confinamento intolerável, no inverno, frio insuportável.

Todos os pisos estavam podres. A sujeira no chão tinha uma polegada de espessura; alguém poderia tropeçar e cair… Éramos empilhados como anéis de um barril… Nem sequer havia lugar para caminhar… Era impossível não se comportar como suínos, desde o amanhecer até o pôr-do-sol. Pulgas, piolhos, besouros a celemim" (medida agrária russa).
Claro que existem outros testemunhos espetaculares de como a escrita vem como ferida aberta e como parto das entranhas fortemente blindadas, como se só através de uma dor irrecusável o acesso fosse permitido, ao preço da própria corporeidade, condição *sine qua non* para qualquer voo do Espírito. Mas o aspecto mais intrigante é que parece haver uma exata correlação entre a obra testemunhal e o autor, como se correspondesse a um tipo de encontro onde ambos se precisam, como se esse parto referido impusesse uma fratura no tempo, e a partir daí não houvesse retorno. Essa irreversibilidade é tão mais incrível quanto menos reconhecida seja, pois significa um tempo depois que ainda não existe, uma vanguarda pré-anunciada como um devir inconteste de grandeza, cujo preço será pago com sacrifício, já que a anunciação, nesse caso, só pode se dar como delírio engenhoso, mas etéreo e pretensioso para conformidades vigentes. Lembro de um comentário feito por um amigo sobre Chopin, que reclamava do quanto a falta de angústia lhe afetava a criação, ou seja, é difícil escrever quando se está satisfeito, o que torna a escrita uma filha bastarda da felicidade, uma filiação de estranheza, inclusão do amor-ódio enquanto uma tensão viva, onde os infortúnios parecem levar a inspirações de maior profundidade, como a sondar os segredos que a Terra esconde dos olhos mais ingênuos. Logo, cada um desses malditos aproveitou os sulcos descobertos e entrou por eles sem saber onde iam chegar, pois nenhuma obra se pare de pronto, mas num esforço constante, sofrido, meticuloso, persistente, onde os subterrâneos, nessa ação tropista, fazem vazar seus ingredientes que se enfrentarão com a linguagem, sempre heterogênea, para vestir o indizível. É nesse ponto que um autor, ao criar uma linguagem transversa para dizer à diferença, é renegado pelo próprio tempo, pois como diz o filósofo Alain Badiou****: "toda língua encarnada se torna uma língua da situação", e aquilo que se recusa a essa língua sofre os empurrões violentos para o depois, sentença dolorosa demais, pois se a intenção é agora, o público só depois.

A decapitação faz a cabeça rolar para adiante, enquanto o corpo suporta o anonimato da genialidade que se alçou para horizontes cuja visão só os olhos do futuro poderão construir.
Mas nada aí pode ser tocado, nada pode ser tirado, pois esse sacrifício é a marca, o preço da obra que recusa os museus e as livrarias de plantão. Enfim, não há nenhum espaço de consagração disponível até então, pois só a morte do autor, acrescido de sua ressurreição tardia, possibilitará o encanto do que não se viu, caso em que a ignorância pagará sua culpa com exposições, edições finas, bustos etc. e depois a obrigação universitária com seus especialistas requintados.
Diria a esses proscritos de época o seguinte: lamento profundamente minha ignorância e a dos que comigo compartilham essa cegueira. Mas do futuro onde me encontro, ouso afirmar que essa plataforma que nos sustenta jamais seria possível sem a sua obra com tudo que lhe sangrou.
E lá onde os caminhos se cruzam, mesmo sem se encontrarem, não faltará indicação do que a vida lhe deve, por ter ganho mais visibilidade e onde o tempo pôde se atualizar, e por isso, em nome dessa humanidade lenta, digo de onde o coração faz correr a seiva do que é mais sincero: muito obrigado.

---

* CIORAN, Emil. *Nos cumes do desespero*. São Paulo: Hedra, 2012.
** CALÇADO, Thiago. *Doença: sofrimento e vida nas filosofias de Friedrich Nietzsche e Blaise Pascal*. Marília: UNESP, 2009.
*** Disponível em: https://www.intercuba.net/wiki/articles/f/i/ó/Fiódor_Dostoyevski_f784.html Acesso em: 15 fev. 2016.
**** BADIOU, Alain. *Para uma nova teoria do sujeito*. Rio de Janeiro: Relume Dumará,1994.

RICARDO BELLISSIMO

As diferentes plataformas, sejam elas para o livro impresso ou digital, fazem com que o leitor trabalhe permanentemente a sua imaginação ao longo de um texto. Acredita, por isso, que o *audiobook* possa fomentar uma legião de leitores mais preguiçosos e que, ao fim, leve a uma consequente desqualificação do leitor? Ou, ao contrário, crê que esse formato sonoro-literário pode incentivar o surgimento de novas e produtivas conexões neurais?

FABIO SHIVA

Essas coisas são tão relativas, não é mesmo? Não podemos afirmar com toda a certeza que uma pessoa que lê um livro está necessariamente obtendo um benefício maior que outra que ouve um audiolivro, por exemplo. Vamos imaginar a seguinte situação: o sujeito A está lendo o *best-seller* do momento, enquanto o sujeito B ouve a narrativa de *Guerra e Paz*, do Tolstoi, ou a leitura de alguma peça de Shakespeare. Qual dos dois sujeitos está se enriquecendo mais, em termos culturais e de evolução de consciência? Novamente não podemos dizer com certeza, pois tudo depende necessariamente de quem são esses sujeitos A e B, qual é a sensibilidade e a bagagem de cada um, e por aí vai. Um bom leitor consegue tirar mais proveito de um livro ruim que um leitor medíocre de um grande clássico.

Há um bom tempo perdi a ilusão de que só o hábito da leitura torna uma pessoa inteligente. Há pessoas que leem de tal forma, que daria no mesmo se estivessem assistindo à televisão. E isso não se refere apenas ao tipo de leitura escolhida. Muitas pessoas leem apenas com o cérebro, não sabem ler com o coração. Assimilam intelectualmente o que foi lido, são capazes até de dar aulas a respeito, mas em momento algum deixam aquilo que leram tocar suas vidas, provocar algum tipo de transformação.

Por outro lado, as pessoas são diferentes e processam de formas diferentes as informações que chegam do mundo. Os tipos psicológicos descritos por Jung exemplificam bem essa diferença: uma pessoa é mais intuitiva, a outra é mais racional; uma se guia mais pelos sentimentos, a outra pelas sensações; e assim por diante.

Existem pessoas que assimilam informações mais facilmente por meio da leitura. Eu sou uma delas. Na época da escola – e até na faculdade – sempre matei muitas aulas, pois não tinha paciência para ficar tanto tempo ouvindo alguém falando. E conseguia me garantir nas provas justamente porque gostava de estudar a matéria lendo os textos, sempre senti que aprendia mais rápido assim que na sala de aula. E existem pessoas que funcionam ao contrário de mim: assimilam bem o que ouvem, mas ficam dispersas quando precisam ler algo. Isso não tem nada a ver com inteligência, são apenas diferentes maneiras de interagir no mundo.

Temos uma noção muito arraigada de que a visão é o mais nobre e elevado dos sentidos. De fato, o mundo seria um terrível desperdício de beleza se não houvesse o dom da visão. Mas isso não é motivo para subestimarmos os outros sentidos! Ainda mais agora, nessa era de maravilhas, quando surgem pessoas dotadas de novos sentidos, como os sinestésicos, que são capazes de ver as cores e sentir o sabor dos sons!
Já temos o *audiobook* (ou audiolivro), livros em alto-relevo e com ilustrações em 3D, livros com sons e cheiros, e até livros comestíveis! Como observador, acho tudo muito válido, mas confesso que essas novidades não chegam a me empolgar como consumidor – até porque sou um péssimo consumidor. Prefiro guardar meu entusiasmo para o dia em que inventarem o livro telepático, que é escrito apenas no pensamento e vai da cabeça do escritor direto para a do leitor!

SERGIO CARMACH

Schopenhauer afirmou que "quem escreve para os tolos encontra sempre um grande público."*

Essa citação pode ser usada para se discutir algumas questões, inclusive uma bastante delicada: o gosto pessoal. Nesse caso, quem seriam os tolos? A empatia de alguém por algo pode ser um vislumbre de sua essência? Há como supor o nível intelectual, de sensibilidade artística ou de caráter de uma pessoa pelo gosto que ela manifesta? Ou, conforme diz o senso comum, gosto realmente não se discute?

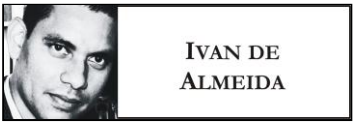
* SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. Porto Alegre: L&PM, 2009. p. 133.

GUSTAVO ARAUJO

Ao que parece, Schopenhauer acreditava que o público em geral era pouco inteligente. Apesar de antipática, a afirmação encontra reflexo ainda hoje. É corrente a afirmação de que as pessoas preferem a cultura fácil e de consumo rápido.

Difícil negar isso. Todo mundo que escreve está ciente de que os livros hoje precisam enfrentar a concorrência de mídias rasas e instantâneas, como televisão e redes sociais.
Mas, mesmo se nos voltarmos para o universo literário apenas, receio que a afirmação permanecerá válida. As pessoas têm preferência por livros mais fáceis, por assim dizer. Livros curtos, de narrativa simples e absorção rápida atraem um número maior de leitores. Não que sejam necessariamente ruins. Há muitos livros concisos excelentes, mas eles são exceção.
De todo modo, acredito que é válida a afirmação de que a empatia de alguém por algo revela sua essência. Se uma pessoa afirma gostar de Stephen Hawking, por exemplo, posso deduzir que a princípio se trata de alguém inteligente, com interesses por assuntos científicos. O mesmo vale para quem aprecia Jean Paul Sartre – a princípio é alguém que se sente tocado por questões filosóficas.
Já alguém que se diz orgulhoso de não ler livros, mas sim quadrinhos da Turma da Mônica, poderá ser visto como uma pessoa que prefere se refugiar num ambiente literário infantil, próximo, talvez, de uma nostalgia irremediável.
Quem é mais inteligente? Difícil responder. Embora o gosto por determinado autor ou tema reflita os interesses pessoais de quem lê, não acredito que isso demonstre, por si, o nível intelectual.
Aliás, o que é inteligência? Se considerarmos que se trata da habilidade para responder questões abstratas, em resolver problemas práticos, a leitura de clássicos como Eça de Queiroz ou Machado de Assis parecerá irrelevante. Se for a habilidade de se adaptar ao ambiente, o contato com John Keegan parecerá despropositado.
É cediço que a inteligência de um indivíduo não pode ser aferida por critérios unicamente científicos, e nem deduzida a partir dos livros que essa pessoa lê. Naturalmente dependerá de fatores outros, impossíveis de mensurar.
Dito isso, é impossível não concluir que gosto não se discute.
Certa vez ouvi falar que Einstein era fã de Mickey Mouse. Provavelmente é uma afirmativa apócrifa e, talvez, inverídica, mas de todo modo não é impossível imaginar a cena. Mesmo às sumidades intelectuais é permitido o consumo de cultura pasteurizada. E o mesmo vale para a via inversa.

A arte de escrever está bem facilitada com as novas tecnologias. Pessoas que dificilmente – ou jamais – teriam chance de ver seus trabalhos publicados estão conseguindo isso atualmente, seja virtualmente ou mesmo em tradicionais livros de tinta e papel. Resulta disso que nenhuma peneira é feita, e jorram textos mal escritos em todos os sentidos. Mas também há o bom escritor e aquele que melhora com o tempo e a prática. Quero acreditar nisso, pois me incluo nessa onda. Será que todo esse movimento literário virtual atrapalha o bom escritor? Será que o mercado o nivela por baixo, por estar ele atuando na Internet?



O joio está misturado ao trigo de uma forma muito acentuada, e não é apenas pela facilidade de publicação. A literatura está nivelada por baixo. De todo modo, existem bons autores, mas prejudicados pela falta de incentivo e visibilidade. Enquanto isso, a subliteratura na Internet vai ganhando cada vez mais espaço, confundindo e piorando a situação.

Como você vê a relação entre grandes e pequenas editoras no mercado brasileiro?

Hmmm, acho que não existe relação propriamente dita. Em alguns casos, sequer competição, pois há editoras que poderiam ser chamadas de idealistas – como a Patuá, por exemplo – que talvez nem pretendam atingir o mesmo público que uma Record, Cosac ou Companhia. Não domino os

bastidores do mercado editorial, mas desconfio que as pequenas sempre padecerão para sobreviver, porque a regra geral para continuar em pé como empresa é ganhar dinheiro; e livro, que infelizmente não é tido como coisa necessária para grande parcela da população (muitos consideram grifes e baladas muito acima em termos de prioridade), para vender precisa de *marketing*, divulgação. E isso custa dinheiro (ou uma mistura de acaso e sorte).

Porém, o papel das pequenas, como forma de tentar quebrar a hegemonia do estritamente comercial, é fundamental.

Diversidade de oferta de títulos é algo salutar para que o leitor possa escolher, mas não me iludo... São poucos os que escolhem com base em seus próprios critérios. O mais provável é que se faça sentir o efeito da divulgação massiva e eficiente. De qualquer forma, sou insana o bastante para considerar a possibilidade de editar algum dia.

IVAN DE ALMEIDA

Nações latino-americanas como o Chile, com Gabriela Mistral em 1945 e Pablo Neruda em 1971, a Guatemala, com Miguel Ángel Asturias Rosales em 1967, o México, com Gabriel García Márquez em 1982 e Octavio Paz em 1990, e o Peru, com Mario Vargas Llosa em 2010, já tiveram ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura. O que falta ao Brasil para possuir um autor nessa lista seleta?

MOGG MESTER

Adaptação. A literatura nacional tem um forte, que para muitos é um atrativo nobre e característico: a regionalização. Tratar de temas regionais é muito interessante, principalmente para quem é da terra, mas, se nossa literatura se propõe a extrapolar o território nacional, precisa de algo mais do que olhar para o próprio umbigo e fazer críticas locais. Não estou dizendo com isso que devamos abandonar o regionalismo, a autocrítica.

Mas precisamos nos abrir mais a temas que abarquem a atenção do público externo, que infelizmente não está interessado em nossos problemas internos ou históricos. Se nos focarmos em temas mais gerais, que toquem a humanidade como um todo, acredito que em breve teremos autores brasileiros nesse *hall* da fama literário. Mas se ficarmos encapsulados e presos ao estilo de autores do século XIX e início do século XX, se contemplarmos apenas eles como merecedores de atenção do público nacional, nem sequer sairemos do lugar; e nos manteremos alinhados com estilos, escolhas, argumentos literários de duzentos anos atrás. Não nos atualizando, mantemo-nos aprisionados ao sucesso do passado e nos fechamos às promessas do presente. Precisamos de novidade. E por novidade entenda-se transcender a própria cultura, não a negando, mas levando-a para fora de nosso país como algo que não é só brasileiro, e sim do mundo todo.

O que você acha que ganha e o que acredita perder com o tempo gasto flanando nas redes sociais?

A diferença entre o remédio e o veneno está na posologia. De forma semelhante – dependendo da dosagem, do intervalo entre as doses e dos motivos pelos quais são utilizadas – as redes sociais podem ser um tônico que faz o usuário perceber melhor o ser humano e o mundo ao seu redor ou uma peçonha que intoxica os neurônios, potencializando a alienação e a ignorância. De um modo ou de outro, não há como negar que elas agem como uma droga, aliviando as dores dos comedidos e viciando os imoderados. E é sempre bom lembrar: o alívio dá prazer; o vício, diversão. Refletindo sobre essas questões – sejam elas analogias perfeitas ou nem tanto – o escritor entenderá que as redes sociais só lhe trarão benefícios se ele souber como usá-las e se não tiver como foco o mero entretenimento.
Pode parecer inacreditável, mas, antes de me inscrever nas redes sociais, minha mente vivia em um mundo da fantasia em relação ao que seria o universo literário, em especial o independente, do

qual eu pretendia fazer parte. Digo "fantasia" no sentido de "visão equivocada", não no de "maravilhamento alienado", pois minha ilusão pintava um quadro sombrio e difícil, em que a chance de se destacar envolvia muito trabalho, esforço, talento, estudo, conhecimento sobre o nosso idioma... Para ser colocado no patamar de obra digna, um livro – pensava eu – deveria trazer uma linguagem trabalhada – ou seja, português perfeito, uso de termos não tão coloquiais, criação de um estilo próprio interessante... – e deveria ter uma trama ousada, minimamente complexa e diferente de tudo. As redes sociais, porém, acabaram mostrando o oposto desse fantasioso cenário "sombrio", onde apenas escritores de alta capacidade sobreviveriam. Fiquei feliz, então? Bem... Eu diria que não, pois o panorama descortinado me pareceu ainda mais assustador: a exigência da excelência – algo intimidante e quase impossível de alcançar, mas admirável e desafiador – mostrou-se uma quimera; no lugar dela, surgiu a ascensão por degraus ordinários como uma tentação nada pecaminosa para muitos, um hedonismo materializável. E como é larga e pouco íngreme essa escada... Para escalá-la, basta a vontade (ou a falta dela, dependendo do ponto de vista).

Na qualidade não só de escritor, mas também de revisor, sofri certo desapontamento ao entrar no *Facebook*. Vi semianalfabetos – que escrevem aberrações do tipo "*atropessando* em pedras" (isso é real!) – oferecendo seus serviços de revisão sem a menor vergonha; e, para aumentar ainda mais meu espanto, sendo recepcionados como se profissionais fossem. Pronomes oblíquos átonos? Atratores? Ordem direta e indireta? Paralelismos? Concordâncias? Pontuação e acentuação? Vocativo? Tais temas, básicos, parecem distantes do rol de conhecimentos dessas pessoas, embora elas – quando sabem minimamente do que se trata – imaginem dominar. Mas, de qualquer forma, o que são regras chatas quando existe aquela escadinha nada inclinada para fornecer uma fácil ascensão aos céus? Essa realidade me foi mostrada pelas redes sociais, e talvez eu ainda vivesse na ignorância se não fosse por elas.

Especificamente quanto aos escritores, uma multidão declara-se como tal no *Facebook*. A princípio, fiquei exultante e procurei o máximo de interação. Porém, após ler inúmeras obras, foi difícil esconder a decepção com a grande quantidade de livros baseados em fórmulas prontas, pouco criativos e repletos de atentados linguísticos. Mas cúmulo do assombro foi notar o público

aceitando qualquer escritinho como grande coisa. Flanando pelo *Face* por entre panelas de variadas tendências e de interesses diversos, pude ver em cores vivas como nosso povo cultua a filosofia do "vencer no grito". Com simpatia, cara de pau, segurança ensaiada e pose, iletrados viram revisores, despreparados viram professores e escrevinhadores viram escritores aos olhos da massa, que releva o pouco estudo ou a escassa bagagem cultural de qualquer um que tenha bom *marketing* pessoal e transite pelo óbvio. Infelizmente, essa massa se mostra simplória tanto ao avaliar os enganadores quanto os críticos. O *Facebook* é bombardeado diariamente por mensagens do tipo: "o Fulano falou mal de Citrano porque tem inveja." O senso comum costuma tachar os críticos de invejosos, os reclamantes de carentes, os incomodados de frustrados, os insatisfeitos de recalcados, os debatedores mais exaltados de ressentidos..., colocando espíritos legitimamente críticos e honestamente rebelados no mesmo saco de seres vis, aqueles de fato dominados por maus sentimentos e adeptos da invídia agressiva. Enxergar essa realidade é importante para o escritor iniciante, que precisa saber em quem confiar ao escolher quais caminhos seguir.

Conferindo com frequência as publicações nas redes sociais, é possível questionar em que sintonia as cabeças andam funcionando. Eu ando me fazendo muitas perguntas. A literatura estaria abrindo espaço para o exercício do deslumbramento em detrimento da arte de escrever? Os leitores estariam valorizando mais a postura socialmente agradável dos autores que o talento mostrado por eles? Fazer parte de panelas, algo desejado pela maioria, seria uma maneira de crescer como autor ou uma forma interesseira de facilitar as conquistas pessoais? A ausência de debates polêmicos entre escritores significaria uma homogeneidade de pensamento ou evidenciaria o uso das redes sociais apenas como meio de divulgação?

Em relação às perguntas acima, formulei minhas teorias: a busca pelo *glamour* seria bem mais intenso que o desejo de escrever bons livros; os leitores em geral valorizariam mais o carisma que a qualidade literária; os autores, em especial os voltados para a escrita de mero entretenimento, estariam se unindo em prol de sua ascensão individual, sendo simples parte do jogo a eventual divulgação por um do trabalho do outro; muitos escritores não teriam interesse nem conteúdo para participar de debates

visando o crescimento da literatura, limitando-se ao raso, ao não comprometedor, ao simpático, às motivações de autoajuda e ao apelativo em geral em suas manifestações públicas.
Talvez essa visão tão negativa seja consequência não só de meu temperamento, mas de um período prolongado focando o quantitativo. Porém, ao filtrar o qualitativo nas redes, coisas boas começaram a se revelar. Guetos onde se "escondem" mentes incríveis existem e merecem ser visitados. É nesses lugares que vejo alguma chance de evoluir minha escrita, que ainda considero crua em alguns (talvez muitos) aspectos. Sinto necessidade de interagir de forma produtiva e não egoísta com escritores que respeito, trocando ideias, impressões e ensinamentos. Este livro, aliás, é uma admirável consequência disso que estou falando. Minha participação nele é fruto de intercâmbios literários positivos realizados nas redes.
Por fim, sendo bem genérico, eu diria que as redes sociais escancaram a mediocridade do mundo. Isso é negativo, pois causa tristeza; e positivo, pois espanta a ingenuidade nociva. Conforme dito no início da resposta, as redes são grandes aliadas daqueles que as utilizam bem. Quem faz isso – e, melhor, carregando objetivos nobres – transforma simples ambientes virtuais de interação social em instrumento de crescimento pessoal e coletivo.

O imperador romano Júlio César disse algo como "não basta ser, tem que parecer". Quão verdadeiro é isso em termos filosóficos? E qual a relação dessa sentença com o universo literário?

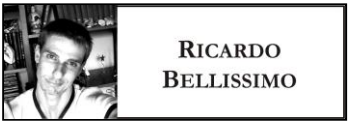
GUSTAVO ARAUJO

SIMONE MARQUES

Eu diria que isso hoje faz parte da cultura que prega a necessidade de agradar aos outros. "Seja", "faça" e "viva" seriam palavras mais adequadas para enfrentar uma sociedade que privilegia a aparência em detrimento de tudo o mais. Para muitas pessoas o "ser" deixou de entrar nessa equação e o verbo foi substituído pelo "ter". No universo literário serve a mesma

máxima, infelizmente. Uma obra pode ser péssima, mas sua aparência (e aqui também se leia: o quanto foi gasto em *marketing*) é o que vai fazer dela um grande acontecimento. O conteúdo pode ser um emaranhado de clichês mal costurados, mas foi escrito por Ciclano e apareceu na TV: isso é o suficiente para tornar a obra desejada e um sucesso.

É a literatura primordialmente um gozo autoerótico, onde o leitor é um *voyeur*?



Se o leitor está sentindo um prazer autêntico com a leitura, seja qual for esse prazer, o livro então já cumpriu o seu papel: a sua natural fruição orgástica.

O prazer com um livro pode, por isso, variar do puro e simples deleite à autoflagelação mais masoquista. Neste último caso, ao se permitir confrontar com um tema que lhe é profundamente incômodo, o leitor em algum momento perceberá a vantagem desse embate, já que este pode se revelar extremamente positivo ao lhe permitir enxergar suas próprias problemáticas por um viés diferente.

Ao se enxergar, portanto, numa situação em que existam problemas e conflitos semelhantes aos seus, o leitor, ao fim, sente-se mais seguro para compreender melhor as suas próprias mazelas psicológicas. Às vezes, só a intimidade solene com um livro pode proporcionar esse amadurecimento pessoal.

Por isso, em determinadas situações, apenas o lirismo contido nas palavras, sejam elas sórdidas ou poéticas, é capaz de criar a segurança necessária na psique humana para que ela se sinta minimamente segura a fim de continuar fruindo, sem culpas e medos, o merecido gozo em sua odisseia pessoal.

Se tudo o que você escrevesse se tornasse realidade, que tipo de livro você escreveria?

ANORKINDA NEIDE

Parto da crença de que a realidade é ilusão, portanto, nascendo um livro de minhas mãos, seria ele um projeto de sonho/realidade. As imagens mentais por ele formadas atingiriam o ponto de materialização no final da obra. Com o cuidado que todo rebento exige, meu livro seria conduzido com habilidade para dentro do turbilhão de ondas eletromagnéticas cerebrais de todo leitor... Com a boa disposição de criança sadia, ele induziria bons sentimentos, ele ampliaria as emoções nos corações...

ALEXANDRE BHERING

Eita pergunta poderosa e comprometedora! Talvez eu não escrevesse. Prefiro pensar que escrever é sempre para a liberdade do imaginário, tendo em conta que o que rege o jogo da leitura é tanto a identificação quanto a des-identificação. Essa me parece a graça tanto do escrever quanto do ler, um deslize do que me identifica ou a distância do que me estranha, um perpassar pelo mundo interno em suas construções semânticas, levando-as ao limite de suas promessas, ou certo arremessar a um campo onde elas não funcionem como senha de entrada. A realidade é só efeito que compromete o lugar de onde se lê, logo, de algum modo, todo livro reivindica "certa realidade" para si, já que em sua constituição há o trabalho de oferecer tudo que impressione o leitor, que o leve a certo realismo viajante, lugar onde novas combinatórias sejam possíveis, com um grau de liberdade maior do que a realidade soberana permite. Seria extremamente mágico a escrita se tornar realidade sem fazer seu percurso pelo imaginário e sem afrontar o simbólico, uma ferramenta politicamente reivindicada como bastão de transformação social, onde as grandes estacas do empacamento seriam diluídas e o desejo dispensasse a lei de sua vigência. Seu lugar então mudaria, pois seu ganho de poder seria extremo, o que comumente não tem. E eis sua sedução, pois escreve-se para um quantitativo sem números, uma pretensão incerta que obriga ao vigor da fragilidade, uma inesgotável fonte de inspiração, pois é o fraco que induz à escrita onde a força levanta seus punhais. Então esse livro direto, sem pouso e sem parada, tiraria o brilho

da literatura enquanto um parto, enquanto uma maiêutica da alma, parida com todo encanto universal, justo ali, onde a natureza se esconde para que a arte a invente a seu gosto e a escrita lhe nomeie como ensaio, o texto que carece de conclusão.

5

ESCREVER PARA QUÊ?

[texto coletivo]

ALEXANDRE BHERING

BEN OLIVEIRA

FERNANDO DE ABREU BARRETO

IVAN DE ALMEIDA

MOGG MESTER

SERGIO CARMACH

ANORKINDA NEIDE

FABIO SHIVA

GUSTAVO ARAUJO

MAUREM KAYNA

RICARDO BELLISSIMO

SIMONE MARQUES

O desejo de escrever geralmente nasce do fascínio da leitura. Daquela paixão reconfortante que nos convida a despejar nossos absurdos em páginas brancas de papel ou na tela do computador. Porque o enamoramento começa com a descarga de expectativas, com aquele desejo de por tudo para fora e depois ver o resultado. E a sensação posterior se sobrepõe ao prazer de vislumbrar uma página inteira manchada de preto, repleta de riscos que quando se juntam podem trazer admiração, espanto, alegria, tristeza e mais um número incalculável de sentimentos e sensações diversas, mas coerentes. Escrever nasce na leitura e morre na concretização do renascer sempre a cada nova página. É um querer inacabável que nos devora e vicia, mas também premia. O texto é o nosso objeto de amor, prova cabal desse desejo semeador e infinito.

Pode-se escrever por qualquer coisa, mas onde "a escrita vale a pena" escrever é um ato de ruptura, já que aí não se escreve para o endereço de sempre. E, curiosamente, o novo endereço não é um lugar marcado de início, pois de forma geral, toda obra começa como ensaio, um jogo de decisões a cada esquina próxima, bifurcações que fazem consistir o enredo a cada passo e, ao abrir uma seta, fazem desdobrar o próximo passo, numa sequência titubeante, em que tudo se dá e tudo se vai e onde apegos e desapegos se enfrentam em agonias de prestígio. Um passo compõe o outro que compõe o seguinte, como se cada um deles apresentasse suas inclinações e caprichos, raramente permitindo pressas e atropelos, e como se o conjunto, a arquitetura invisível da obra estivesse ali, fazendo escolhas e correções para a estética que melhor lhe compõe. Embora a estética talvez se coloque como prioritária como requisição de arte, tanto a ética como a dietética também ali concorrem, pois a ética induz o registro dos olhos na leitura e a dietética o gosto, o sabor de quero mais ou menos, de acordo com o prazer ou desprazer que a epiderme literária suscite.

É esse lugar indefinido, que só existe como apontamento, pois como verbo só no gerúndio... pois vai existindo, numa cumplicidade tão íntima quanto a multiplicação da obra, mesmo que possa ser consagrada por muitos. É na singularidade da penetração privativa que o coito se estabelece como um ato de amor, gerando o terceiro, aquele que não existia antes nem no autor ou no leitor, pois dependia dessa liga que faz a ponte com o imprevisível.

Escrever é deixar o espírito livre, sair de si e embarcar em aventuras extraordinárias. É olhar para o novo como um bebê em suas primeiras descobertas do mundo. É apreender a realidade para depois transcendê-la por meio das palavras.
Talvez esse olhar para o novo seja muito vago e relativo. Para se escrever é necessário digerir um sem número de vezes as nossas nostalgias, entre outras tantas experiências afetivas, sensuais e sensoriais, e igualmente as dolorosas. Remoê-las depois outro tanto e com elas aprender a enxergar, agora sim, algo novo. Para depois, e só depois, o escritor possuir alguma autonomia digna consigo mesmo a fim de desentranhar algo minimamente relevante em uma folha de papel.
Porém o mais importante para que um texto possa de fato alcançar com alguma cumplicidade o leitor é que antes o próprio escritor se dispa de todo e qualquer preconceito. Só assim será a ele permitido analisar uma situação, seja dramática ou cômica, por ângulos os mais divergentes possíveis. Esta é, ao fim, uma exigência fundamental a todo aquele que pretende fazer da escrita a sua profissão.
Escrever é necessidade. Anseio de traduzir a parte do mundo ou das pessoas que perturba ou intriga, para aplacar a sensação de se encontrar a esmo na existência. Pode ser necessidade de se entender, de se perguntar ou de se responder. Haverá momentos em que atenderá à necessidade de fuga, ao desejo de saltar no tempo, seja para remendar o passado ou para atingir uma hora mais calma no futuro. Escrever é não suportar a vida, ao mesmo tempo em que se deseja estendê-la à eternidade (ao menos à possível eternidade de ser novamente encontrado quando as páginas escritas forem lidas em algum tempo à frente).
Do mesmo modo, há dois tempos fundamentais para o escritor: o tempo de se calar e o tempo de escrever. Um se alimenta do outro, contínua e necessariamente, para os pensamentos poderem encontrar o impulso indispensável que o fará confrontar-se com o desconhecido. Um escritor jamais poderá temer o desconhecido. É necessário antes domá-lo, já que o desconhecido é o néctar essencial para aventurá-lo através das sendas de alguma história que ainda se encontra soterrada entre as inúmeras cavidades de seu coração.
Escrever é terapia. Como num jogo, o autor se mostra a seu leitor e entrega a ele o seu universo interno, como se a um terapeuta entregasse sua alma e sua cura. E tão mais honesto

quanto mais profundo será o mergulho às regiões mais abissais do oceano, onde está submerso o inconsciente do escritor. E se nele não souber nadar, tanto melhor. É preciso tornar-se náufrago dos próprios erros, medos e desesperos, para ao fim encarar com perseverança uma folha em branco.
Escrever é volúpia. Em um furor por satisfação, a arte encontra nas palavras a expressão que sempre busca. Às vezes o amor carnal igualmente necessita de palavras carinhosas ou até sórdidas para atingir a fruição natural de seu gozo. Não é preciso dizer mais.
Escrever é megalomania. O desejo de atingir o máximo, a qualidade e a realização do leitor. Vai ao gosto do freguês. Se o freguês-autor não sentir um mínimo de honestidade com o que escreve, melhor enfiar as próprias palavras junto com a sua pretensa megolamania no próprio rabo.
Café sobre a mesa, ou água, ou vinho. Mesa, ou cama, ou computador no colo. Computador, *moleskine* ou caderno pautado. Música, silêncio ou a sinfonia do trânsito que invade a janela. Escrever em casa, na mesa de um café, na beira da praia, ou no percurso do metrô. Ficção ou não ficção. Infantil, terror, literatura policial, melodrama para donas de casa entediadas, ou alta literatura reflexiva que modifica o mundo literário e, porque não, o planeta Terra? Vestido com sua melhor calça moletom e camiseta de algodão, ou nu. Na língua nativa, ou estrangeira. Quem sabe, criar uma nova língua? Com apoio dos pais que reconhecem precocemente o talento do filho genial, ou debaixo da gozação dos amigos do peito. Para pagar as contas de casa, garantir um carro zero quilômetro, ou conseguir pagar a cerveja no fim do mês. Na busca do gozo autoerótico, ou proporcionando prazer universal. Atrás de prêmios, prestígio, satisfação pessoal ou para impressionar a menina mais bonita da sala. Pela manhã, à tarde ou de madrugada. Na alegria, ou na tristeza. Na saúde, ou na doença, escrever é um trabalho como qualquer outro.
Mas se engana quem acha que escritor trabalha pouco. Da hora que acorda à hora que vai dormir o escritor está de serviço. Por vezes até durante o sono. Até dormindo, ou melhor, sobretudo dormindo, o escritor pode aproveitar *insights* magnânimos de seu inconsciente e dali resgatar enredos preciosíssimos. Assim como enigmas oníricos a serem posteriormente melhor elaborados.

Estar atento aos próprios sonhos é, sem dúvida, um dos tesouros mais valiosos que se abrem para um escritor explorar.
Escrever pode ser um modo de não enlouquecer. Pode também ser o meio por que se enlouquece. E também o caminho por que se compartilha essa loucura. Neste intercâmbio de obsessões, neuroses, melancolias, o escritor e o leitor conversam juntos, sozinhos, acordados, sonhando. "Você está lendo muito. Vai acabar enlouquecendo!". "O que será que ele tanto escreve? Vive trancado naquele quarto!". "Por que não escreve histórias mais leves, finais felizes?". Escrever exige entrar no hospício das palavras e cuidado para não ficar preso dentro de suas realidades inventadas. A válvula de escape, o paraíso temporário pode se tornar morada eterna. "O que você faz além de escrever?". Há que se entregar ao descontrole ao escutar a pergunta. No mundo 'normal', ser escritor não é o suficiente. Que tipo de louco dedica a vida a compor histórias? Alguém precisa pagar o preço.
Escutar vozes, teletransportar para outras dimensões, reinventar o passado, rabiscar o papel, ler, reler, reescrever, cortar, costurar, amassar, rasgar, gritar, rir sozinho, chorar e se emocionar. Narrador, autor, personagem, protagonista, antagonista. Ser todos e ao mesmo tempo ser ninguém.
De nada adianta, porém, se o escritor não tiver um ouvido cortês para assim aventurar-se a escutar compassivamente as agruras, os dissabores, as contrariedades, bem como os amores e afetos alheios. Tudo isso lhe são como sonhos tornados reais e que estão de pronto ao seu alcance. É preciso deleitar-se, portanto, com a alma alheia.
Escrever é saciar o desejo pela palavra. É aplacar o pensamento exacerbado e revigorar o sentimento adormecido. Escrever é ação auto-imposta por determinação em acolher o que dita o coração, é transfigurar a emoção e gemer em ablução. Escrever é necessidade, loucura em mente sã e é também bondade, oferenda que se entrega num afã.
Escrever pode ser tão excruciante quanto o uivo de um animal ferido na noite, ou quanto ter um juiz e algoz em seu próprio ser. É um ato feito com metade amor, metade insanidade.

ALEXANDRE BHERING

Psicólogo por formação acadêmica. Psicanalista formado pelo Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. Especialista em grupo e instituições formado pela Sociedade Psicoterapia Analítica de Grupo. Psicodramatista formado pela Sociedade de Psicodrama de São Paulo. Consultor e supervisor em Instituição Psiquiátrica. Consultório particular. Palestrante e autor de diversos ensaios.

ANORKINDA NEIDE

Anorkinda é pseudônimo de Neide Escada da Rosa, nascida em Porto Alegre, RS. Poetisa com projetos na Literatura Infantil, Adulta e Infanto-juvenil. Participou do POEMAS NO ÔNIBUS da cidade de Porto Alegre e Antologia do CBJE. Edita os blogs QUERUBIM (poemas infantis) e DE DENTRO DE MIM (poemas adultos). Tem seus livros de poesia publicados de forma independente pela Editora Clube de Autores.

BEN OLIVEIRA

Ben Oliveira nasceu em 1989 e mora em Campo Grande (MS). Escritor, blogueiro e jornalista por formação. Autor de contos publicados em diversas coletâneas, alguns destes disponíveis na Amazon. Mantém o blog www.benoliveira.com. Entre os seus contos publicados estão: Para Sempre Uma Estrela, no livro *Mentes Inquietas*, da Andross Editora (2013); Pesadelo no Hotel, no livro *Sonhos Lúcidos*, da Andross Editora (2013); O último dos príncipes, no livro *Amores (Im)possíveis*, da Andross Editora (2013); Transformações do Amor, na coletânea *Homossilábicas Vol. 3*, da Editora Escândalo (2013); Pesadelos de Catarina, no Ebook gratuito *A Hora do Pesadelo* / Disponível no Wattpad (2014); Lágrimas de Medusa, no livro *Seres Mitológicos*, da Editora Buriti (2014); O Assassino da Floresta, no livro *Luz e Escuridão*, da Editora Buriti (2014); O Último Corte, na coletânea *Cultura, Livros e Contos*, da Cultura em Letras Edições; Carta da personagem Amélia, no livro *Remetente N15* (2015). Prêmios e Reconhecimentos: Premiado na categoria Literatura em apoio a Diversidade Sexual – Troféu APOLO Amigos da Causa, em 2015. 3º lugar na categoria "Graduação e Pós-Graduação", no Concurso de Narrativas Morro Reuter 2013, com o conto Monga. Finalista do Prêmio SESC de Literatura 2013/2014. Dos 214 romances inscritos, 37 foram pré-selecionados. Classificado com o conto Coração Defenestrado no I Concurso Literário "Cidade das Asas" – Galvão Peixoto (SP).

FABIO SHIVA

Fabio Shiva é músico, escritor e poeta. Trabalhou como *ghost-writer* em livros de astrologia e como revisor em diversas publicações. Como alguns de seus escritores favoritos, exerceu diversas outras profissões: camelô, body piercer, analista de RH, corretor imobiliário, diagramador, produtor cultural, secretário social, radialista, compositor de jingles políticos, professor de violão. A carreira musical foi

iniciada com a banda Imago Mortis em obras como o aclamado *VIDA – The Play of Change*, disco que foi considerado um dos melhores lançamentos do rock pesado nacional. Hoje toca baixo nos Mensageiros do Vento, em fase de produção de *ANUNNAKI*, a primeira ópera-rock em desenho animado já feita. Fundou a Comunidade Resenhas Literárias, que já fez circular centenas de livros pelo país com o projeto P.U.L.A. (Passe Um Livro Adiante). É facilitador da *Oficina de Muita Música!*, projeto inovador com aulas gratuitas de violão onde todos são alunos e professores de todos, na Casa da Música (Funceb/BA). Já ministrou também a oficina de *Meditação para Crianças*, e as duas oficinas estão sendo transformadas em livros. Idealizador e produtor do projeto *Pé de Poesia* em Salvador. Participou de diversas coletâneas de poesias, contos e crônicas. Em parceria com Fabrício Barretto escreveu o livro de literatura/filosofia *MANIFESTO – Mensageiros do Vento*. Publicou em 2013 o romance policial *O Sincronicídio* pela Caligo Editora. Sua história infantil *A Menininha Azul* foi selecionada para a plataforma digital do Mapa da Palavra – BA. Em 2016 lançou um livro duplo de contos: *Isso Tudo É Muito Raro! / Labirinto Circular*. Atualmente escreve seu segundo romance, *Favela Gótica*.

FERNANDO DE ABREU BARRETO

Fernando de Abreu Barreto nasceu em 1976, no Rio de Janeiro. É advogado e colunista da revista cultural digital Revista Pacheco. Seu romance de estreia, *A Forma da Sombra*, foi publicado pela editora Caligo, em 2014.

GUSTAVO ARAUJO

Gustavo Castro Araujo nasceu e cresceu em Curitiba, PR. Participou do Prêmio SESC de Literatura, Categoria Romance, edição 2009, sendo classificado para a fase final com a obra *O Artilheiro*. Participou também do Concurso de Contos Machado de Assis, de 2011, do SESC DF, com "O Logaritmo do Gato", tendo sido selecionado para a coletânea publicada na sequência. Teve os contos "Catarina" e "O Livro de Elisa" publicados na Antologia "!" – Coletânea de Contos Fantásticos da Editora Caligo, em 2013. Ainda em 2013, teve o conto "Tempo de Arte" selecionado como resultado do concurso de contos infantis "Monteiro Lobato", também do SESC DF. Em 2015 publicou o romance *Pretérito Imperfeito*, também pela Caligo. Atualmente administra o blog literário EntreContos (entrecontos.com), que promove desafios literários e publica resenhas, crônicas, artigos, contos e poesias.

IVAN DE ALMEIDA

Jornalista e pós-graduado em Marketing e Publicidade Digital, Ivan de Almeida fundou e mantém a Cogito Editora onde atua como editor, designer editorial e produtor cultural. Com 15 anos de experiência no mercado editorial, organizou seis números da revista *Cepa Poesia* (2000 a 2008), a *Revista Literária Ágora* (2002), dois volumes da *Coletânea Poiésis* (2003 e 2008). À frente da Cogito, além de outros projetos editoriais, organizou a *Coleção No Bolso*, com dez obras publicadas (2012), a coletânea de crônica *Solilóquio* (2015) e mantém, de

forma continuada, as publicações *Focus*, *Mundo* e *Cogito*. Ivan também é autor dos livros *Ciclo do Pareta e outros poemas(2012)*, *Mídia e Carnaval – Uma representação Midiática da Mudança do Garcia em 1930* (2013) e *Argeu – Uma vida de trabalho, coragem e ternura* (2014). Atualmente trabalha como assessor de comunicação do Sindicato das Distribuidoras de Combustíveis do Estado da Bahia (SINDICOM-BA). Ivan de Almeida também organiza o "Concurso Internacional de Poesia Cogito" e o "Concurso de Literatura Erótica Kama" e desenvolve dois novos projetos editoriais: *Mulher Poesia* e *Kama*. Publicou, em 2015, a edição comemorativa de 10 anos da *Focus*.

MAUREM KAYNA

Engenheira e escritora (talvez um dia a ordem se altere), baila flamenco e publica textos em coletâneas, revistas e portais de literatura na web há quase uma década, além de apostar na publicação "solo" em e-book desde 2010. A seleção de contos finalista do Prêmio Sesc de Literatura 2009 – *Pedaços de Possibilidade*, foi o primeiro e-book; depois disso, houve uma série de experiências com autopublicação, testando ferramentas de edição de e-books e plataformas para publicação independente. Em 2014 se deu a publicação do primeiro livro impresso, o *Labirintos Sazonais*, que nasceu como um projeto de literatura digital.

MOGG MESTER

Médico veterinário, Formado pela UFBA (Universidade Federal da Bahia) e psicólogo, Formado pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, entusiasta da Psicologia Analítica Junguiana, Mogg Mester reside em Salvador, Bahia. Lá, quando não se dedica à joalheria, passa parte do seu tempo livre em busca de retratar através das palavras os horrores e as taras sombrias dos humanos através de estórias de fantasia. Atualmente participa do processo de construção do game nacional *Guerreiros Folclóricos* como romancista e roteirista junto à Unique e é editor do site Clube Autores de Fantasia. Tem o conto "Cheiro de capim cortado" publicado na Seleta *Panorama da Literatura Brasileira*, pela editora Pimenta Malagueta. É autor da trilogia *A Auriflama do Caos*, sendo o primeiro volume, *A Nova Ratoeira*, já publicado.

RICARDO BELLISSIMO

Escritor, jornalista e historiador, o paulistano Ricardo Bellissimo possui publicada a novela ***L**ibido Siamesa* (premiada no I Festival de Literatura Universitário/98). De sua autoria, a editora Via Lettera publicou os romances *Sombras e Nefastos* (2003), *Sufoco* (2008), *Negro Amor* (2011) e *Sangrantes* (2015).

SERGIO CARMACH

Escritor carioca, autor de *Para Sempre Ana*, livro indicado na categoria "melhor romance" do Prêmio Literário Codex de Ouro 2013. É também videomaker, advogado e revisor de textos.

SIMONE MARQUES

Simone O. Marques, nascida em 1969, é paulistana, formada em Pedagogia (PUC-SP) e Mestre em Educação (UFPR). Escreve ficção e fantasia desde 2007. Formada em roteiro, é autora da saga de ficção histórica *Filhas de Dana*; da série de vampiros *Sabores do Sangue* e das séries de fantasia: *Os tesouros da Tribo de Dana* e *Crônicas do Reino do Portal*. Possui contos publicados nas antologias: *Draculea*, *Grimoire dos Vampiros*, *Elas Escrevem*, *Marcas na Parede*, *No Mundo dos Cavaleiros e Dragões*, *Tratado Secreto da Magia*, *Extraneus - volume I - Medieval Sci-Fi*; *Histórias Fantásticas - volume I*, *Asgard: a saga dos nove reinos*; *Espectra*; *Martelo das Bruxas* (prefaciadora); *A Batalha dos Deuses*.

Escritores perguntam, escritores respondem é um livro para penetrar no universo daqueles que fazem do ofício de escrever seu maior passaporte para outras realidades e levar consigo seus leitores, muitos deles vorazes por novas descobertas e sensações que somente a leitura é possível oferecer. É uma obra para se deleitar e aprender com as inúmeras visões sobre variados temas.

Fábio Shiva, ao convidar 12 escritores para escrever este livro coletivo, cada qual com a sua tendência e estilo, não apenas teve uma ideia digna de aplausos, como também deu imensa contribuição à literatura nacional e, para além disso, abriu uma nova possibilidade de aproximar o leitor do autor.

Os escritores que compõem este livro se desnudam, se entregam e defendem seus ideais. É um livro, acima de tudo, democrático e democratizante.

É uma obra obrigatória para estar nas estantes das bibliotecas e disponível nas livrarias, sobretudo ao alcance de professores e estudantes, assim como dos jovens escritores que buscam um pouso para amainar as suas aflições e ponto de partida para voar mais alto, de modo consciente e consistente.

A Cogito Editora, ao publicar *Escritores perguntam, escritores respondem,* sente-se honrada em contribuir para a concretização de um projeto editorial predestinado ao sucesso.

Parabéns aos escritores integrantes desta obra que, a 12 mãos, oferecem um banquete de impressões sobre a arte de escrever. Aos leitores, fica o nosso desejo de que mergulhem com prazer na leitura deste livro, atentos às descobertas que suas páginas podem apresentar.

Ivan de Almeida
Jornalista, escritor e editor.

ALEXANDRE BHERING

ANORKINDA NEIDE

BEN OLIVEIRA

FABIO SHIVA

FERNANDO DE ABREU BARRETO

GUSTAVO ARAUJO

IVAN DE ALMEIDA

MAUREM KAYNA

MOGG MESTER

RICARDO BELLISSIMO

SERGIO CARMACH

SIMONE MARQUES

ESCREVER PARA QUÊ?

Doze escritores dos mais diversos estilos e tendências, cada um de seu canto do Brasil, reunidos para trocar ideias sobre a arte e o ofício de escrever. O resultado é este livro que está em suas mãos: um bate-papo divertido e muito sério, que instiga o leitor a participar ativamente da reflexão coletiva, investigando junto com os autores os bastidores da literatura moderna. Uma obra única e atual, recomendada a todos os que amam o mundo dos livros.

ISBN 978-85-63037-61-9